UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO EM HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

JÚLIO CÉSAR DA ROSA

SOCIABILIDADES E TERRITORIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES DE AFRODESCENDENTES NO SUL DE SANTA CATARINA (1903/1950).

FLORIANÓPOLIS/SC
2011

JÚLIO CÉSAR DA ROSA

SOCIABILIDADES E TERRITORIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES DE AFRODESCENDENTES NO SUL DE SANTA CATARINA (1903/1950).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do titulo de Mestre. Área de Concentração: História do Tempo Presente.

Orientador: Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso

FLORIANÓPOLIS
2011

JÚLIO CÉSAR DA ROSA

SOCIABILIDADES E TERRITORIALIDADE: A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES DE AFRODESCENDENTES NO SUL DE SANTA CATARINA (1903/1950).

Dissertação apresentada ao programa de Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do titulo de Mestre. Área de Concentração: História do Tempo Presente.

Banca Examinadora

Orientador: _____

Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Membro : _____

Profª. Dra. Cristiani Bereta da Silva

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Membro: _____

Prof. Dr. Amauri Mendes Pereira

Universidade Estadual da Zona Oeste (UEZO-RJ)

Membro: _____

Profª. Dra. Janice Gonçalves

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Florianópolis, SC, 28/2/2011

Aos meus pais Silvino da Rosa e Maria Alba dos Santos Rosa

AGRADECIMENTOS

Desde 2008 quando iniciei o projeto de mestrado, tenho que agradecer a algumas pessoas que participaram direta e indiretamente desse processo.

À professora Débora Michels Mattos, minha eterna orientadora, a quem eu tenho grande admiração, quem me incentivou a seguir esse caminho. À professora Márcia Turatti que me ajudou e me orientou no desenvolvimento do projeto de mestrado.

Ao meu orientador professor Paulino de Jesus Francisco Cardoso por ter acreditado no meu projeto e aceitado me orientar, a quem também tenho grande admiração e respeito, e que a cada orientação percebia o meu desespero dizia "Júlio não sofre", mas era difícil deixar de sofrer, parar de pensar se eu daria conta desta pesquisa.

Nesses momentos de desespero, frustrações, insegurança, saudades de casa, sempre consegui alguém que ouvisse os meus lamentos, e me confortasse com uma palavra, um incentivo, um gesto de carinho que me dava força para seguir e não desanimar. Esta pessoa chama-se Claudia Mortari, a quem eu passei a admirar e a escutá-la atenciosamente.

Gostaria de agradecer também às professoras Janice Gonçalves e Cristiani Bereta da Silva, que participaram da banca de Exame de Qualificação com suas críticas pertinentes, possibilitando o avanço desta dissertação. Aos professores do Programa de Pós-Graduação, Silvia Maria Favero Arend e Reinaldo Lindolfo Lohn.

Aos amigos e colegas que fiz nesses dois anos no curso de mestrado, Adriano Francisco Denardi, Darlan Jevaer Schmitt que me recebeu em sua casa quando fui a Blumenau apresentar um trabalho, Giovanna Maria Poeta Grazziotin, Lisandra Barbosa Macedo, Elton Francisco, Gisele Bochi Palma, Renato Riffel, Mauro Cezar Vaz de Camargo Junior, Michele Gonçalves Cardoso, Rosiane Marli Antônio Damazio, Silvia Sasaki, Thiago Leandro de Souza, Vanessa Moraes de Gouvêa, Michele Tumelero e Daniel Pereira Xavier de Mendonça.

Ao NEAB/UDESC, e aos amigos e colegas que fiz nesse período, Professora Marilise, Priscila Costa, Priscila Freitas, Mariana (Memi), Beatriz (narizinho),Vanusa (sujeito da diáspora), Grazi, Priscila Hoffmann, Juliana Krauss, Julinna Rosa, Maristela, Ângelo, Taiane, Thais (Tatá), Eduarda (Duda), Willian (o cidadão solidário), Igor, Ivan, Kim, Lilica, Tamna,

Virginia, Karla e Mônica (Môni). Meus sinceros agradecimentos a todos por terem me entendido nos momentos de desespero. Obrigado pela atenção de todos vocês que sempre souberam me ouvir e compreenderam meus acessos de mau humor. Em especial, quero agradecer a Virginia e a Karla que me receberam no NEAB e se tornaram minhas referências. Por último, mas não menos importante, a querida Mônica, que sempre foi muito prestativa, tornando-se umas das minhas melhores amigas no núcleo.

Ao meu grande amigo Tucá, que às sextas-feiras, quando eu voltava de Florianópolis para Içara, sempre me ligava ou já estava em minha casa, esperando para pormos as “fofocas” em dia.

Aos meus pais Silvino da Rosa e Maria Alba dos Santos Rosa, e à minha tia Silvia Maria Regina Crispim.

A Ana Paula da Silva, quem eu conheci ainda escrevendo o projeto de mestrado no ano de 2008, e que me acompanhou por todo esse processo, desde a escrita do projeto até a etapa final quando fui aprovado, a ela dedico também esta pesquisa, por ter me incentivado e apoiado em todos os momentos. A você minha noiva, obrigado por ter acreditado em mim.

E, por fim, ao Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação – PROMOP, oferecida pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC por me conceder dois anos de bolsa de estudos para realização da dissertação.

RESUMO

ROSA, Júlio César Da Rosa. **Sociabilidades e territorialidade**: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903/1950). 2011.110 f. Dissertação (Mestrado em História – Área: História do Tempo Presente) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

Esta dissertação tem por objetivo analisar as fundações das sociedades recreativas Cruz e Sousa e União Operária, construídas por afrodescendentes em Laguna, Santa Catarina, no período pós-Abolição e compreende os anos de 1903 a 1950. Tal estudo pretende, por sua vez, apreender aspectos das experiências de afrodescendentes, em especial, os espaços de sociabilidade, na região sul de Santa Catarina. As análises procuraram evidenciar a organização dos clubes recreativos, bem como as suas atividades administrativas, visando compreender a dinâmica desses espaços de sociabilidade. Também, procurou-se compreender o porquê dessas duas sociedades recreativas se dividirem entre sujeitos, que se identificavam como pretos e outros como mulatos. E, nesse sentido, os esforços também se concentraram em documentar a presença de populações de origem africana no sul do Estado. Tem se tornado evidente a importância desses lugares como pontos estratégicos para seus/suas frequentadores/as, inserirem-se na sociedade, nesse cenário tentaremos perceber seus projetos coletivos e individuais, suas aspirações e expectativas quanto à ascensão social e visibilidade e respeitabilidade na luta pela cidadania e dignidade.

Palavras chaves: Populações de origem africana. Santa Catarina. Sociedades Recreativas.

ABSTRACT

ROSA, Júlio César Da Rosa. **Sociability and territoriality**: the build of the afro-descendants societies in the south of Santa Catarina (1903/1950). 2011.110 f. Dissertation (Master's degree in History – Area: History of the Present Time) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Post-Graduation Program in History, Florianopolis, 2011.

This dissertation have as objective analyze the foundations of the recreational societies Cruz e Sousa and União Operária, built by afro-descendants in Laguna, Santa Catarina, in the post-Abolition period, that comprises the years of 1903 to 1950. This study pretends, by your time, apprehend aspects of the afro-descendants experiences, especially the spaces of sociability, in the south region of Santa Catarina. The analyzes sought evidence the organization of the recreational clubs, as well as their administration activities, seeking to comprehend the dynamic of these spaces of sociability. We also seek to understand the meanings for these two recreational societies were divided between subjects that identify themselves as blacks and others as mulattos. And, in this sense ours efforts also are concentrated in document the presence of the African's populations in the south of the state. Has become evident the importance of these places as strategic points to their visitors insert themselves in the society. In this sense we will try to perceive their collective and individual projects, their aspirations and expectations regarding the social climbing, visibility and respectability in the struggle for civil rights as dignity.

Keywords: Population of African origin. Santa Catarina. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Centro Histórico de Laguna - 1900 a 1950. 23

Figura 2: Mapa da Evolução Urbana de Laguna 2007. 42

Figura 3 - Perímetro urbano de Laguna com localização dos bairros 44

Figura 4 - Vista do Jardim Calheiros da Graça e Rua XV de Novembro, início da década de 1930. 45

Figura 5 - Vista parcial da Rua da Praia (Atual Gustavo Richard), ironicamente o mesmo conduziu reformas em 47

Figura 6 - Vista da esquina do ABC e Rua Raulino Horn, antiga Rua Direita na década de 1920. 48

Figura 7 - Vista do Porto de Laguna década de 1930. 51

Figura 8 - Vista do Porto de Laguna década de 1940. 52

Figura 9 - Sociedade Recreativa União Operária 70

Figura 10 - Primeira Sede da Sociedade Literária Cruz e Sousa 83

Figura 11 - Terceira Sede da Sociedade Literária Cruz e Sousa, Localizava-se na Rua Osvaldo Aranha. 84

ABREVIATURAS

SRUO – SOCIEDADE RECREATIVA UNIÃO OPERÁRIA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

CAPÍTULO I **22**

SOCIEDADES RECREATIVAS E AFRODESCENDENTES: ESPAÇOS PRÁTICADOS NO PÓS-ABOLIÇÃO **22**

CAPÍTULO II **41**

NEGROS EM LAGUNA **41**
2.1 A cidade um olhar sobre laguna no pós-abolição 41
2.2 A cidade e seus lugares, os afrodescendentes e seus espaços. 53

CAPÍTULO III **64**

MULATOS E PRETOS EM LAGUNA: IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES EM SOCIEDADES RECREATIVAS DE AFRODESCENDENTES NO SUL CATARINENSE **64**
3.1 Nem brancos, nem pretos: a união operária e a identidade mulata de laguna 64
3.2 Cruz e Sousa: a identidade dos pretos de Laguna 81

CONSIDERAÇÕES FINAIS **92**

REFERÊNCIAS **94**

ANEXOS **103**

INTRODUÇÃO

Quando estava pensando no tema para meu Trabalho de Conclusão de Curso em História, na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, o professor de História do Brasil sugeriu que eu pesquisasse sobre o Clube União Operária da cidade de Criciúma, clube construído por afrodescendentes, na década de 1930. Concordando com a ideia, debrucei-me sobre livros referentes à temática, realizei entrevistas, analisei Atas de Reuniões do clube, assim, produzindo meu TCC[1]. No momento desta pesquisa, tive uma desilusão ao entrevistar minhas testemunhas. Com a "preocupação em denunciar e desnudar a historiografia oficial, que identificava como sujeitos da história somente os grandes homens e invisibilizava outros agentes sociais"[2], influenciado por uma visão militante, minha intenção foi denunciar o que aquelas pessoas sofreram com o preconceito e racismo, deixando de lado suas experiências, como eram suas festas, suas relações afetivas, laços de compadrio e familiares, o acesso aos bens materiais e culturais, perdendo de vista todas as experiências vivenciadas por esses personagens que frequentavam o clube em questão.

Quando decidi fazer mestrado, fui incentivado pela então orientadora da graduação, Débora Michels Mattos, e passei a procurar outras sociedades recreativas construídas por afrodescendentes na região. Ao descobrir a existência de uma sociedade homônima no município de Laguna, decidi investigar se essa agremiação possuía alguma ligação com o Clube União Operária de Criciúma. Por meio do contato com o secretário da sociedade homônima Juvêncio Bento Filho, marcamos um encontro em que me apresentei, explicando meu interesse em pesquisar sobre o Clube União Operária do município de Laguna. O senhor Juvêncio, nesse mesmo dia, levou-me a casa de um senhor muito simpático, com quase 90 anos de idade, e explicou-lhe o motivo de nossa visita.

O senhor Cacique[3], como era conhecido em Laguna, falou um pouco do clube, da profissão dos sócios, das condições para participar daquele universo; e chamou-me atenção, naquele momento, quando ele expôs a existência de outro clube também construído por afrodescendentes. Então, percebi que havia um problema histórico a ser investigado. O primeiro questionamento que fiz a mim mesmo foi: por que a existência de dois clubes para "negros" na mesma cidade?

---

[1] ROSA, Júlio César da Rosa. **União Operária:** resistência e manifestação cultural negra em Criciúma na década de 1930**.** Criciúma. 2006. Monografia em História. Universidade do Extremo Sul Catarinense-Unesc.
[2] ROSA, 2006, p. 36.
[3] Antônio dos Reis, maestro da Banda União dos Artistas.

E, tomando-se como base essa e outras indagações, é que a presente dissertação tem por objetivo apreender os aspectos das experiências de afrodescendentes em espaços de sociabilidade no município de Laguna, no período que compreende os anos de 1903 a 1950. São eles: a Sociedade Recreativa União Operária[4], fundada em 9 de fevereiro de 1903, sediada primeiramente na Rua 1º de Março[5]; e o Clube Literário Cruz e Sousa, fundado um pouco mais tarde, no dia 29 de junho de 1906, situado inicialmente na Rua Voluntário João Firmiano e, posteriormente, no ano de 1906, transferido para a Praça Conselheiro Mafra[6], tendo sua última sede localizada na Rua Osvaldo Aranha.

Com base nisso, iniciei o desenvolvimento do projeto, procurando responder por que dois clubes fundados por pessoas de origem africana na mesma cidade? Esta pergunta me inquietava, sendo oriundo de outra universidade, com outra linha teórica e sem uma opção nesse sentido, que me auxiliasse a entender por que sujeitos com uma mesma ascendência não frequentavam o mesmo espaço, eu tinha uma visão racialista sem mesmo saber o que era racialismo[7]. E, como salientou meu orientador posteriormente, eu teria que avançar, no sentido de superar minhas leituras autodidatas com viés militante, mesmo sem nunca ter participado de organizações com esse caráter.

Depois que fui aprovado no mestrado e cursando a disciplina de Multiculturalismo, quotidiano e história, oferecida pelo PPGH e ministrada pelo professor Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, meu orientador, passei a ter contato com a bibliografia[8], que me orientou a ver esses sujeitos da diáspora não como um bloco homogêneo, mas na sua singularidade e pluralidade. No segundo semestre de 2009 participei do processo seletivo do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação – PROMOP, oferecida pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, onde fui selecionado. A partir daí fui residir em Florianópolis, passando a desenvolver atividades no NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros) como bolsista de monitoria e, também, participando do grupo de estudos intitulado "Experiências das Populações de Origem Africana em Santa Catarina no pós-Abolição". Um momento

---

[4] Ainda hoje em atividade.
[5] JORNAL O ALBOR. Laguna. 31 de dezembro de 1904. Nº25.
[6] JORNAL O ALBOR. Laguna. 5 de agosto de 1906. Nº39.
[7] Visão de que existem características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que todos os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não têm em comum com membros de nenhuma outra raça. APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997, p. 33.
[8] Ver especialmente capítulos 1 e 2. APPIAH, Kwame Anthony **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997. Ver especificamente capitulo 2. GUIMARAES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed.34, 2002.

singular que me possibilitou pensá-la para além de conceitos já cristalizados como a categoria negro[9], que é carregado de estereótipos que homogeneízam pessoas diversas por meio de características físicas comuns.

Contrariando a interpretação de que as populações de origem africana são vistas como um bloco monolítico, utilizamos a categoria afrodescendente para nos afastar de pressupostos teóricos essencializantes como o termo identidade negra. Concordando, desse modo, com Paulino de Jesus Francisco Cardoso que:

> Para fugir do anacronismo e do racialismo optamos por utilizar as categorias populações de origem africana e afrodescendente como ferramentas de natureza descritiva para apreensão de realidades pretéritas. Elas nos permitem nos referir à totalidade dos africanos e seus descendentes sem pretensão de ser expressão de identidade étnica ou uniformidade cultural. Ela nos permite discutir sobre fenômenos de longa duração que afetaram e afetam os africanos e seus descendentes no país. Afrodescendência, ao contrário da negritude, não remete a uma identidade de natureza racializada e totalitária. Ela enfatiza a pluralidade da diáspora africana no tempo e no espaço[10].

E Marilise Luize dos Reis assinala que,

> ao incorporar identificações mais amplas e múltiplas, está dando cada vez mais força ao termo "afro" e ao conceito de diáspora, em sua complexidade e positividade, bem como nas suas validades enquanto tentativas de especificar a diferenciação e a identidade de um modo que possibilite pensar a questão da comunidade racial fora de referências binários restritivos – particularmente aqueles que contrapõem essencialismos e pluralismos[11].

Assim sendo, pensamos duas sociedades recreativas, tomando-se como base esse pressuposto. Os clubes, Sociedade Recreativa União Operária e Club Literário Cruz e Sousa, são duas sociedades de afrodescendentes, que possibilitam discutir as ideias de identidades ou identificações desses sujeitos. Esses espaços de lazer e sociabilidade foram construídos em um momento singular da história. Momento esse, que sinalizava para uma nova forma de viver, e de estar no mundo. Prestigiando a liberdade, construindo laços de solidariedade, vivenciando múltiplas experiências, desde a constituição de famílias, laços de solidariedade,

---

[9] Utilizamos estes dois termos "negros" e "brancos" entre aspas para evitar que sejam compreendidos enquanto categorias raciais.

[10] CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A vida na escola e a escola da vida**: experiências educativas de Afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÂO, Jeruse (org.). História da educação do negro e outras histórias. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (Coleção educação para todos). p. 172-3.

[11] REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Vozes e Políticas da Diáspora na América Latina e Caribe**: a red de mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora como movimento transnacional afrodiaspórico. Mimeo. 2010, p. 10.

as relações de compadrio, conflitos, a mobilidade social, possibilitaram a esses sujeitos a conquista da cidadania.

E para apreender essas múltiplas vivências e experiências diferentes cientistas sociais e historiadores[12] - passaram a utilizar como fontes documentais para pesquisas, assentamentos de batismos, registros de irmãos e irmãs de irmandades religiosas constituídas de africanos e afrodescendentes, registro de casamentos, inventários *post-mortem*, estatutos dos clubes/sociedades recreativas e registros orais -, passaram a dar subsídios como uma nova forma de interpretar e pensar o quotidiano, as expectativas de cativos/as e forros/as com a liberdade, as suas associações familiares, os seus projetos de vida, seus espaços de sociabilidade e como esses agentes históricos interpretavam e viam o mundo. Assim sendo, corroboramos com a interpretação de Maria Odila Silva Dias, sobre o conceito de quotidiano, na qual:

> Para muitos, uma idéia de rotina, de lazer, de fatos encadeados num plano de continuidade, campo da necessidade e da repetição, área reservada ao consumo, à cultura dominante. Entretanto, para alguns pensadores de nossa contemporaneidade, o conceito sugere, antes, mudança, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser[13].

Pensando as experiências de vida, Maria Odila Silva Dias distingue os papéis normativos dos papéis informais, que ao serem analisados destacam as múltiplas formas e estratégias de sobrevivência, práticas, costumes, até então rejeitadas pela historiografia. As experiências vivenciadas no quotidiano possibilitaram interpretar e relativizar a vida de todo dia.

---

[12] Ver alguns trabalhos de pesquisa que registram estas experiências: BILÉSSIMO, Ângelo. **Entre a praça e o porto:** grandes fortunas nos inventários *post mortem* em Desterro (1860-1880). Itajaí: Casa Aberta: UDESC, 2008. CRISPIM, Cristine Santiago. **Memórias e olhares:** um estudo sobre experiências de normalistas afrodescendentes de Criciúma (1959-1969). UDESC/Florianópolis. 2001. Monografia (especialização em História). DAUWE, Fabiano. **Estratégias institucionais de liberdade:** um estudo acerca do fundo de emancipação dos escravos em Nossa Senhora do Desterro 1872-1888. UDESC/Florianópolis. 2001. Trabalho de conclusão de Curso (graduação). RASCKE, Karla Leandro. **Resolveo a mesa que pelo menos houvesse huma missa Resada:** festas, procissões e celebração da morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos em Desterro/SC - 1860 a 1890. UDESC/Florianópolis. 2009. Monografia (graduação em História) SIMÃO, Maristela dos Santos. **Lá vem o dia a dia, lá vem a virge Maria agora e na hora de nossa morte:** a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em Desterro (1860-1880). UDESC/Florianópolis. 2006. Trabalho de conclusão de curso (graduação em História). GUIMARÃES, Elione Silva. **Múltiplos viveres de afrodescendentes na escravidão e no pós-emancipação:** família, trabalho, terra e conflito (Juíz de Fora - Minas Gerais, 1828-1928). Juiz de Fora: São Paulo: Annablume, 2006. MORTARI, Claudia. Os homens pretos do Desterro: um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (1841-1860). PUC/Porto Alegre. 2000. Dissertação. (Mestrado em História).

[13] DIAS, Maria Odila Silva. **Hermenêutica do Quotidiano Na Historiografia Contemporânea**. Revista Projeto História, v. 17, 1998, p.226.

Entendemos que pelo quotidiano, das experiências das populações de origem africana, dos vestígios deixados por esses homens e mulheres capturados nessas fontes[14] temos como abordar os conflitos, as tramas, as múltiplas vivências de homens e mulheres que não estavam isentos de conflitos, de múltiplos olhares e formas de ver o mundo, pautados nas referências que cada indivíduo possuía, interpretando e dando sentido à vida a sua maneira.

E, para entender o sentido, e como eram reelaboradas as práticas quotidianas, a noção de "experiência" apontada por E.P. Thompson é fundamental. Dessa forma, compreendo as sociedades recreativas em seu caráter social apontado pela historiografia, percebo os sujeitos nas suas multiplicidades de experiências e vivências "experimentando suas próprias experiências na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas" [15].

Para pensar a reelaboração de suas culturas, com base nos referenciais mais próximos a eles, as táticas que os frequentadores/as, e membros das agremiações utilizaram para resistir reforçam a tese de que, para ser respeitado, havia a necessidade de apropriar-se de alguns padrões culturais hegemônicos. Podemos considerar que a interpretação de Certeau sobre "usos" e "consumo" é adequada para essa situação, uma vez que as populações de origem africana sob coerção ou sedução, adotaram a cultura dominante "para outros fins que não o dos conquistadores. Faziam com ela outras coisas: subvertiam-nas a partir de dentro não as rejeitando ou transformando-as"[16].

Outra noção para interpretar as sociedades recreativas, ainda dialogando com Certeau é noção de "espaço praticado", quando o autor define a diferença entre "espaços" e "lugares". O lugar para Certeau configura "posições instantâneas, implica uma indicação de estabilidade". Já o "espaço é o cruzamento de móveis" animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. A circulação de homens e mulheres nesses espaços caracteriza-o não como um "lugar', mas sim, como um "espaço praticado", que não estava isento de conflito, acomodações e alianças efetivadas por ações desses sujeitos históricos.

Com base nos relatos da participação desses atores sociais, homens e mulheres, que representaram o Clube Recreativo União Operária e o Clube Literário Cruz e Sousa, procuraremos romper com a história tradicional centrada nos "grandes feitos e nos grandes

---

[14] As fontes documentais que proporcionam pesquisas investigando as experiências, o quotidiano de homens e mulheres de origem africana são os assentamentos de batismos, registros de irmãos e irmãs de irmandades religiosas constituídas de africanos e afrodescendentes, registro de casamentos, inventários *post-mortem*, Estatuto de sociedades recreativas, Jornais, fontes orais, processos criminais, relatórios do Presidente da Província (se for Santa Catarina), e acervos particulares.

[15] THOMPSON, E. P. (Edward Palmer). **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1981, p.182-189.

[16] CERTEAU, 2008, p. 94-95.

homens". Pretende-se, utilizar os registros orais, dialogando com Michael Pollak, Eclea Bosi e Beatriz Sarlo, autores que usam a memória como fonte histórica, possibilitando o registro do quotidiano daqueles que fizeram parte das sociedades recreativas pesquisadas. Essas memórias podem evidenciar as suas experiências num tempo que, ao ser evocado por meio da mediação do entrevistador, traz à luz as histórias de pessoas comuns que a historiografia tradicional invisibilizou e/ou ignorou. Como salienta Marilena Chauí,

> A memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos[17].

Nessa perspectiva, as memórias desses "vencidos" serão registradas tirando dos porões da história as múltiplas experiências de afrodescendentes que viveram naquele contexto. E, segundo Le Goff, "o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história"[18.]

Essas formas de organização das populações de origem africana foram interpretadas como espaços de comercialização de dança e de consolidação de novos padrões de vida. Florestan Fernandes[19], utilizando-se das memórias dos afrodescendentes letrados, analisa estas formas de organização, generalizando os anseios desses sujeitos às demais pessoas de origem africana, e de certo modo, esta interpretação contribuiu para identificar estes sujeitos, enquanto um grupo homogêneo.

Fernando Henrique Cardoso[20] entende esses espaços como locais de comercialização da dança, percebendo estes indivíduos como iguais, que segundo sua crítica, até entre os "grupos de cor" havia a discriminação racial. Bernadete Orsi[21] as dividiu entre sociedades de baile e de conscientização do "negro". Para essa autora, as sociedades tinham funções distintas em suas ações.

No entanto, Orsi não percebeu que ambas as sociedades recreativas, aquelas de auxílio mútuo, como as que iniciavam discursos reivindicativos, tinham entre seus objetivos a

---

[17] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 12. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 19.

[18] LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2. ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992, p.426.

[19] FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Dominus: Ed. Univ. S. Paulo, 1965. 2v.

[20] CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis:** aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. São Paulo: Ed. Nacional, 1960.

[21] ORSI, Bernadete. **Clube 13 de Maio:** um estudo sobre um território negro na área urbana de Tijucas. 1999. Monografia (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 1999.

mobilidade social de seus sócios e frequentadores. Utilizando fontes como Atas de Reuniões, memórias de frequentadores das sociedades recreativas, Estatutos de Fundação desses espaços, esses/as autores/as entenderam esse lugar como um espaço de dança. Fernandes e Cardoso analisaram essas organizações com um viés racialista. Interpretando as aproximações e os afastamentos entre esses sujeitos como anomia e desorganização social.

Não perceberam que esses espaços de sociabilidade possibilitaram o soerguimento das populações de origem africana, mesmo fazendo parte de um conjunto de instrumentos de vigilância, que tinham como objetivo manter a dignidade de suas agremiações à custa da vigilância de seus membros, fora e dentro de seus espaços, tendo a respeitabilidade e dignidade legitimadoras da sua integração na sociedade. Esses autores não consideraram a pluralidade de vivências e experiências, generalizando as expectativas desse pequeno grupo de afrodescendentes ligados às sociedades recreativas para os demais descendentes de africanos. Tendo em vista, tal característica principal desses estudiosos era perceber os agentes sociais como um bloco, ou seja, consideravam essas pessoas iguais porque possuíam uma ascendência comum.

Na oposição dessas interpretações, para pensar o Clube Literário Cruz e Sousa e a Sociedade Recreativa União Operária da cidade de Laguna, utilizo como fonte, o jornal ***O ALBOR*** de 1903 a 1950, encontrado no acervo do Arquivo Municipal Casa Candemil; as fontes orais, serão entrevistas transcritas dos netos, bisnetos, sócios, membros da atual diretoria do clube União Operária; fontes iconográficas da cidade de Laguna, do século XX, do acervo particular de Antônio Carlos Marega; fontes iconográficas do IPHAN do mesmo período, Atas de registro de fundação dos clubes localizadas no Cartório de Registro Civil de Laguna; Atas de reuniões dos anos de 1903 a 1950 pertencentes à Sociedade Recreativa União Operária, possibilitaram interpretar e registrar o quotidiano dos clubes e daqueles que fizeram parte das sociedades recreativas pesquisadas. Essas fontes possibilitaram construir uma interpretação possível do passado de como os afrodescendentes se organizavam e se percebiam enquanto cidadãos e quais eram suas aspirações, e expectativas enquanto sujeitos sociais.

Portanto, para analisar as aspirações e expectativas dessas pessoas, é necessário compreender o pós-abolição[22], enquanto um campo de estudos que sinaliza as expectativas dos últimos libertos, a extensão dos direitos civis aos novos cidadãos. Os estudos do pós-emancipação têm contribuído para questionar a situação dos afrodescendentes como reflexo

[22] RIOS, Ana Lugão. MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do Cativeiro**: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

direto da escravidão; esses estudos têm possibilitado perceber que as ações daqueles sujeitos, as variadas táticas, estão relacionadas cada vez mais à dimensão dos direitos políticos e às novas condições sociais criadas naquele contexto.

Por isso, penso que esta pesquisa se caracteriza por perceber esses sujeitos e suas múltiplas identidades e identificações, que não estavam necessariamente ligadas à "cor", mas ao seu *status* social. Dessa forma, procuramos entender qual era o significado de ser mulato e de ser preto para esses homens e mulheres naquele contexto. Penso que esses espaços não foram locais de construção de uma "identidade negra" como sugerem alguns autores[23]. À primeira vista, a existência de dois clubes de pessoas de ascendência africana pressupõe um recorte racial, porém, nas entrevistas realizadas encontramos indícios de que seus participantes não se viam enquanto negros e negras.

Havia uma diferença entre pretos e mulatos. Segundo os entrevistados, os mulatos se reuniam no Club União Operária, enquanto os pretos ficavam no Club Literário Cruz e Sousa, e a existência de dois clubes de homens e mulheres de descendência africana estava ligada, possivelmente, ao *status* social, à condição financeira, e ao oficio ocupado pelos sócios. Configurando, a existência de um conteúdo hierarquizante nesses termos e seus diferentes usos e significados em um contexto histórico específico[24].

Diante das discussões sobre as relações raciais no Brasil, a crescente necessidade de renovação historiográfica enfatizando as experiências das populações de origem africana no pós-abolição, não apenas no passado escravista, e sim como elas são vistas e entendidas no tempo presente, compreender como essas relações foram construídas é um desafio para o historiador do tempo presente, haja vista que no Brasil, não há uma ruptura significativa com essas hierarquias raciais, e sim, permanências, evidenciando que os grupos sociais no país ainda pensam a sociedade brasileira, a partir dessas identidades racializadas. No entanto, a compreensão dos processos históricos é um exercício de análise crítica, independente de ser de longa duração ou de curta duração, como explicita René Rémond:

---

[23] Ver DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada:** negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Ed. SENAC, 2004; MARIA, Maria das Graças. **Imagens invisíveis de Áfricas presentes:** experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940)**.** 1997. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). Florianópolis. ESCOBAR, Giane Vargas; MARTINS**,** João Carlos. **Levantamento dos Clubes Sociais Negros do Brasil como Lugares de Memória:** Cidadania, Inclusão e Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial Afro-Brasileiro. Santa Maria-RS. 2009. ESCOBAR, Giane Vargas **Clubes Sociais Negros:** lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Santa Maria.

[24] VIANA, Larissa**. O idioma da mestiçagem**: as irmandades de pardos na América Portuguesa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 2007, p. 39.

> A história, a meu ver, faltaria como uma de suas funções se não assegura-se uma compreensão do presente, uma inteligibilidade dos problemas com os quais nos defrontaremos. Acredito que hoje em dia a causa esteja ganha. Está comprovado que não é impossível para os historiadores distanciar-se de seus preconceitos. Em conseqüência, o passado, mesmo aquele mais próximo, encontra-se reintegrado, incorporado ao domínio da história. E melhor assim do que abandoná-lo a outras disciplinas[25].

"A história do tempo presente é um conceito em construção que por sua vez expressa uma história também em construção"[26], que será reinterpretada, ressignificada com ferramentas teórico-metodológicas para construção e defesa da história. Esta pesquisa, na perspectiva da História do Tempo Presente, faz-se necessária em decorrência da continuidade da luta dos afrodescendentes por inserção na sociedade, visando ampliação dos direitos enquanto cidadãos, e resistindo contra toda forma de preconceito e exclusão social.

Ademais dessas ações, há também uma preocupação em salvaguardar o patrimônio material e imaterial dessa população, a exemplo do Levantamento dos Clubes Negros[27] no Brasil como Lugares de Memória, com o apoio da Fundação Cultural Palmares, IPHAN e Movimento Negro. Para além da salvaguarda do patrimônio material e imaterial das populações de origem africana, esta pesquisa também é pensada no tempo presente, à medida que se propõe a uma discussão em torno da memória em uma perspectiva contemporânea, em que essas memórias privilegiam as fraturas, as rupturas. E conhecendo os problemas em utilizar as memórias,

> a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subseqüente e das necessidades do presente[28].

Dito isso, a presente dissertação está divida da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado "**Sociedades Recreativas e Afrodescendentes: espaços praticados no pós-abolição",** discutiremos como as diversas pesquisas que abordaram a temática perceberam esses espaços. Quais as hipóteses que os autores/as construíram para identificar esses "territórios". Dialogando com algumas das primeiras bibliografias que trataram dessa temática

---

[25] RÉMOND. Réne. Porque a história política? **Estudos Históricos**, Rio de janeiro, vol, 7, n.13, 1994, p.7-19.

[26] SÁ. Antônio Fernando de Araújo. **A história do presente como tempo da memória**. Infonet. Política e Economia. p.1.

[27] ESCOBAR, Giane Vargas; MARTINS, João Carlos**. Levantamento dos Clubes Sociais Negros do Brasil como Lugares de Memória**: Cidadania, Inclusão e Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial Afro-Brasileiro. Santa Maria-RS. 2009.

[28] FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 314-332.

como, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Clovis Moura, entre outras atuais como Petrônio Domingues, Joselina da Silva, Sonia Maria Giacomini, Maria das Graças Maria e Beatriz Ana Lonner, podemos perceber como as sociedades recreativas beneficentes foram interpretadas. Quais foram os limites e os avanços que essas pesquisas possibilitaram para compreender as relações raciais em nosso país em âmbito nacional, regional e local.

No segundo capítulo, denominado "**Negros em Laguna**" abordaremos a cidade na primeira metade do século XX, seus espaços, a sua economia, a composição da sua população. A análise proposta será realizada com base na discussão com a historiografia catarinense, bem como, por meio do uso de fontes históricas, especificamente dados de censos populacionais dos anos de 1900 a 1950. Utilizaremos igualmente, como fontes, mapas do perímetro urbano e imagens da cidade desse mesmo período, com o objetivo de, ademais de situarmos a sua configuração geográfica, identificarmos em que espaços as populações de origem africana estavam inseridas. O objetivo do capítulo é contribuir para dar visibilidade à presença das populações de origem africana na cidade de Laguna.

No terceiro capítulo, "**Mulatos e Pretos em Laguna: Identidades e Identificações em Sociedades Recreativas de Afrodescendentes no Sul Catarinense**" analisaremos a trajetória do Clube Sociedade Recreativa União Operária e do Clube Literário Cruz e Sousa desde suas fundações, no período que compreende a primeira metade do século XX (1903 a 1950). Nossas perguntas serão as seguintes: Por que estas associações foram fundadas? Como era sua organização? Quem eram seus frequentadores? E como se relacionavam com os outros clubes da cidade de Laguna? Com o objetivo de responder a estas questões serão utilizadas as seguintes fontes: entrevistas, os Livros Atas, os Estatutos, jornais e imagens. Com o cruzamento das fontes, poderemos identificar como eram organizados, qual a imagem que possuíam de si mesmo e como eram percebidos pela sociedade lagunense.

Especificamente, neste capítulo teremos como discussão principal, as tensões entre mulatos e pretos, sujeitos com uma mesma ascendência africana. Procurar-se-á compreender os sentidos dessas formas de identificação. Nesse sentido, dialogaremos com autores que discutem a questão das múltiplas identidades e identificações, como Stuart Hall e Michel Maffesoli. As tensões geradas entre esses indivíduos nos permitirão abordar o mote de nosso trabalho que é a desnaturalização da ideia de "raça", permitindo-nos dessa forma, perceber que "afrodescendente e negro não são sinônimos muito menos termos isentos"[29]. Como aporte

[29] CARDOSO, 1993, p. 63.

teórico para trabalhar com o conceito de “raça”, utilizaremos Kwame Anthony Appiah, Stuart Hall, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, entre outros autores que discutem esta temática.

CAPÍTULO I

SOCIEDADES RECREATIVAS E AFRODESCENDENTES: ESPAÇOS PRÁTICADOS NO PÓS-ABOLIÇÃO

Este capítulo tem por finalidade discutir como as sociedades recreativas foram interpretadas por pesquisadores, que se preocuparam em analisar essas organizações de populações de origem africana. Por meio de uma revisão bibliográfica podemos perceber os limites e os avanços que o debate sobre essas instituições provocaram e provocam no meio acadêmico.

Longe de esgotar as interpretações sobre essas agremiações, procuramos apreender quais conceitos estavam sendo utilizados, e como essas pesquisas influenciaram o debate sobre as relações raciais no Brasil. Igualmente, entender o debate que permeava o tema das sociedades recreativas e o momento em que elas foram construídas e em que condições surgiram, bem como a sua finalidade e o que proporcionaram para aqueles que estavam inseridos naquele ambiente, nos permitiu entender as organizações com outro olhar.

Diferente de outras interpretações, nosso diálogo com as diversas bibliografias sobre sociedades recreativas foi possível perceber como esta forma de organização junto com a nova ordem social que se estabelecia no pós-emancipação, proporcionou a um determinado grupo de homens e mulheres afrodescendentes mobilidade social e acesso a bens materiais e culturais, contrariando pesquisas que apontavam para a desorganização social deles.

No dia 4 de dezembro de 1903, o Jornal ***Albor***, da cidade de Laguna, anunciava que havia sido realizado, no último domingo, "o festival inaugurativo da sociedade Club União Operária, com um baile que durou até as quatro horas da manhã"[30]. No mesmo jornal, cerca de dois anos e meio depois, havia outro anúncio de um clube, o Club Literário Cruz e Sousa inaugurado, no dia 29 de julho de 1906. Nesse dia, o Presidente, o Sr. José Honorato Alano proferiu, um breve discurso no qual exaltou o espírito do melhor poeta do Brasil, que dava nome ao clube[31]. Ambas as sociedades recreativas possuíam em comum o fato de seus sócios serem afrodescendentes.

Como é possível perceber no mapa a seguir, essas sociedades recreativas estavam localizadas na área central da cidade (o Clube União Operária continua no mesmo endereço, já o Cruz e Sousa teve sua última sede na Rua Osvaldo Aranha, onde teve seu fim), próximas

[30] JORNAL O ALBOR. Laguna. 24 de dezembro de 1903. N. 63.
[31] JORNAL O ALBOR. Laguna. 06 de agosto de 1906. N. 198.

às principais instituições representantes do poder público, como, por exemplo, a Biblioteca Pública, a Praça da Igreja católica, o antigo Mercado Público (incendiado em 1939), e, portanto, lugar de significativa visibilidade.

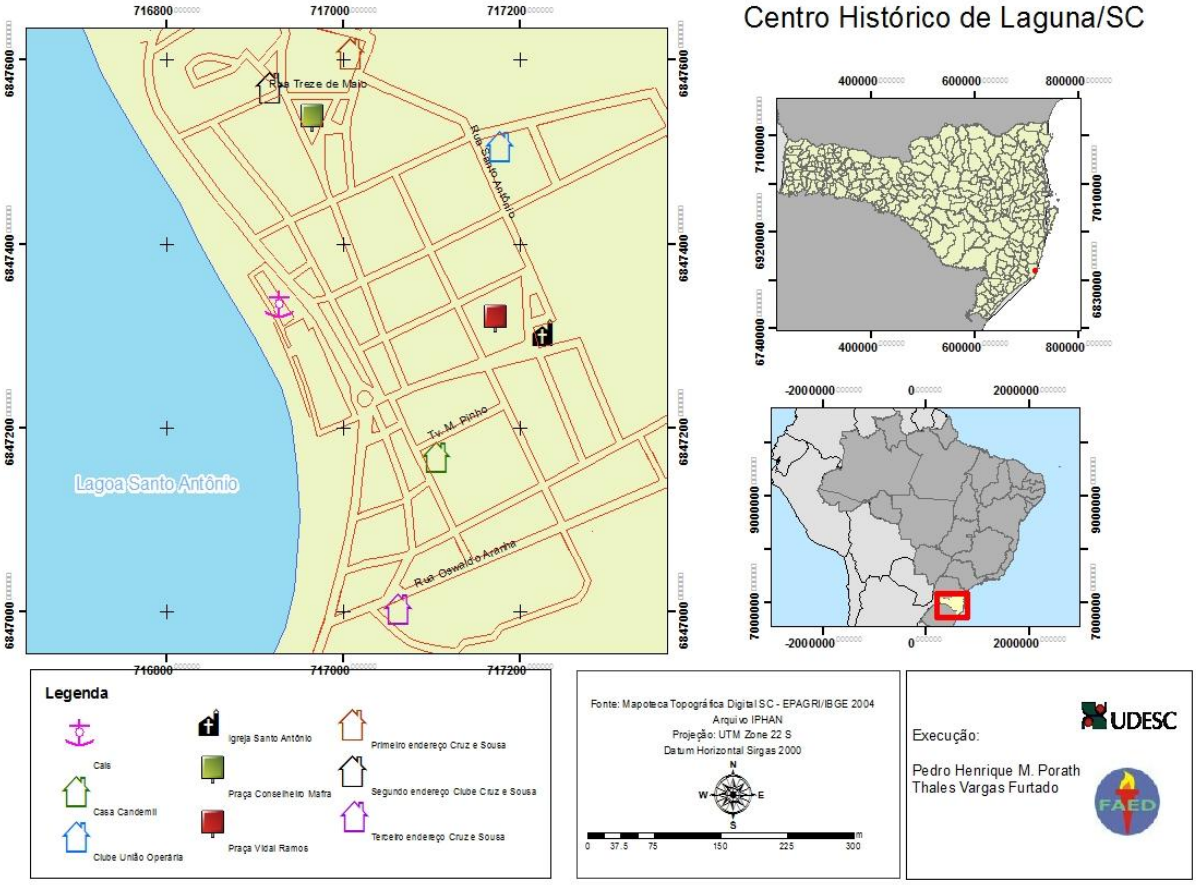

Figura 1 - Mapa do Centro Histórico de Laguna - 1900 a 1950.
Fonte: PORATH, Pedro Henrique; FURTADO, Thales Vargas. 2010.

O surgimento de organizações constituídas por afrodescendentes, especificamente as sociedades recreativas, é uma característica visível nas primeiras décadas do século XX, sobretudo nas regiões sul e sudeste do país. As produções historiográficas que discutem esta forma de organização se caracterizam pelas múltiplas abordagens e interpretações.

As associações das populações de origem africana foram interpretadas pela bibliografia clássica, produzida nos anos de 1950[32], como formas de organizações apenas

[32] Considero estes autores clássicos porque foram os primeiros a se dedicarem aos estudos dessas organizações formadas por afrodescendentes: FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Dominus: Ed. Univ. S. Paulo, 1965. 2 V. CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis:** aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. São Paulo Ed. Nacional 1960. MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1988. PINTO, L A Costa. **O Negro no Rio de Janeiro:** relações de raças numa sociedade em mudança**.** São Paulo (SP): Companhia Editora Nacional, 1953.

lúdicas e de formação moral de homens e mulheres. Além de considerarem tais organizações apenas como espaços lúdicos, característicos dessa abordagem, era perceber esses sujeitos como um grupo homogêneo e que essas sociedades recreativas e beneficentes não passavam de espaços "culturais e beneficentes" não desempenhando a função de "arregimentação da raça", e sim, "desvirtuando e virando bailes". Autores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Clovis Moura perceberam essas formas de organizações como sociedades dançantes.

Ao analisar as atividades das populações "negras" na cidade de São Paulo, no início do século XX, Florestan Fernandes considerou que apenas o Grêmio Recreativo Kosmos, o Centro Cívico Palmares e o Centro Humanitário José do Patrocínio[33] tinham a função de "arregimentação da raça" e, portanto, foram caracterizadas como "associações combativas", na medida em que serviam, especialmente, como espaço para a difusão e consolidação de novos padrões de vida[34]. Todas as outras - que promoviam bailes -, em sua interpretação, se constituíam enquanto espaços beneficentes e culturais. "Desde 1915 vinham sendo fundadas organizações de negros que acabavam se desvirtuando e virando bailes. É fato que os fins dessas sociedades não eram de arregimentação da raça, mas sim culturais e beneficentes"[35]. Cabe lembrar, também, que o segundo volume do livro *Integração do Negro à Sociedade de Classes – Movimento social no meio negro* foi elaborado com auxílio de alguns ilustres militantes negros das primeiras décadas do século XX[36], os quais escreveram alguns trabalhos especialmente para a elaboração deste livro, além de concederem diversas entrevistas.

Desse modo, algumas conclusões feitas por Fernandes corroboram com as memórias dessas pessoas, que pertenciam a um pequeno grupo e mantiveram alguns embates de valores com o restante das populações afrodescendentes da cidade de São Paulo, e por isso não representavam e não compartilhavam os anseios da maior parte desses sujeitos[37]. Como nos adverte Jacques Le Goff, "se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos"[38], ter essas memórias como únicas fontes para análise acaba-se por reproduzir a visão de mundo de um grupo específico.

---

[33] Estas sociedades foram fundadas no Estado de São Paulo: o Grupo Dramático e Recreativo Kosmos e o Centro Cívico Palmares, fundados em 1908 e 1926, respectivamente. Centro Humanitário José do Patrocínio foi fundado em 09 de fevereiro de 1920.
[34] FERNANDES, Florestan, op. cit., 30.
[35] Renato Jardim Moreira, em colaboração com Jose Correa Leite, **Movimentos Sociais no meio negro**, op. cit., Ms., p.4, apud, FERNANDES, 1965, p.30-31.
[36] Destaque para a participação de: José Correia Leite (fundador de *O Clarim da Alvorada, Chibata e Alvorada)*, Isaltino e Arlindo Veiga dos Santos (fundadores da Frente Negra Brasileira, sendo que o primeiro se tornou secretário e outro presidente da mesma).
[37] CARDOSO, 1993, p. 74.
[38] LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP. 1990, p. 32.

Por isso, entendemos que ter essas experiências desse pequeno grupo de letrados e generalizá-las para todos os seguimentos das populações de origem africana, corresponde em tornar essas pessoas, um grupo homogêneo, não percebendo a pluralidade entre eles, e o que consideravam como prioridades para ter uma vida melhor. As intenções desses grupos de letrados, supostamente não eram as mesmas intenções daqueles afrodescendentes que talvez "desejassem a satisfação de necessidades mais imediatas e que fossem promotoras de momentos de prazer dentro de suas tradições e experiências socioculturais, dentro do campo em que elas dominavam"[39].

Sendo assim, os afrodescendentes letrados estavam propensos a se afastarem daqueles "negros humildes" e "pobres", porque conviviam e tinham como exemplo os imigrantes europeus que ascenderam socialmente, e para eles naqueles momentos a identificação com os valores dominantes era uma condição para o soerguimento dos "homens de cor". É nessa perspectiva, que a memória faz parte do jogo de poder, quando grupos dirigentes tomam para si, a responsabilidade de representar um grupo social como seu representante legitimo.

Perspectiva de análise semelhante a de Fernandes sobre as interpretações da Imprensa Negra[40] pode ser evidenciada na obra de Cardoso e Ianni acerca da existência das sociedades recreativas em Florianópolis, especificamente o Clube União Recreativa 25 de Dezembro. Segundo os autores, a sociedade servia apenas como espaço de dança e seus frequentadores eram vistos como pertencentes a uma mesma "raça", portanto, numa perspectiva de homogeneidade.

> Quando examinamos a composição racial dêsses clubes, evidencia-se a seguinte peculiaridade: houve clubes de negros e mulatos, mas também apenas de negros e ou sòmente de mulatos. Não encontrando referência a clube misto de mulatos, negros e brancos que tivesse existido no passado [...] Como vemos, a discriminação racial penetrou até mesmo o grupo "de cor". Também eles foram envolvidos nesse processo social iniciado no passado. [...] Tais clubes, aliás, o são apenas nominal e legalmente. De fato, são empresas que comercializam dança[41]. (sic)

Tais abordagens teóricas e interpretações, alicerçadas num tipo específico de fonte como, questionários submetidos aos alunos do ensino secundário e registros orais com

---

[39] CARDOSO, 1993, p. 47.

[40] **Imprensa Negra** foi o conjunto de jornais nascido no interior das sociedades recreativas com a intenção de tratar das questões dos negros, denunciavam e apontavam soluções para os problemas vividos pela população negra. Para saber mais sobre este fenômeno ver: Ver Roger Bastide, "A imprensa negra do Estado de São Paulo", Boletim de Sociologia, n. 2, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1951, p. 50-78; Miriam Nicolau Ferrara, A imprensa negra paulista (1915-1963), São Paulo, FFLCH/USP, 1986;

[41] CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis:** aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. São Paulo: Ed. Nacional, 1960, p.179-181.

moradores do Morro do 25[42], acabaram perdendo de vista, outras questões pertinentes em relação a essas associações. Considerá-las apenas como sociedades dançantes, nos parece uma interpretação limitada, pois estava evidente em seus estatutos além da diversão, a instrução, e o auxílio mútuo, como pode ser apreendido no Estatuto da Sociedade Recreativa União Operária de Laguna,

> Artigo 2º. Esta Sociedade tem por fim, a) Proporcionar reuniões dançantes ou quaisquer outras festas em que se reúnam amistosamente os sócios e seus familiares; b) criar uma sessão de leitura variada e instrutiva para seus sócios fazendo aquisições de jornais, livros e revistas boas; c) intensificar e desenvolver-se por todos os meios ao seu alcance os serviços de assistências sociais. [43]

De tal modo, o seu caráter assistencial, a mobilidade social por meio da instrução e a visibilidade, que esses espaços possibilitaram aos afrodescendentes ligados aos clubes devem ser percebidas como táticas[44], que permitiram aos mesmos galgar ascensão social em uma sociedade que os alijava de todas as formas.

Discordamos da interpretação anterior porque, mesmo com atividades recreativas como bailes, entre outros tipos de atividades culturais, essas associações estavam preocupadas também com a situação econômica, cultural e educacional dos afrodescendentes. Uma parcela dessas associações tinha como objetivo em suas ações a educação formal e a formação profissional de homens, mulheres e crianças, ações que interferiram nas condições daqueles sujeitos, dando-lhes alguma perspectiva de melhoria de vida. As compreendemos como "associações combativas", na medida em que as mesmas possibilitaram a uma parcela das populações de origem africana, oportunidades de mobilidade social, desde que esses homens e mulheres, estivessem dispostos a aceitar as condições estabelecidas por essas instituições.

Essas agremiações podem ser encaradas, como uma forma autônoma que os afrodescendentes buscaram para gerir suas necessidades, ampliar suas redes de solidariedade, ascender socialmente e distinguir-se da grande maioria dos descendentes de africanos, que se encontravam na miséria e não compartilhavam dos mesmos valores[45] desses pequenos grupos que frequentavam as sociedades recreativas.

---

[42] Rua Padre Schroeder, bairro Agronômica- Florianópolis-SC.

[43] **Estatuto Sociedade Recreativa União Operária.** Capítulo I, artigo 2º, 1903.

[44] Chamo de táticas uma ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso tem que jogar com o terreno que lhe é imposta tal como o organiza a lei de uma força estranha. A tática é um movimento "dentro do campo de visão do inimigo, p.100 [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. p, 100. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

[45] BRITTO, Ieda M. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930**): um exercício de resistência cultural. São Paulo. 1986. Dissertação em Ciências Sociais. Universidade de São Paulo-USP. São Paulo, p. 100-101.

A distinção e apropriação dos padrões vigentes nesses espaços de sociabilidade estavam restritas a homens e mulheres que se viam e interpretavam o mundo de acordo com referenciais culturais mais próximos a eles.

É o que aponta a pesquisa de Andréa A. de Moraes Cândido Carvalho[46] acerca do Centro Cívico Cruz e Sousa, fundado em 1918, no município de Lages[47], Santa Catarina. A autora, pela análise de fontes como as Atas de Reunião, os registros orais e o Estatuto da Sociedade Recreativa, aponta que esta possuía uma preocupação específica com a educação de seus sócios por meio do estabelecimento de escolas, de teatro e de aulas de alemão. A autora interpreta o Centro Cívico Cruz e Sousa como uma sociedade recreativa.

Queremos atentar que existiram diversos Centros Cívicos até a década de 1930, no Estado de São Paulo, não só entre os afrodescendentes. Os centros cívicos não são sociedades recreativas, e estão em outro patamar[48], todos estavam preocupados em oferecer educação para seus frequentadores. No caso de Lages, a autora percebe-o como uma sociedade recreativa, na qual a escolarização estava presente em suas ações como evidencia a citação abaixo.

> Juntamente com a diretoria e membros do Centro Cívico Cruz e Sousa, realizavam a nobre tarefa na alfabetização de adultos, uma vez que existia um número elevado de afrodescendentes analfabetos, entre os quais, muitos eram freqüentadores e sócios do Centro Cívico. Além da alfabetização, lecionavam outras matérias seguiam o programa do ensino público. Haviam aulas de alemão ministrado pelo Professor Sebastião Dias Gomes, que também era de "cor", cuja convivência por longo tempo com o Frei Rogério Nheus, proporcionou-lhe aprender a referida língua[49].

Nessa perspectiva, nos parece que as sociedades recreativas não estavam somente voltadas para o lúdico ou o divertimento. A preocupação com a educação, neste caso específico, supõe o estabelecimento de ações voltadas para a formação e, portanto, para a construção de maiores chances de concorrer a um trabalho digno. Outra característica

---

CARDOSO, Paulino de Jesus. **A Luta contra a apatia**: estudo da instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931). São Paulo. 1993. Dissertação de Mestrado em História: PUC/SP, p. 32-33. DOMINGUES, Petrônio**. Uma história não contad**a: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2004, p. 209-211.

[46] CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido. **Negros de Lages:** memória e experiência de afrodescendentes no planalto serrano. Florianópolis. 2001. Trabalho de conclusão de Curso (graduação história). Universidade do Estado de Santa Catarina.

[47] Lages é um município brasileiro da região sul, localizado no Estado de Santa Catarina. A cidade possui cerca de 156.737 habitantes e faz parte da mesorregião (política) e região (geográfica) serranas do estado. Lages é a maior cidade em área do estado e cidade-sede da Região Metropolitana de Lages. Acessado em 21 set. 2010 <http://www.lages.sc.gov.br/perfil.php>.

[48] Ver CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república.** São Paulo: Brasiliense, c 1989.p. 54-80. DOMINGUES, Petrônio**. Uma história não contad**a: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2004, p. 334-335.

[49] CARVALHO, 2001, p. 61.

apontada acerca da sociedade recreativa Cruz e Sousa é a preocupação expressa por seus integrantes em relação às normas de conduta que deveriam ser respeitadas tanto no interior do estabelecimento quanto fora deles. Para a autora,

> A agremiação se constituía em um instrumento de civilização desses descendentes de africanos. Freqüentá-la era como um atestado de assimilação aos padrões burgueses de comportamento público. [...] O vestir-se bem também servia de linguagem para expressar e manter a estabilidade nesses espaços sociais. Dessa forma, a aparência física é importante para reafirmar a condição social dos afrodescendentes perante o grupo dominante.[50]

Esse processo de assimilação dos valores dominantes, segundo a autora, era necessário para aqueles, que carregavam o fardo da herança da escravidão, era de suma importância incorporar alguns valores que lhes garantissem respeito e distinção nos espaços públicos e privados. Em suas reuniões registradas em Ata, como a autora destaca, há discurso de um dos presidentes do clube enaltecendo a luta pela "consciência negra" para seus sócios e frequentadores.

> Antes e durante os bailes de gala que tinham datas históricas, eram feitos discursos sobre a abolição da escravidão, sobre a consciência negra, para incentivar o pessoal de cor a crescer, discurso sobre consciência de sua cor, suas dificuldades incentivando o negro a lutar para crescer. [51]

Ela supõe que essa postura político ideológica seja fruto do contato com associações que surgem em todo o país, e Santa Catarina não estava isenta desse cenário. Nesse contexto, as sociedades recreativas incorporam em suas ações a luta antirracista.

O Centro Cívico Cruz e Sousa, em Lages, não foi somente uma associação lúdica, e seu caráter combativo, não se deve somente à incorporação de um discurso militante em prol do soerguimento das populações de origem africana. Isto é, anterior ao discurso político e militante, suas ações já estavam voltadas para a ascensão social dos seus membros. Tendo a educação como tática para elevação social com a criação do Grêmio das Margaridas e o Grêmio Treze de Maio responsáveis pela instrução e letramento dos seus sócios.

Os grêmios femininos eram compostos na grande maioria por mulheres de sócios e dos membros da diretoria do clube, e por mais que reforçassem os papéis de gênero, no interior das sociedades recreativas e fora delas, as mulheres deram sua contribuição para que essa parcela de afrodescendentes que frequentavam esses espaços tivesse outra visão de mundo, como protagonistas de sua própria história e não como coadjuvantes, auxiliando na

---

[50] CARVALHO, 2001, p. 51 e 59.
[51] Entrevista com Sr Nauri Campos, Apud CARVALHO, 2001, p. 56.

conquista de visibilidade e respeitabilidade dessas populações, cuidando da educação dos filhos, dando assistência no orçamento familiar, visando romper com os estereótipos e o preconceito sobre esses homens e mulheres de descendência africana.

> O Grêmio das Margaridas auxiliava a diretoria do Centro Cívico nos eventos e bailes, mas principalmente atuavam no aprimoramento cultural, na orientação de "boas maneiras" às jovens de cor que freqüentavam o clube. Contudo, havia ainda, uma outra função do Grêmio que, juntamente com a diretoria e membros do Centro Cívico Cruz e Sousa, realizavam a nobre tarefa na alfabetização de adultos, uma vez que existia um número elevado de afrodescendentes analfabetos, entre os quais, muitos eram freqüentadores e sócios do Centro Cívico. [52]

No que concerne à interpretação acerca das diferentes obras que abordam a questão. Maria das Graças Maria analisando as sociedades recreativas União 25 de Dezembro e o Brinca Quem Pode nas décadas de 1930 a 1940, em Florianópolis, diverge da ideia de assimilação proposta por Carvalho. A autora apontando que essas normas de conduta tinham por objetivo construir a respeitabilidade das sociedades recreativas e a de seus integrantes em relação ao restante da sociedade. Dado que poderia significar uma forma de sobrevivência desses territórios ou a adaptação à "dominação inexorável dos poderes públicos."[53]

Concebendo essas sociedades para além da dança, Maria entende esses espaços como um lugar de encontros, e também de trocas de experiências, de conflitos, de tensões e de laços de solidariedade, se constituindo, portanto, em um território de pertencimento que apresenta suas ambivalências.

Essa perspectiva de território é entendida pela autora como comunidade negra, pautada no que diz Bitencourt, "[...] tomada como um valor, os negros constituem múltiplos espaços sociais, simbólicos e existenciais no contexto urbano [...]. Por outro lado, também designa os espaços sociais com acentuada presença e circularidade de negros"[54]. Maria interpreta os territórios negros como sendo marcados por um processo de "interculturalidade" de grupos sociais distintos:

> A interculturalidade também colaborou na definição do perfil desses lugares, pela ação cotidiana dos sujeitos históricos interferindo no status quo e vice-versa,

---

[52]CARVALHO, 2001, p. 61.

[53] MARIA, Maria das Graças. **Imagens invisíveis de Áfricas presentes:** experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940)**.** Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). 1997, 152.

[54] BITTENCOURT, Iosvaldyr. A Esquina do Zaire. *In*: LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil. Florianópolis**: Letras Contemporânea, 1996, p. 221.

> permitindo pensar-se na dinâmica das experiências humanas. O intercâmbio de valores entre as diferentes culturas está sempre presente nas relações sociais. [55]

Maria das Graças Maria destaca a essencialização de uma "identidade negra", e afirma que não só a ascendência africana é definidora de uma identidade negra. Ela destaca que ver os afrodescendentes como um bloco homogêneo exclui os outros fatores que constituem as suas múltiplas identidades socioculturais, facilitando a dominação de uma cultura hegemônica. Considerando que Maria das Graças Maria percebe os afrodescendentes como um grupo social heterogêneo, ainda, assim, encontramos algo contraditório em sua abordagem, em sua afirmação que não só a herança da ascendência africana definiria uma "identidade negra".

> Não se pode falar em identidade negra como se os afrobrasileiros fizessem parte de um todo homogêneo no contexto social. A descendência africana, o passado escravista aliado ao racismo e algumas heranças culturais herdadas dos antepassados não são únicos definidores da identidade negra. [56]

Mesmo considerando os afrodescendentes como um grupo heterogêneo, mas a afirmação da existência de uma identidade negra entre os mesmos reforça a ideia de que africanos e afrodescendentes são todos iguais, portadores de características físicas e psicológicas comuns, contribuindo deste modo para naturalização da ideia de "raça".

Na mesma perspectiva, Joselina da Silva[57], analisando o "Clube Renascença" na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 17 de fevereiro de 1951[58] assinala "que ao se estabelecer como um clube e, ao se organizarem em torno da construção de uma identidade negra, os cidadãos negros do Renascença estavam na verdade, fazendo 'revolução dentro da ordem', como diz Florestan Fernandes". O Renascença Clube é identificado por Joselina da Silva, como um local de construção de identidades plurais. "As diversas identidades[59] do

---

[55] MARIA, 1997, p.21.
[56] MARIA, 1997, p.93.
[57] SILVA, Joselina da. **Renascença, lugar de negros no plural:** Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro. 2000. Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro.
[58] SILVA, 2000, 65. GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006, p. 28.
[59] Em sua dissertação de mestrado Joselina da Silva divide sua pesquisa em quatro fases: Primeira fase do Renascença é assinalada por meio da identidade étnica, que estava presente a partir da identificação dos seus membros por meio da classe social, do fortalecimento dos laços de família, pela educação. A segunda fase esta centrada na beleza negra feminina com a participação das filhas dos membros e sócios do clube em concursos de misses e/ou rainhas, creditando maior visibilidade ao clube quando ele passa a ser destacado pela impressa do Rio de Janeiro. A terceira fase, segundo Joselina da Silva o Renascença, está diretamente ligado à construção de uma identidade étnica com base na manifestação cultural. O samba, o teatro e o Movimento Negro, considerados veículos de construção de uma identidade político-ideológica. A quarta e última fase há uma ausência de

Renascença servem para pensar as diferentes identidades negras manifestas em um mesmo espaço geográfico e que se diferenciam através dos tempos históricos e sociais"[60].

Sonia Maria Giacomini, ao analisar também o Renascença Clube, em sua tese de doutorado, a autora, percebe estes indivíduos, também pela categoria "identidade negra[61]". O que pretendo destacar na pesquisa de Giacomini é como as falas dos entrevistados, sua posição em relação às atividades do clube são contraditórios, não havia uma essência, uma identificação com uma única cultura ou um único modo de ver e estar no mundo.

Ao entrevistar Lucia, uma antiga sócia, ela destaca que, "os sócios se reunião de tarde, e quase nos moldes dos antigos clubes literários, ouvíamos música clássica, Bramhs, Bach, Mozart, tínhamos no clube muitos músicos, maestros, e também chás com muita declamação de poesia e saraus[62]. No que se refere às manifestações culturais, Ieda Marques Brito em São Paulo destacou que, os afrodescendentes ligados as sociedades recreativas, e em ascensão social, tinham suas práticas de consumo cultural muito distante da dos "Negros da Glete", por esses estarem ligados as práticas culturais que lembravam o tempo do cativeiro como a umbigada e o cacumbi. O posicionamento dos afrodescendentes letrados contribui para o alargamento entre as camadas mais pobres e o pequeno grupo letrado que se destacavam entre as populações de origem africana.

No Rio de Janeiro percebe-se que não foi diferente. Os afrodescendentes que fundaram o Renascença Clube eram pessoas de proeminência social, eram médicos, advogados, professores, que se destacavam pela condição econômica e educacional privilegiada. Algo muito distante da maioria de homens e mulheres de origem africana que habitavam os morros do Rio de Janeiro, cujo "hábitos de consumo" eram "considerados de mau gosto". Mas, nem todos aqueles, que foram criados naquele ambiente erudito estavam satisfeitos com ele. Em entrevista para Giacomini, Laura, filha de uma antiga sócia relata,

> Minha mãe sempre segurou muito essa coisa do passado, é uma coisa própria da sociedade mesmo, que faz com que a pessoa negue os valores né? Por exemplo, ela nunca deixava eu participar do carnaval quando eu era menina, né? (...) Então ela não deixava que eu participasse de bloco, e eu que adoro dançar rumba, samba, mambo. E ela me botava de fantasia, toda bonita no carnaval, mas era aquela coisa

---

identidade segundo a autora, surgem e consolidam-se os movimentos organizados, ONGs. Esse modelo de sociabilidade não atraia mais a classe média "branca" ou "negra", o novo contexto proporcionava uma maior visibilidade para os afrodescendentes sem isso ter significado a resolução das questões raciais na cidade. SILVA, Joselina da. **Renascença, lugar de negros no plural:** Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro. 2000. Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro.

[60] SILVA, 2000, p. 113.

[61] GIACOMINI, 2006, p.44.

[62] Lucia, 63 anos, advogada e museólogo, filha de famoso músico que esteve entre os primeiros sócios e freqüentadores do Clube, Apud GIACOMINI, 2006, p. 33.

> de ir para a cidade, na Cinelândia, mostrando a fantasia. Mas eu queria mesmo era sambar mesmo, queria mesmo participar daqueles piqueniques que tinha daqui para o Páquetá, daqueles Mocanguê que chamavam, né? Era ali na Praça XV o pessoal daquele Mocanguê dançando samba de roda, mas ela não deixava porque era questão de segurar a filha, né? Mas quando eu me vi independente, quando eu consigo me libertar um pouquinho, ah minha filha, foi 'Boêmio de Irajá', 'Bafo da Onça', 'Mangueira', 'Ilha', nisso tudo eu já saí. [...] Eu tive muitos problemas quando eu era mocinha e que eu ia para o Municipal, que eu sempre gostei muito de dançar. Quando eu fazia um requebro mais assim, colegas minhas, que hoje são professoras, todas formadas, diziam: 'Não samba assim não, isso é coisa de negro, coisa de negro da favela'.[63]

Outra evidência de que as práticas culturais entre a minoria de afrodescendentes bem-sucedidos e a maioria que habita os morros do Rio de Janeiro como assinalou Brito, é também apontada por Giacomini na entrevista de Laura, filha de um dos fundadores do clube Renascença Clube, como aponta a citação acima, gostava de poder participar das rodas de samba, de manifestações culturais ditas "populares". Enquanto José Roberto, não via o samba com bons olhos e fazendo parte das atividades do clube, como ele mesmo assinala, "O Rena tinha um pouquinho de cultura, aí depois ficou marcado como um clube de samba. Se você perguntar para a geração 60,70, o Renascença é o clube do samba e das mulatas. Antes de 60, 70, não tinha samba não"[64].

O samba será criticado pelos sócios fundadores do Clube Renascença em virtude do afastamento do projeto inicial, que era voltado para cultura clássica e erudita, posteriormente será criticado pela geração que será influenciada pelo movimento de direitos civis norte americano, que não viam no samba e suas atividades culturais um projeto maior, como nos indica Francisco, "até então (início de 1970) era só samba, ninguém se preocupava em fazer um trabalho com a comunidade. [...] Agora, nós, tínhamos um projeto político que tinha mesmo uma proposta de valorização dos negros, juntar todos os negros com o soul"[65].

Essas evidências aqui destacadas permitem-nos pensar, que, os afrodescendentes que estavam ligados ao Clube Renascença em suas diversas fases, eram pessoas de classes sociais distintas, e que, o único componente que os unia, era a ascendência africana. Isso, é, carregavam as marcas de uma origem comum, mas não compartilhavam dos mesmos valores culturais.

O que os unia, é o que, Michel Maffesoli chama, "de uma solidariedade orgânica, feita de atrações e de repulsões, de identificações afetuais ou de emoções partilhadas em todos os

---

[63] Entrevista realizada com Laura, Apud GIACOMINI, 2006, p. 43-44.
[64]Entrevista realizada com Jose Roberto, Apud GIACOMINI, 2006, p. 136.
[65] Entrevista com realizada com Francisco, Apud GIACOMINI, 2006, p. 209.

domínios".[66] Queremos atentar que as identidades são construídas historicamente e culturalmente e não biologicamente, pensar, esses homens e mulheres, valendo-se de categorias homogeinizadoras, implica negar, a pluralidade de experiências e vivência dos mesmos.

Contrariando as abordagens "essencializante", que "naturaliza" e "des-historiciza" a diferença, "confundindo o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético" [67] e para desprender-nos da noção de "raça", torna-se útil a noção de múltiplas identidades e identificações que nos permite pensar, as múltiplas experiências no interior de grupos africanos diversos. No processo da diáspora, e na constituição dos territórios, homens e mulheres passaram a perceber o mundo em que estavam inseridos, procurando sobreviver, mantendo sua cultura, ressignificando ou até sendo atraído por uma suposta cultura dominante.[68]

Nesse sentido, emprego a categoria afrodescendente porque, "ao contrário de negritude, o conceito não remete a uma identidade de natureza racialista e totalitária, além de permitir historicizar à construção das identificações no Brasil"[69]. Dessa maneira, poderemos pensar na constituição desse espaço lúdico como um lugar, para estar "entre os seus pares", um lugar onde aqueles indivíduos se reconhecessem como sujeitos, no qual prevalecem as afinidades eletivas, as subjetividades e a oportunidade de conviver com sujeitos que possuíam as mesmas aspirações, em viver da melhor forma possível.

A categoria, "identidade negra", utilizada por Silva, Maria e Giacomini entre outros autores, esgotam toda a pluralidade entre as populações de origem africana, percebendo-as enquanto uma massa monolítica, dificultando a compreensão dos diversos aspectos que não se resumem na simples ascendência a uma origem comum, as características físicas, biológicas e culturais. Concordamos com Marilise Luiza Martins dos Reis, que há possibilidade de pensar em identidades plurais, fluidas, isto é, fragmentadas, que estão em constante construção e reconstrução, possibilitando a ressignificação das

> Identidades, afastando-as das posições fixas, ligando-as às idéias de diáspora, para com isso compor identidades diferenciadas, para além do termo 'negro' uma - categoria que reflete equivocadas idéias racialistas, que reforça estereótipos e leva a

---

[66] MAFFESOLI, 2005, p. 211.
[67] STUART, Hall. **Dá diáspora**. Identidades e mediações culturais. Ed. Humanitas. 2003, p. 345.
[68] MARIA, 1997, p. 21.
[69] CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de Afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (coleção educação para todos). p. 172-3.

> manutenção de estigmas e supremacismos - em direção a um termo positivado: o prefixo 'afro', identificação que estimularia os que fogem dos velhos termos estigmatizados a se autodeclararem e se visualizarem dentro de um grupo de origem ancestral africana (independente do fenótipo), de forma positiva.[70].

Sendo assim, como podemos pensar em identidade negra se os africanos transplantados para o Brasil eram oriundos de diversos locais em África, possuidores das mais distintas culturas e tradições? É inegável a pluralidade existente naquele continente, bem como a diversidade entre a própria sociedade que se gestava no Brasil. Entendemos que o conceito "identidade negra" simplifica e generaliza essas populações, contribuindo para fortalecer a ideia de "raça" o que, por sua vez, contribui para a manutenção das desigualdades e hierarquias raciais.

As sociedades recreativas definidas como territórios negros, perspectiva presente nos trabalhos de Bernadete Orsi[71], Janaina Nailde Silveira[72] e Mariléia Simiano[73] que definem esses espaços a partir do conceito de "Territórios Interacionais" [74], ou seja, são percebidas enquanto "locais de encontro e troca, nem sempre fixos, permeados por códigos simbólicos de pertencimento, que os diferenciam dos demais."[75]

Segundo Silveira,

> Os afrodescendentes de Itajaí estabeleceram uma tradição de associativismo, criando seus espaços de lazer. Segundo Ilka Boaventura Leite esses espaços de lazer são classificados como territórios negros 'a noção de território como base geográfica e como espaço necessário à sobrevivência dos negros, possibilitou uma tendência, desde então, a interpretar todos os tipos de lugares habitados por estes, como espaços de resistência no interior da sociedade branca racista. O território seria, portanto uma das dimensões das relações interétnicas, uma das referências do processo de identificação coletiva. Imprescindível e crucial para a própria existência do social. Enquanto tal pode ser visto como parte de uma relação, como integrante de um jogo. Desloca-se, transforma-se, é criado e recriado, desaparece e reaparece. Segundo a autora existem dois tipos de ocupação, que seria a Residencial e a

---

[70] REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Vozes e Políticas da Diáspora na América Latina e Caribe**: a red de mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora como movimento transnacional afrodiaspórico. Mimeo. 2010, p. 12.

[71] ORSI, Bernadete. **Clube 13 de Maio:** um estudo sobre um território negro na área urbana de Tijucas. 1999. Monografia (especialização) Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

[72] SILVEIRA, Janaina Nailde da. **Nos Bailes da Vida**: Sociedade Sebastião Lucas – Espaço de sociabilidade dos afro-descendentes em Itajaí. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em história). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí.

[73] SIMIANO, Mariléia. **Sociedade Recreativa União Operária**: Um estudo sobre um território negro na cidade de Criciúma nos 1940-1960. 2002. Trabalho Monográfico (Especialização em história). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

[74] As mesmas utilizam o conceito de território interacional da antropóloga Ilka Boaventura Leite para definir o Clube 13 de Maio fundado em 06 de outubro de 1961, no município de Tijucas e a Sociedade Beneficente Sebastião Lucas, fundada em 22 de maio de 1952, na cidade de Itajaí.

[75] ORSI, 1999, p. 56.

> Interacional. Chamo a atenção para este último tipo de ocupação em Itajaí foi delimitado pelos afrodescendentes através de associações recreativas e culturais. [76]

As formações dos espaços de sociabilidades construídos por afrodescendentes são identificadas como "territórios", lugares de interlocução de "revivência", "invenção e re-elaboração de tradições culturais" [77]. Esse espaço passa a ser de fundamental importância para uma categoria que foi "marginalizada", ter um referencial de pertencimento a um determinado grupo social. A territorialidade ultrapassa o sentido de um lugar comum e passa a se constituir em um importante instrumento de visibilidade e autonomia.

De acordo Michel de Certeau, cabe aqui, considerar que na presente dissertação, as sociedades recreativas deixam de ser um simples "lugar" para ser "lugar praticado", isto é, um "espaço". Passam a ser espaços por se traduzirem em locais de mobilidade, tensões, conflitos e alianças. Um local "produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais"[78]. Ou seja, o espaço é marcado por ações dos "sujeitos históricos".

São nesses territórios que se revela a multiplicidade de experiências ali vividas pelas populações de origem africana. Thompson aponta que a experiência compartilhada, entre os "'homens e mulheres' também retornam como sujeitos, dentro deste termo – (experiência) – não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos"[79].

Os conflitos, as tensões, no interior desses espaços, as disputas de poder, as expectativas de ascensão social, a ruptura com a imagem negativa herdada da escravidão, o distanciamento e aproximações de valores supostamente dominantes, são experimentados, vivenciados nesses espaços, que proporcionaram a algumas pessoas prestígio sociais por estar inserido em um lugar que traria *status*, não foram vislumbradas por aqueles pesquisadores que perceberam nesses territórios somente a dança.

Para Orsi, as sociedades recreativas, a exemplo das abordagens da historiografia discutida anteriormente, se constituem como sociedades dançantes: "o objetivo fundamental do Clube [Treze de Maio] era promover reuniões e diversões de caráter social, cultural e

---

[76] SILVEIRA, 2000, p.11.
[77] SILVEIRA, 2000, p. 32.
[78] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.202.
[79] THOMPSON, 1981, p.182.

cívico. Este último consistia em comemorar condignamente a data do 13 de maio"[80]. Silveira, por sua vez, destaca que "a Sociedade Beneficente Sebastião Lucas mantém relações com outras entidades afro, uma delas é o Núcleo Afro Manoel Martins dos Passos, cujo objetivo é a cultura e a educação" [81].

Nara Regina de Jesus[82] em sua pesquisa sobre as agremiações culturais e beneficentes da capital gaúcha destaca a Associação Satélite Prontidão e a Associação Beneficente e Cultural Floresta Aurora. A primeira, fundada em 1902, em 1925 se une a Sociedade Carnavalesca Prontidão, daí o nome Satélite Prontidão. Corroborando com a interpretação de "associação combativa", a mesma pode ser identificada dessa forma, pois, como demonstra a autora,

> Mesmo passando por dificuldades financeiras a Sociedade Satélite Prontidão mantinha à disposição dos seus associados, e da comunidade que necessitasse, alguns serviços como cursos gratuitos de ensino primário ministrados por componentes do "Departamento Intelectual" do clube e ainda havia um gabinete dentário onde os associados eram atendidos [83].

Os espaços eram frequentados por uma parcela da população de afrodescendentes de Porto Alegre, que ascenderam socialmente, seus referenciais culturais pode-se dizer, não eram o mesmo da grande massa de afrodescendentes, mas esta conservava a característica de combativa e beneficente, na medida em que tomava iniciativas voltadas para a educação e a saúde daqueles que necessitavam, como destaca a citação acima.

Fundada em dezembro de 1872, a Associação Beneficente e Cultural Floresta Aurora também possuía "o departamento desportivo, intelectual e feminino à disposição de seus associados, realizando várias atividades como bailes, aniversários, "chá para senhoras", além de cursos e assistência médica"[84]. Segundo a autora, a Sociedade Floresta Aurora teria surgido com caráter beneficente, "para auxiliar famílias negras em caso de óbitos, custeando o funeral e prestando assistência, a essas famílias, segundo registro histórico da própria entidade"[85].

Considerados clubes de uma "elite negra" porto alegrense, as memórias dos entrevistados pela autora apontam que somente uma determinada camada das populações de

---

[80] ORSI, 1999, p.44.
[81] SILVEIRA, 2000, p.31.
[82] JESUS, Nara Regina Dubois de**. Clubes sociais negros em Porto Alegre - RS**: A análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite, Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial. 2005. Dissertação (mestrado em sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), Rio Grande do Sul.
[83] JESUS, 2005, p. 48-49.
[84] JESUS, 2005, p. 49.
[85] JESUS, 2005, p. 52.

origem africana daquela cidade poderia participar dos eventos, pois eram "*negras finas*" que usavam "aquelas roupas bem alinhadas", "tecidos finos",

> O Floresta, o pessoal de baixa renda do Barão, da Baronesa, não freqüentavam, eu lembro. Eram só as "negras finas", sabe, aquelas roupas bem alinhadas, tecidos finos, chapéus e a gente não tinha condições, a minha família não tinha pelo menos, não faltava nada em casa, mas condições para fazer vestidos e comprar chapéus não dava.[86]

As "organizações negras"[87] também estão presentes no interior do Rio Grande do Sul, no município de Pelotas, como abordam as autoras Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill, investigando a trajetória dessas organizações, que remontam os tempos do Brasil Império. Elas vêem estas organizações como entidades mutualistas, que não "se limitavam às atividades de socorro mútuo", "mas também procuraram formar bibliotecas, manter aulas para os sócios e suas famílias".

Até então, nada diferente das outras "organizações negras" já pesquisadas; o que as difere das demais é o modo de "organizar palestras sobre assuntos de interesse (inclusive a doutrina socialista)". Essas associações, como destacam as autoras, ainda não buscavam uma identidade racial, se organizavam em "entidades mutualistas, profissionais ou étnicas".

> Como forma de reação, os negros pelotenses formaram uma completa rede associativa, que incluía clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos (clubes e federação de futebol) entidades mutualistas, de assistência às crianças e de representação, as quais auxiliavam na integração de seus membros na sociedade, em termos de construção de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e, obviamente, de oportunidades de emprego e casamento [88].

Ao passarem de sociedades beneficentes para sociedades recreativas e carnavalescas, para as autoras, as organizações daquele município perdem seu caráter organizativo, consolidando "o estereótipo do grupo marcado exatamente pelo samba e pelo futebol."[89]

As mesmas destacam que, com o desaparecimento das sociedades recreativas e beneficentes surgem os blocos e cordões carnavalescos e os clubes de futebol. Tais questões não constituem nosso foco da pesquisa, mas em razão de algumas questões relevantes levantadas pelas autoras nos pareceu interessante incluir nessas discussões somente os clubes carnavalescos destacados por elas.

---

[86] Entrevista realizada em 16/06/2003, Apud JESUS, 2005, p.53.

[87] LONER, Beatriz Ana. **Negros:** Organizações e Lutas em Pelotas. Disponível em <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/Beatriz_Loner_Volume_05.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2010. LONER. B. A; GILL, L. A. **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

[88] GILL; LONER, 2009, p. 146.

[89] LONER, 1999b, p. 12.

Chove não molha e *Fica Aí para ir Dizendo,* o primeiro fundado em 26 de fevereiro de 1919, e o segundo, em 27 de janeiro de 1921, ambos com a mesma finalidade: congregar pessoas e festejar o carnaval. O primeiro era sensível à causa socialista, cedendo seu espaço à entidade Frente Negra Pelotense "para as suas atividades, como aulas e palestras, além de propiciar auxilio financeiro nas tarefas de arrecadação financeira"[90].

O *Fica Aí,* além de ser considerado o clube de "elite negra", adotava os padrões de comportamento da sociedade hegemônica, sendo extremamente rigoroso com a conduta moral e o bem-vestir de seus frequentadores. Além da diversão, os clubes, como abordam as autoras, estavam para além da sociabilidade e lazer, procuravam qualificar seus sócios para o mundo do trabalho,

> Os clubes também poderiam auxiliar na busca de empregos e na maior qualificação profissional para seus sócios, com o oferecimento de vários cursos, como corte e costura, técnicos, etc. o Fica Aí contou com um time de futebol, sala de ginástica e grupos de danças e, durante algum tempo, abrigou a Escola Primária Francisco Simões, em convênio com o governo do estado, o que resultava em subsídio para a manutenção, além de dar ênfase ao aspecto cultural do clube.[91]

A crítica feita por uma das autoras em sua tese de doutorado[92] é que houve uma "*involução em relação à extensiva rede de associativismo*" dos afrodescendentes entre os anos de 1920 a 1950, sua afirmação, está pautada na criação da Frente Negra Pelotense, "fundada em 10/05/1933, a partir da constatação da necessidade de uma entidade aglutinadora na luta contra a discriminação racial"[93]. Segundo Lonner, o declínio das sociedades de socorro mútuo, e a efervescência de sociedades recreativas e blocos carnavalescos consolidaram "uma imagem caricata" dessas populações perante a sociedade e, dessa forma, esse grupo perdeu a oportunidade de uma integração não marcada por estereótipos.

A autora não nos diz o porquê, e o que levou as organizações beneficentes a desaparecerem e a uma "involução", porém o que podemos perceber por meio das Atas dos clubes carnavalescos e sociedades recreativas não houve um rompimento com as finalidades das antigas sociedades de socorro mútuo. As citações acima indicam que as entidades permaneceram, prestando auxílio aos seus membros por meio da alfabetização, cursos de qualificação profissional e atividades lúdicas, isto é, estavam proporcionando para seus integrantes e para aqueles que estavam dispostos a aceitar as condições estabelecidas a fazer

---

[90] GILL; LONER, 2009, p. 154.
[91] GILL; LONER, 2009, p. 160.
[92] LONNER, Beatriz Ana. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. 1999. Tese. (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Porto Alegre.
[93] LONNER, 1999, p.401.

parte daquelas entidades, tendo a oportunidade de ascender socialmente se divertir e ter reconhecimento como cidadão.

Sem considerar a repressão do Estado Novo como um motivo para o desmantelamento das organizações das populações de origem africana, sem apontar uma justificativa plausível para o que teria causado tal desestruturação organizacional. Lonner indica que o fim das atividades da Frente Negra Pelotense é o início dessa *involução*, mas ao nosso entendimento a repressão do Estado Novo foi um forte elemento para o desaparecimento de algumas organizações mutualistas e recreativas beneficentes, que surgiram para suprir as necessidades de homens e mulheres que buscavam um ambiente restrito e acolhedor, que permitisse consolidar seus interesses e relações.

As sociedades recreativas segundo Willian Soares Lucindo[94] entre outras "organizações negras" do início do século XX, como a Imprensa Negra paulista, e os centros cívicos, são consideradas como "associações combativas". Estes conjuntos de organizações denominados pelo autor de "esfera pública letrada", constituíram-se em mecanismos de soerguimento das populações de origem africana por meio da vigilância constante dos seus membros na vida pública e privada, no auxílio mútuo aos que participavam dessas instituições, pela alfabetização e da criação de escolas noturnas, diurnas e fundos de beneficência para as famílias.

O mesmo desconsidera que as associações combativas surgem por volta de 1920 haja vista, que essas ações entre as populações afrodescendentes estavam presentes nas irmandades religiosas, no final do século XIX. O autor aponta que as sociedades recreativas beneficentes eram tão combativas quanto o Jornal o Clarim, como Centro Cívico Palmares e o Centro Humanitário José do Patrocínio. Segundo ele,

> Combativas eram, então, aquelas [associações] que tentavam "integrar" os afrodescendentes à sociedade de classe eliminando os obstáculos que lhe impedissem de competir com os brancos em pé de igualdade, isso tanto significou denunciar e criticar as práticas discriminatórias contra os afrodescendentes, quanto foi uma tentativa de inculcar padrões normativos que compartilhavam com as elites dirigentes. [95]

O seu trabalho ganha relevância quando interpreta o pós-Abolição como um problema histórico, à medida que a construção de "identidades negras" implicava em naturalizar a categoria "raça", remontando às teorias raciais do século XIX. Para o autor, a emergência de

---

[94] LUCINDO, Willian Robson Soares. **Educação no pós-Abolição**: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931). 2010. Dissertação (mestrado em história). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC), Florianópolis.
[95] LUCINDO, 2010, p. 59.

identidades raciais é o limiar de um processo de alargamento dos direitos de cidadania que foram negados aos afro-brasileiros por causa da naturalização das desigualdades sociais pautadas na hierarquização de raças, que definiam quem eram os “cidadãos”, portanto classificando aqueles que mereceriam ter acesso aos bens materiais e culturais.

De tal modo, por meio dessas exigências, essas sociedades conseguiram manter certo *status* com seleto número de sócios que, mesmo sendo trabalhadores de poucas posses tinham com o seu trabalho, a garantia de pagar a mensalidade e frequentar as atividades dos clubes. Conseguiram, dessa maneira, se destacar na situação econômica e cultural em relação aos outros afrodescendentes. Inserindo e estreitando suas relações em um espaço do qual nem todos faziam parte, somente aqueles que estavam dispostos a seguir determinados padrões culturais impostos.

CAPÍTULO II

NEGROS EM LAGUNA

Neste capítulo abordaremos a cidade na primeira metade do século XX, seus espaços, a sua economia, a composição da sua população. A análise proposta será realizada com base na discussão com a historiografia catarinense e regional, bem como por meio do uso de fontes históricas, especificamente dados de censos populacionais encontrados no acervo do IBGE-UNIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA. Utilizaremos também como fontes Livros Atas, os Estatutos dos clubes e jornais, mapas e imagens antigas da cidade, com o objetivo de, para além de situarmos a sua configuração geográfica, identificarmos em que espaços as populações de origem africana estavam inseridas no contexto. O objetivo deste capítulo é apresentar a inserção dos afrodescendentes no município de Laguna, e seu peso na população local, no mercado de trabalho.

2.1 A cidade um olhar sobre laguna no pós-abolição

Segundo João Leonir Dall'alba, Laguna foi fundada em 1676, ou em 1684[96], pelo vicentista, Domingos Brito Peixoto e seus dois filhos, junto com sua família de homens livres, indígenas e cativos africanos, que o acompanhavam na aventura de estabelecer um povoado na costa Sul do Brasil. Sua fundação está ligada a uma estratégia de povoamento e proteção do Sul do Brasil meridional, segundo Mariléa Martins Leal Caruso[97]. Atualmente possui uma população estimada em 51.691[98] habitantes, 441km² de território, e está localizada nas margens da BR-101, a 118 km ao sul de Florianópolis.

---

[96] DALL'ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880:** documentário. Florianópolis: Lunardelli: UDESC/DAPE, 1979, 175 p.
[97] CARUSO, Marilea Martins Leal; CARUSO, Raimundo C. **Índios, baleeiros e imigrantes:** a aventura histórica catarinense. Tubarão: Unisul, 2000, p. 81.
[98] http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1 acessado em 13 de agosto de 2010.

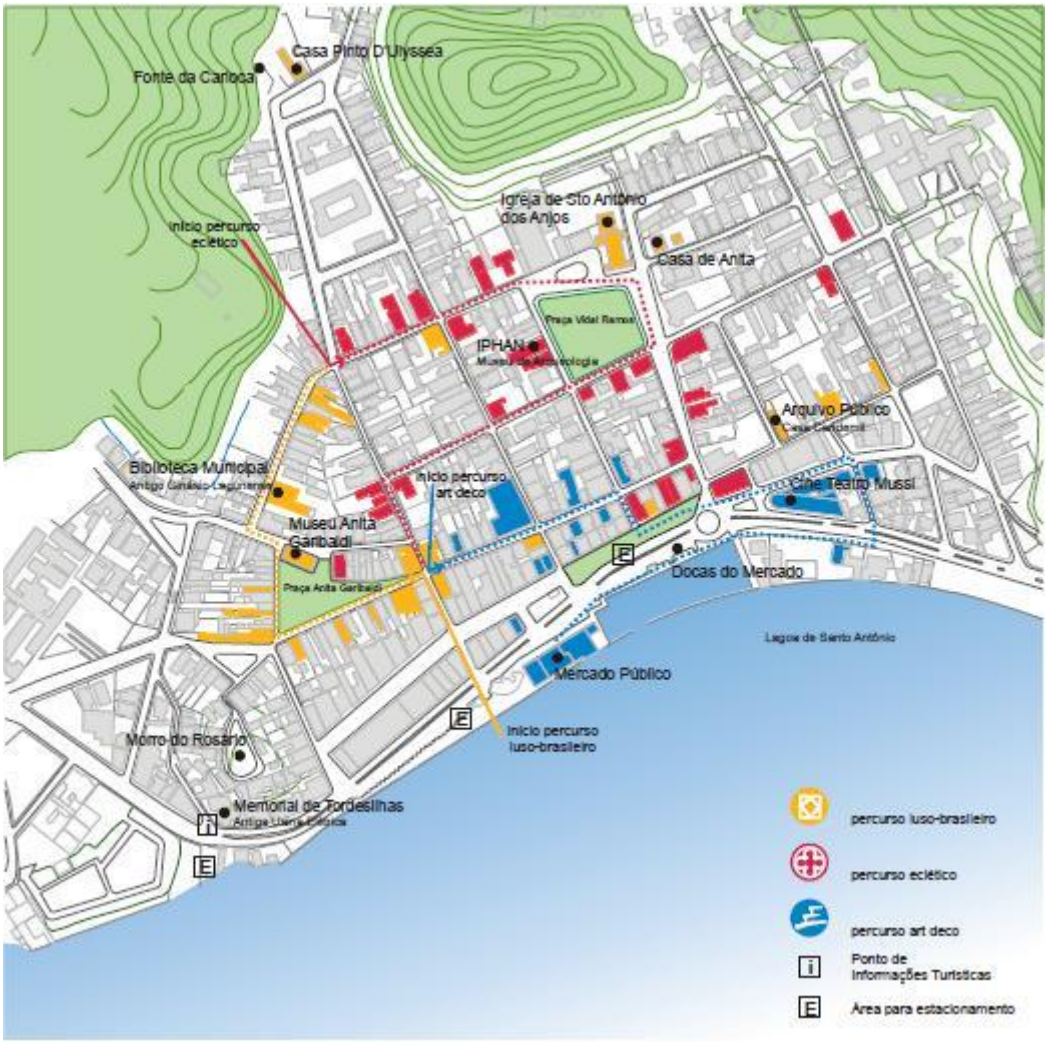

Figura 2: Mapa da Evolução Urbana de Laguna 2007.
Fonte: CAMPOS, Gizely Cesconetto de, 2007.

Laguna[99], no início do século XX, como outras cidades do Brasil, foi palco de transformações, como reestruturação do espaço urbano, surgimento de instituições disciplinares que, segundo a literatura especializada, buscava a reformulação das condutas e das sociabilidades, tornando-as mais adequadas ao mundo moderno que se instituía[100]. Formada por pequenas praças, ruas estreitas com calçamentos de pedras disformes, a cidade é entrecortada por pequenas encostas. Conforme Aloísio do Reis, o "centro da cidade está localizado entre dois morros e voltado para a lagoa denominada de 'Santo Antônio', tem

[99] A cidade fez parte de acontecimentos importantes da História do Brasil, como a Guerra dos Farrapos (1835 a 1845) e a fundação da República Juliana (1839)- Estado independente do Império Brasileiro, aliado à República de Piratini, localizada no Rio Grande do Sul e que também se havia declarado independente do restante do País. Laguna com suas ruas estreitas e em seus casarios, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1985, é a terceira cidade mais antiga do Estado de Santa Catarina.

[100] ARAUJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral:** reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**.** São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. BITENCOURT, João Batista. **Da salubridade à eugenia:** cidade e população no Estado Novo. Espaço plural, Ano VIII, nº 17, 2° semestre 2007, p. 55-64.

assim, seus limites definidos pelo relevo entrecortado. Os bairros mais antigos, Campo de Fora e Magalhães, surgiram contíguos ao centro”[101]. Navegantes, Progresso (Roseta), Portinho, e Cabeçudas, bairros tipicamente residenciais.

Os bairros de Campo-de-Fora e Magalhães concentram moradores de classe média (médios e pequenos) e de baixa renda; bairros como Progresso e Navegantes formandos basicamente por populações de baixa renda, começam a assumir, com seu crescente processo de urbanização perfil de classe média. As populações de baixa renda (constituídas em sua maioria por negros) vêm sendo deslocada sistematicamente para bairros periféricos como Portinho e Cabeçudas, ou para locais de menor valor imobiliário onde se concentram.

Segundo Reis, esse processo de deslocamento dos pobres se deu em virtude da crescente valorização imobiliária do espaço urbano. No entanto, esta não é a única justificativa possível, pois as intervenções solicitadas pelos comerciantes de Laguna e sua continuidade com a ação do poder público como a desapropriação e demolição do Largo Treze de Maio indicam a preocupação em se ter na cidade um ambiente salubre de acordo com os novos preceitos da higiene como aponta a citação abaixo

> Até hoje já foram demolidas 6 edificações, faltando apenas o desaparecimento das quatro casas restantes. É estes um acto de preparação, não só para o saneamento da cidade, que tinha alli um dos lugares mais inadequados à vida de cidade que se vae desenvolvendo de acordo com os novos preceitos de hygiene[...] Por esse motivo felicitamos a Superintendência por estes utilíssimos melhoramentos, com que será dotada a cidade[102].

Essas ações de remoção/exclusão das populações de origem africana e pobres do centro da cidade, no final do século XIX e início do século XX, produziram os espaços definidos por meio do *status*, gerando um afastamento entre indivíduos de classes sociais distintas.

---

[101] REIS, Aloísio. **Brinca quem pode**: territorialidade e (in) visibilidade negra em Laguna Santa Catarina. Florianópolis. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Estado de Santa Catarina-UFSC, p. 42.

[102] JORNAL O ALBOR. Laguna. 7 de maio de 1922. Nº 953.

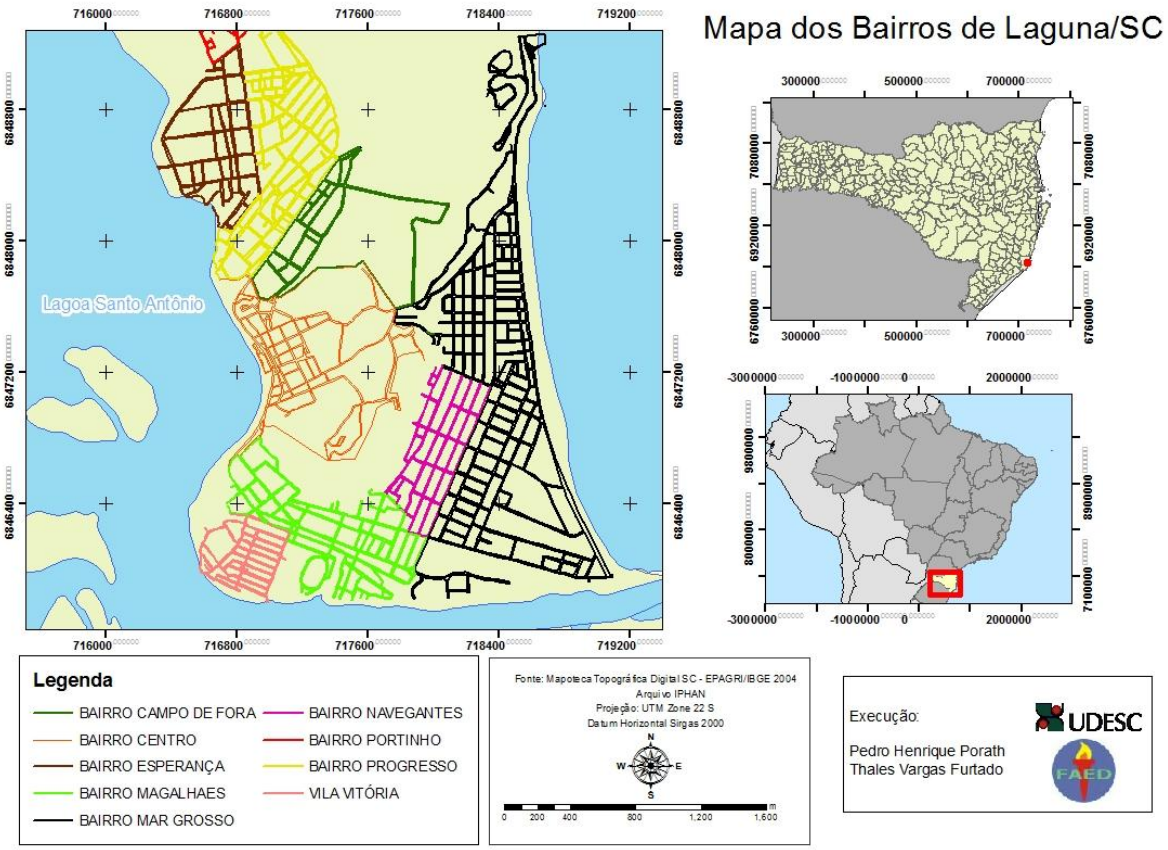

Figura 3 - Perímetro urbano de Laguna com localização dos bairros
Fonte: PORATH, Pedro Henrique; FURTADO, Thales Vargas. 2010.

De acordo com Saul Ulyssea[103], no processo de expansão da Cidade de Laguna, existia uma segregação espacial entre a cidade, isto é, o Centro e o arrabalde de Magalhães, abrigavam uma população mais pobre [104]. Havia certa aversão entre os moradores da cidade e do Magalhães, ou seja, entre as pessoas de menos destaque social. Os da cidade não se aventuravam a ir ao Magalhães à noite, sobretudo para o interior do bairro, onde era quase certa a agressão. Os moradores da cidade apelidavam aos daquele bairro, de cablocos, o que os desgostavam.[105]

Liliane Monfardini Fernandes de Lucena[106] destaca que próximo a esse bairro surge por volta de 1880 "um novo foco de povoamento, denominado 'Areal', hoje chamado de

[103] ULYSSEA, Saul. **A Laguna de 1880.** Florianópolis: IOESC, 1943.
[104] Apud LUCENA, 1998, p. 36.
[105] ULYSSEA, 1943, p. 12.
[106] LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna:** de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Bairro Progresso, que crescera significativamente durante o período da Primeira Guerra Mundial, ocupado por uma população mais pobre, de trabalhadores da estrada de ferro” [107].

Afirma que nesse mesmo período, era onde estavam localizadas as pessoas mais abastadas da cidade, “na Rua da Praia (atual Gustavo Richard) estava situado o Porto; a Rua ‘Direita’ (atual Raulino Horn) e da Igreja eram as ruas de maior prestígio social, nas quais estavam presentes as (famílias tradicionais, Pinto, Ulyssea, Cabral e Ungaretti) e algumas atividades de prestação de serviço como a primeira Agencia de Correio” [108].

Figura 4 - Vista do Jardim Calheiros da Graça e Rua XV de Novembro, início da década de 1930.
Fonte: MAREGA, Antonio Carlos,

Como nos indica a imagem acima, e apontam algumas evidências. Os espaços de sociabilidade e lazer estavam concentrados no centro histórico da cidade. As ampliações de contato com as novas formas de organização social se deram por meio de uma camada da sociedade lagunense abastada que, aproveitando o crescimento econômico de Laguna, por causa do porto e da estrada de ferro, tomaram a iniciativa de transformar a cidade, valendo-se de seus anseios e projetos, que elevariam o município ao *status* de civilização.

[107] LUCENA, 1998, p. 44.
[108] LUCENA, 1998, p. 82.

Essas transformações urbanas e a reestruturação dos espaços de sociabilidade não são específicas de Laguna, como sabemos processos semelhantes envolveram cidades tão distantes como: Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro ou mesmo Florianópolis. Em toda parte ocorreram transformações que levaram a uma reconfiguração dos espaços urbanos, essas mudanças podem ser percebidas em Laguna, bem como reformulação das condutas com a inculcação de novos valores considerados "civilizados"[109].

Diante dessas mudanças surgem os problemas e as tensões sociais existentes no mundo urbano e que não foram características somente de grandes cidades como Rio de Janeiro, onde as disparidades econômicas e sociais são mais evidentes; as cidades de pequeno porte também operaram no sentido de excluir, pobres dos seus espaços de sociabilidade e lazer, bem como dos seus territórios interacionais. Segundo Lucena a Praça da Matriz ficou cercada até meados de 1930, separando pessoas "do interior (área rural) ou de famílias de classe média e as famílias tradicionais"[110], a autora nos forneceu evidencias que apontam para a exclusão e a não convivência de pessoas de classes sociais distintas

> Então, quando chegavam os domingos, principalmente, havia os passeios pelo jardim ... então pela parte de dentro ficavam as micinhas (mocinhas) da sociedade, circulando, e pela parte de fora, na calçada eram as demais, que não pertenciam às famílias tradicionais... não se misturavam. Depois inverteu a turma da sociedade por fora e os demais por dentro. Isso, até 1945, aproximadamente.[111]

A imagem acima cotejando com o depoimento do senhor Gonçalo, aposentado como comerciante, e com 67 anos, quando foi realizada a entrevista aponta para a existência de exclusão de outros grupos sociais de alguns espaços em Laguna. Ainda nessa direção, temos o depoimento de dona Maria Viana da Silva, em que a ela afirma a ausência de contato entre os grupos considerados subalternos e as elites dirigentes na Praça da Matriz, na época denominada Jardim Calheiros da Graça:

> O jardim, o jardim era cercado, de sarrafo assim, os mais ricos passeavam por dentro. Tudo de braço né, naquele tempo o passeio era dentro do jardim! Os namorados. E os pobres por fora, é aquele é! do centro [atual Praça da Matriz]. O mesmo jardim aquele. Os pobres, branco e negro também! já sabiam que não podiam.[112]

---

[109] ARAUJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral:** reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**.** São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
[110] LUCENA, 1998, p. 111.
[111]Gonçalo. Entrevista concedida a Liliane Monfardini Ferndandes Lucena, Apud, LUCENA, 1998, p, 111.
[112] SILVA, Maria Viana da. Entrevista concedida a Marilise Luize dos Reis. Laguna, dezembro 2009.

Sustentando nossa hipótese de que houve exclusão social dos ambientes de sociabilidade de Laguna, as fontes nos permitiram apreender as formas de sociabilidades entre aqueles grupos sociais sem aparentes conflitos declarados, isto é, nossas fontes não demonstraram tais conflitos, entretanto, isso não configura a existência de uma convivência plenamente harmoniosa.

Figura 5 - Vista parcial da Rua da Praia (Atual Gustavo Richard), ironicamente o mesmo conduziu reformas em Florianópolis no início do século e área portuária aterro norte, na década 1920.
Fonte: BITENCOURT, João Batista. 1997.

A imagem acima também contribui para pensarmos que devido à grande movimentação da estrada de ferro, junto com as atividades portuárias, houve um maior contato entre os munícipes, que circulavam nos arredores, trabalhando, recebendo e expedindo mercadorias, além da constante passagem de imigrantes alemães e italianos que até 1915[113] utilizavam o porto de Laguna para desembarque e dali se instalarem nas proximidades. Essas atividades possibilitaram a constante interação entre pessoas que chegavam e saíam através do porto e que ficavam sabendo de novidades procedentes de outras cidades como, Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo.

Esse contato de visitantes, vendedores, exportadores com as elites dirigentes, foi fundamental para que esses homens efetivassem sua aspiração em reestruturar tanto o modo de vida quanto a configuração da cidade. Desse modo, veremos as elites dirigentes cobrarem

[113] GUEDES JUNIOR, Valmir. **Porto da Laguna:** a luta de um povo traído**.** Florianópolis: [s. n.], 1994, p. 13.

do poder público o cumprimento dispostos no código de posturas municipais, com a intenção de cobrar ordem no que tange o funcionamento de determinados estabelecimentos como veremos na citação, "pedem-nos que chamemos a atenção do sr, zelador municipal para que faça observar o disposto no Código de Posturas Municipais no que resguarda as horas do fechamento, á noite, das casas de negócio. Não é raro verem-se abertas até as 11 horas da noite e até mais tarde[114] .

Élio Cantalício Serpa[115] analisando os projetos/esforços de modernização em Laguna e Lages, por meio do exame de jornais e dos códigos de posturas municipais, percebeu que os grupos dirigentes que emergiam na cidade como comerciantes, profissionais liberais, altos funcionários públicos, desejavam de Laguna *status* de *cidade civilizada.* As evidências são inúmeras como, por exemplo, a encontrada no Artigo 21º do Código de Posturas[116] Municipais de Laguna, buscavam normatizar os espaços daquela cidade,

Figura 6 - Vista da esquina do ABC e Rua Raulino Horn, antiga Rua Direita na década de 1920.
Fonte: BITENCOURT, João Batista. 1997.

[114] INFRAÇÃO DE POSTURAS. Jornal O Albor. Laguna, 18 de março de 1904.
[115] NODARI, Eunice. S.; SERPA, Elio. C.; MERGENER, Flávia. DEL PRA NETTO, Cláudio. **Laguna e Lages**: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. In: Revista Catarinense de História n º 3, 1995.
[116] **COLEÇÃO DE LEIS 1841-1845**. Lei de 4 de maio de 1845. Florianópolis: Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina, apud, NODARI, 1995, p. 10.

> Os proprietários farão retocar, caiar ou cobrir de dois em dois annos, nos mezes de Setembro a Dezembro, a frente de seus prédios, e pintar a óleo ou verniz de três em três anos, nos referidos mezes, as portas, jannelas, postigos, caixilhas, varandas, grades e gradis de ferro que ficarem para as ruas.[117] (sic)

Dar às cidades, naquele contexto, um tratamento estético, era absolutamente vital para a construção da ideia de progresso e civilização. Nesse sentido, o poder municipal buscou com esses códigos de posturas[118] normatizar, não só as construções e a urbanização da cidade como também as condutas, buscando transformar prática e atitudes de homens e mulheres ali presentes. A imagem acima traduz esses esforços em fazer que as pessoas, que moravam naquela região, cuidassem da aparência dos seus casarios. Por isso a cobrança em cuidar do aspecto físico da cidade, penso que tais exigências tenham contribuído para afastar dessa região, aquelas pessoas de poucas posses que estavam ali presentes e que não tinham condições financeiras para investir constantemente no embelezamento de suas residências, e dessa forma, obrigando-as a vender seus imóveis e se deslocar para as áreas periféricas da cidade.

Esses esforços de soerguimento da cidade indicam as práticas desejáveis, mas também defini pessoas e costumes indesejáveis:

> (...) com o intuito de fazer desapparecer uma scena que tanto nos envergonha, como era a formada pela turma de pedintes que, quase diariamente, andava de porta em porta esmolando, o nosso commercio...num gesto que muito o dignifica, encarregou as bondosas senhoras que constituem a Associação Damas de Caridade de distribuírem semanalmente...as quantias que por elles lhes fossem entregues...Pois bem. O saneamento foi feito... É preciso que aquelas scenas degradantes, desenroladas ás nossas vistas, de verdadeiro assalto aos viajantes por ocasião da chegada de um trem ou vapor, não mais se reproduzam. A polícia cumpre zelar pelo que está feito, prendendo se necessário for estes indivíduos.[119] (sic)

De fato, como indica João Batista Bitencourt às elites dirigentes por meio dos periódicos locais, o Jornal O Albor e O Pyrilampo desejavam inculcar novos padrões de comportamento estabelecidos pela nova ordem social vigente. Para esses cidadãos do mundo urbano caberia comportar-se com hábitos polidos, higiênicos e salubres que os identificaria como indivíduos “civilizados”. Essas atitudes em manter afastadas da cidade estas “scenas” consideradas degradantes, sugerem práticas excludentes por partes das elites dirigentes, e a manutenção da exclusão efetivada pela intervenção do poder público são expressões de anseios que esta classe abastada almejava como salienta a citação abaixo

---

[117] EDITAES. **Jornal O Albor**, 30 de novembro de 1911, Apud, CERPA, 1995, p. 10.
[118] ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
[119] OS PEDINTES. **Jornal O Albor**, Laguna, 26 de janeiro de 1919, Apud, SERPA, 1995, p. 10

> Em meu trajeto comecei a incomodar-me por ver o Sr, fiscal consentir pelas ruas um grande número de cavalos, cabritos e cães, que além da imoralidade que causam a todo momento, servem de incômodos ao passeante.
>
> Me perguntarão talvez por que me incomodo com essas coisas, lhes responderei, porque já tenho sido testemunha ocular das maiores imoralidades com animais (que por decência deixo de falar) e vitima de uma queda em poço de lama motivadas por um cavalo que a toda brida vinha disparado. Tenho ou não razão para falar destes absurdos[120].

A higienização, a fiscalização policial e as intenções dos grupos abastados estão evidentes nessas citações. A cidade não deveria ser palco de pedintes nem de animais, quem a merecia eram as pessoas de aparência digna, que não assustassem os viajantes por meio de "scenas degradantes" como os animais nos espaços públicos. Afinal, com as atividades portuárias, chegadas de navios e do trem trazendo comerciantes, visitantes etc. a todo o momento à Laguna, era preciso que ela conservasse aspectos de uma urbe em pleno desenvolvimento. Os indícios apontados acima reforçam que as intervenções efetivadas pelas autoridades, nos espaços públicos e privados, como analisou Sidney Chalhoub no Rio de Janeiro

> Intervenções violentas das autoridades constituídas no cotidiano dos habitantes da cidade, sob todas as alegações possíveis e imagináveis, são hoje um lugar-comum nos centros urbanos brasileiros. Mas absolutamente não foi sempre assim, e essa tradição foi algum dia inventada, ela também tem a sua história.[121]

O deslocamento dos pobres de Laguna do centro para os bairros periféricos, talvez não tenha sido um processo de violência aberta como no Rio de Janeiro. Mas, penso que todos esses vestígios e evidências apontam que os comerciantes reivindicavam do poder público, o afastamento das "classes perigosas"[122] do centro da cidade. Já as classes abastadas fizeram a primeira intervenção e exigiram que o setor público, por meio da polícia, desse a continuidade ao processo. Como destaca Sidney Chalhoub as "intervenções urbanas têm sua história"[123], em Laguna, as reformulações das condutas e dos espaços de sociabilidades, os territórios se iniciam na Primeira República.

---

[120] O PYRILAMPO, Laguna, 1 set. 1864, p. 3, apud, BITTENCOURT, 1997, p. 70.

[121] CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 19.

[122] Para Mary Carpenter "as classes perigosas eram constituídas pelas pessoas que já houvessem passado pela prisão, ou as que mesmo não tendo sido, haviam optado por obter o seu sustento e o da família através da prática de furtos e não do trabalho". Para os Deputados do Império do Brasil no final do século XIX, ser pobre significava fazer parte das classes perigos, suas interpretações eram generalizadas sendo a "classe pobre e viciosa" e "viciosas" palavras "pobres" e "viciosos" significavam as mesmas coisas; neste caso, todos os pobres seriam viciosos. CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.20-22.

[123] CHALHOUB, 1996, p.19.

É com as atividades portuárias que a cidade estabelecia contato com outros centros urbanos, obtendo, assim, com maior facilidade as informações sobre as novas mudanças ocorridas nos padrões culturais e sociais, e que eram também facilmente incorporados por aqueles que já faziam parte ou gostariam de estar entre as camadas mais abastadas da cidade.

Outros fatores que contribuíram para disseminar novos valores culturais foram os membros das elites locais, segundo Elio Cantalicio Serpa (comerciantes, armadores, altos funcionários públicos e profissionais liberais, membros das famílias tradicionais), que se deslocavam para outros centros em busca de estudos e/ou negócios, e quando voltavam sentiam a necessidade de elevar sua cidade a *status* de civilização. Além dessas atividades econômicas, Laguna destacava-se por ter uma atividade portuária intensa e pelo comércio, como salienta Serpa,

Figura 7 - Vista do Porto de Laguna década de 1930.
Fonte: BITTENCOURT, João Batista, 1997

Figura 8 - Vista do Porto de Laguna década de 1940.
Fonte: BITENCOURT, João Batista, 1997

Com a decadência das atividades do porto de Florianópolis, Laguna ganha destaque, tornando-se a cidade mais importante do Sul do Estado, na Primeira República**.** As imagens acima corroboram com a perspectiva de Serpa, sendo que para o escoamento de mercadorias que saíam e chegavam à Laguna, o meio mais rápido era seu porto. Não dispomos de imagens do**s** trabalhadores em atividades, contudo supondo que, Florianópolis deixando de ser o único porto escoador e receptor tanto de mercadorias quanto de pessoas no Sul do Estado, Laguna ganharia destaque como a cidade que possibilitaria a passagem desses produtos e pessoas vindas de outras regiões como, Gizely Cesconetto de Campos enfatiza:

> Com o desenvolvimento das colônias (Azambuja, Urussanga, Grão-Pará, Princesa Isabel e Braço do Norte) os produtos por elas produzidos eram trazidos de trem e escoados através do porto de Laguna. Este fato juntamente com a exploração do carvão, fez com que, na segunda metade do séc. XIX, Laguna assumisse a 4ª posição no estado quanto à movimentação portuária.[124]

Além do carvão, produtos como banha, farinha, açúcar, madeira e aguardente faziam parte do abastecimento que movimentava o porto. Sendo um importante abastecedor da Praça do Rio de Janeiro, segundo Lucena, o porto foi decisivo para o crescimento econômico e

[124] CAMPOS, Gizely Cesconetto De. **Patrimônio edificado de Laguna**: conhecer, interpretar e preservar. Tubarão 2007. Dissertação (Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL, p. 41.

social da cidade. Como afirma Saul Ulyssea, "o porto era bastante movimentado, no cais viam-se marinheiros, sentados sobre velas de navio estendidas, de repuxo e agulha, palomando-as e cosendo-as, em alegres algaravias" [125]. Ademais dos marinheiros que ali ficavam muitas pessoas frequentavam aquele espaço para ver a chegada e saída dos navios, transformando aquele lugar, em um espaço de sociabilidade, de encontros, de trocas de informação, estreitamento de laços de solidariedade, amizade e por que não pensar nos primeiros encontros para organizar os espaços lúdicos e de instrução.

2.2 A cidade e seus lugares, os afrodescendentes e seus espaços.

Dentre as atividades econômicas de Laguna, na primeira metade do século XX, as populações de origem africana não estavam presentes como as famílias tradicionais, profissionais liberais, entre outros. Se os afrodescendentes não estavam entre a classe social dirigente na cidade de Laguna, podemos deduzir em que atividades eles se encontravam: nas fábricas de banha, na estrada de ferro, como domésticas, no porto como estivadores, na agricultura, como assinala o livro de registro de sócios das sociedades recreativas União Operaria[126] e o estatuto do Club Literário Cruz e Sousa[127]. Por meio dessas fontes foi possível perceber que a população de origem africana de Laguna, em sua maioria não fazia parte da elite lagunense como detentores dos bens materiais e dos meios de produção. Mas isso não significa a não existência de afrodescendentes, que exerciam influência seja ela política ou econômica naquela cidade.

As populações de origem africana são destacadas na historiografia catarinense e regional como inexpressivas ou inexistentes; essa abordagem é corroborada por alguns autores como Oswaldo Rodrigues Cabral médico e higienista e natural de Laguna, que muito escreveu sobre a história de Desterro, atual Florianópolis, e também sobre Laguna. Em seu livro *Laguna: e outros ensaios* [128], Cabral reforça a tese de que em Santa Catarina, as populações de origem africana são insignificantes.

Ele afirma que "é bem verdade que Santa Catarina foi insignificante em população escrava e a densidade do negro na totalidade catarinense uma das menores reveladas pelas estatísticas de épocas diferentes, em comparação à verificada em outras Províncias" [129]. "Não é

---

[125] SAUL, 1943, p. 16.
[126] Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária 1919 a 1952.
[127] **Ata de Fundação do Club Literário Cruz e Souza**, Cartório de Registro Civil de Laguna, 1948.
[128] CABRAL, Oswaldo R. **Laguna; e outros ensaios.** Florianópolis: IOESC, 1939.
[129] CABRAL, 1939, p. 166.

de admirar", continua, "que, com a reduzida porcentagem de cativos existentes em Santa Catarina que nada ou quase nada tenha ficado em nossa literatura e em nossa história a seu respeito"[130]. Para suas análises, a inexistência de grandes latifúndios, das grandes fazendas algodoeiras, cafeeiras e açucareiras foram os motivos da não existência de uma vasta literatura sobre os africanos e afrodescendentes. "Não conhecemos o esplendor colonial dos grandes senhores, poderosos e faustosos"[131]. Cabral tem como fonte para suas análises, os registros oficiais pelos quais confirma sua análise de inexpressividade das populações de origem africana

> Em 1860, a Fala do Presidente João José Coutinho danos uma população de 98.281 habitantes, nela incluídos 16.316 escravos, o que constitui apenas, 16,6% da população. Finalmente em, 1881, segundo uma estatística do Ministério da Agricultura, num total de um milhão e duzentos mil escravos existentes em todo o país, informa que à contribuição de Santa Catarina era apenas 10.821, ou fosse 0,9% [132].

Sem considerar os africanos e afrodescendentes livres e libertos nessas estatísticas, Cabral corrobora com a perspectiva de que a falta de um sistema escravocrata como Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais fez de Santa Catarina, uma região peculiar, onde predominou um sistema econômico de pequena propriedade, possibilitando o contato mais próximo entre senhores e cativos e, nesse sentido, as relações hierárquicas e de dominação se deram de forma mais suave.

As fontes que evidenciam a ausência de africanos e afrodescendentes no Sul do Brasil são relatos de viajantes que comparavam Santa Catarina aos grandes centros exportadores, e os relatórios dos presidentes da Província. Em *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*, Fernando Henrique Cardoso utiliza-se dessas fontes para verificar a presença/ausência africana na Província catarinense,

> Entretanto, numericamente a população escrava da Província cresceu continuamente, durante os primeiros cinqüenta anos do século, atingindo pontos máximos na década de 1850 a 1860. Convém ponderar que, se, de um modo geral as estatísticas do passado são falhas, particularmente os dados para a população da Província de Santa Catarina, apresentados nos relatórios de 1855-56-58, pelo presidente J.J Coutinho, parecem pecar pela imprecisão quando cotejados com os dados que Araujo Brusque fornece para o ano de 1859, estes bem mais seguros, que apontam um número menor de escravos. De qualquer maneira, parece que neste

[130] CABRAL, 1939, p. 166.
[131] CABRAL, 1939, p. 169.
[132] CABRAL, 1939, p. 167-168.

> decênio, a população escrava foi mais numerosa em Santa Catarina que em qualquer período do século XIX [133].

Fernando Henrique Cardoso afirma que a economia catarinense teve certo crescimento, mas não o bastante para envolver uma grande massa de cativos. Para ele, a economia da Província se desenvolveu com introdução do imigrante europeu. Ao pensar o desenvolvimento de Santa Catarina, após a entrada dos imigrantes, o autor, ao analisar os relatos dos viajantes, comparando Santa Catarina aos grandes centros exportadores, considera inexpressivas as populações de origem africana na sua atuação nos diversos setores de desenvolvimento econômico da Província. Nesse contexto, acaba afirmando a hegemonia do imigrante europeu como o suposto empreendedor, não percebendo que os próprios números que ele traz contradizem essa interpretação de que essas populações eram numericamente inferiores, e que elas estavam presente, nas mais diversas atividades da Província.

Para pensarmos como as fontes foram analisadas, e como esta abordagem produziu êxito em tornar homens e mulheres de descendência africana, pessoas invisíveis ou como saliente Ilka BoaVentura Leite,"vistos como não existentes" [134], analisaremos os dados do relatório de Araújo Brusque: "Se tomarmos dos dados do relatório Brusque, um dos melhores levantamentos da época, teremos o seguinte cômputo da população de toda a Província, em 1860, incluindo-se a população escrava"[135].

Municípios	Livres	Libertos	Escravos	Total
Capital	15.552	796	3.597	19.945
São José	12.996	478	2.225	15.699
São Francisco	12.394	1.134	3.948	17.476
Laguna	23.994	6.148	3.310	33.452
São Miguel	7.376	1.326	963	9.665
Porto Belo	11.003	340	1.197	12.540
Lages	4.630	114	1.076	5.820

Quadro 1 - População da Província, em 1860
Fonte: Araújo Brusque, 1860.

Cardoso continua indicando que "vê-se, pois que na Capital e seu termo o número de escravos quase sempre foi maior e mais constante que nos outros municípios, até 1872. Entretanto, a população de cor de cidades como São Francisco e Laguna era maior do que a

[133] CARDOSO. Fernando Henrique**. Negros em Florianópolis**: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000, p. 125-126.
[134] LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no sul do Brasil:** invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
[135] CARDOSO, 2000, p. 131.

de Desterro, porque nelas o número de libertos era grande".[136] Com os números desse relatório, considerando que em Laguna existia uma quantia de libertos e cativos, que não se pode considerar inexpressiva, ainda, assim, o autor interpretava essas fontes com a visão de uma população de africanos e afrodescendentes em pequeno número na Província, contrariando as próprias fontes que sugeriam a existência de um percentual considerável de homens e mulheres de ascendência africana.

E quanto à população de Laguna, o recenseamento de 1900 registra no município 8.224 homens e 8.227 mulheres, somando um total de 16.451. Em 1920 havia em Laguna, 13.703 homens e 13.870 mulheres, perfazendo um total de 27.573 habitantes. O censo demográfico de 1940 registrava uma população de 33.218 habitantes classificados quanto à cor e sexo: brancos, 15.169 homens, e 15.559 mulheres; pretos, 1.058 homens e 1.307 mulheres; pardos, 62 homens e 62 mulheres, um homem não declarou a cor.

Tabela I
População presente por sexo
Laguna- 1900

Município	Homens	Mulheres	Total
Laguna	8224	8227	16451

Fonte: IBGE- censo Demográfico de -1900

Tabela II
População presente por sexo
Laguna- 1920

Município	Homens	Mulheres	Total
Laguna	13703	13870	27573

Fonte: IBGE- censo Demográfico de- 1920

Tabela III
População presente por sexo e cor
Laguna- 1940

Município	Brancos		Pretos		Amarelos		Pardos		De cor ñ declaração	
Laguna	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
	15169	15559	1058	1307	-	-	62	62	1	

Fonte: IBGE- censo Demográfico de- 1940

[136] CARDOSO, 2000, p. 131.

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1950, a população de Laguna era de 38.189 habitantes, e estava composta da seguinte maneira, quanto ao sexo e cor: brancos, homens 17.442 e mulheres 17.938; pardos, 448 homens e 484 mulheres; pretos, 856 homens e 957 mulheres e 74 não declaram a cor. Esses dados não constam na tabela do censo de 1950, mas em outro texto também produzido pelo IBGE, isto é explicitado. A somatória total dos habitantes em Laguna, no mesmo censo é de 38.125 e não de 38189, como consta nos registros oficiais.

Tabela IV
População presente por sexo e cor
Laguna- 1950

Município	Brancos		Pretos		Amarelos		Pardos		De cor ñ declaração	
Laguna	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
	17442	17938	856	957	-	-	448	484	-	-

Fonte: IBGE- censo Demográfico de- 1950

Os dados oficiais referentes ao censo de 1950 apresentaram imprecisões, pode-se deduzir que nos censos anteriores também tenham ocorrido esses erros, não podemos descartar tal hipótese, os registros alterados, ou uma vez, apresente alguma deficiência e sendo utilizado como fonte, devem ser inquiridos, investigados pelo historiador, a leitura minuciosa, a percepção daquilo que não é visível, o cotejo com outras fontes podem auxiliar na investigação de inquietações que partem do tempo presente.

A classificação por cor em 1900 e 1920 não foi registrada, esse tipo de registro tem seu início em 1940. Os dados estatísticos do censo de 1940 indicavam que em Laguna existiam 2.365 homens e mulheres, que se identificavam como “pretos”; os “pardos” homens e mulheres somavam um total de 124, e em 1950, os pretos somavam 1.813 e os pardos 932. De 1940 para 1950 houve um aumento significativo daqueles que se autoclassificavam como pardos e diminuiu aqueles que se autoclassificavam como pretos. Aqueles que se declararam “brancos” de 1900 a 1950 obteve maior crescimento segundo dados do IBGE.

Esses dados deixam inquietações quanto ao que levou em dez anos a ter um aumento significativo de pessoas, que se classificavam como “pardos” e a redução daqueles que se classificavam como “pretos”. Podem existir infinitas explicações para as alterações desses números, desde imprecisões dos dados do IBGE, à interferência dos recenseadores, classificando as pessoas de acordo com seus critérios e, por fim, podemos pensar que aqueles que se classificavam como pretos passaram a se declarar como pardos, os dados apontam para

essa direção, indicando que o número daqueles que se classificaram como pretos diminui, deixando à luz tal questionamento.

A composição social de Laguna, a territorialização ocorreu para atender categorias sociais distintas. Os territórios dos afrodescendentes de Laguna eram as sociedades recreativas, não creio que as constituições desses espaços se deram somente em vias de resistência a exclusão, eles se instituem por meio da vontade, solidariedade, sociabilidade em ter um lugar próprio, em que pudessem viver entre seus "iguais".

As marcas das populações de origem africana não foram deixadas somente com a construção dos espaços de sociabilidade, esses homens e mulheres estão presentes em toda cidade como nos mostra Saul Ulyssea na obra *A Laguna de 1880*[137], o autor traça um quadro expositivo da cidade, excursionando pela sua memória, descrevendo todas as ruas, edificações, pessoas das mais simples as mais "distintas" e "honrosas" como ele relata. Ulyssea por uma de suas descrições minuciosa nos possibilitou perceber que existiram alguns afrodescendentes, que residiam nas áreas centrais da cidade, convivendo ao lado de comerciantes, exportadores, pessoas que faziam parte dos grupos sociais dirigentes.

O primeiro registro é evidenciado da seguinte forma, "na rua da praia, hoje atual Gustavo Richard, a não ser no primeiro quarteirão, raras casas eram ocupadas para a moradia. Em sua grande maioria serviam de estabelecimentos comerciais[138]". Após descrever todos os estabelecimentos, residências e pessoas dessa rua, o autor nos permitiu conhecer em que condições viviam os afrodescendentes em Laguna seus nomes, suas profissões etc. Ao lado de um sobrado pertencente ao comerciante José Pereira da Silva Candemil diz o autor, "existia uma cêrca de taboas em mau estado e no interior uma meia água onde morava um preto, bom carpinteiro de nome Manoel Tavares. Preto bem falante que gozava de confiança geral devido a sua honestidade"[139].

Na Rua do Ouvidor, atua Osvaldo Aranha até o final da Rua Fernando Machado do lado direito, existiam lá duas ou três casas baixas, segundo o autor, e que "em uma delas morava uma preta parteira muito prática de nome Maria Lúcia que a creançada (sic) chamava de 'dindinha Lúcia'. Era a parteira mais cotada"[140]. Na Rua Tenente Bessa, conforme nos relata Ulyssea, do lado esquerdo depois de uma cerca de taboas velhas, em "uma pequena casa morava o charuteiro Roberto e um menino de nome Ismael, muito comedido e de bons

---

[137] ULYSSEA, Saul. **A Laguna de 1880**.
[138] Ulyssea, 1943, p. 29
[139] Ulyssea, 1943, p. 29.
[140] Ulyssea, 1943, p. 30.

costumes. Esse menino foi mais tarde, um dos mais distintos funcionários públicos, o sr. Ismael Souza”[141].

Este mesmo Ismael Souza se tornou presidente da Sociedade Recreativa União Operária nos anos de 1924 e 1925[142]. Na antiga Rua Direita hoje denominada Raulino Horn, no lado esquerdo da rua morava um alfaiate de nome Manoel Alano Fernandes Lima, segundo Ulyssea,

> Manoel Alano era o alfaiate da moda e vestia-se bem. Baixo, forte e de fisionomia simpática. Foi o único homem de côr que conseguiu vencer o preconceito da época contra os descendentes da raça negra, devido ao seu caráter, insinuação e delicadeza. Freqüentava a melhor sociedade[143].

Ainda na mesma rua residia um pardo de nome Sabino, que era barbeiro, morava em uma “casinha” baixa aos fundos dos herdeiros do coronel Bessa. Já na Rua Santo Antônio, onde está localizada a atual sede da Sociedade Recreativa União Operária, morava uma parda de nome Felisbina. De acordo com o autor, do lado direito começava um terreno baldio, seguindo uma cerca e quatro casas baixa, sendo uma dessas de propriedade de Felisbina.

No Largo da Carioca, atualmente Praça Lauro Müller, e onde está localizado o Grupo Escolar Jerônimo Coelho, e antiga residência do tenente-coronel Joaquim José Pinto de Ulyssea, uma das casas mais bem construídas em Laguna na época. Nessa região residiam os herdeiros do tenente Francisco Freitas, próximos ao morro da carioca, e próximo à casa dos herdeiros do tenente, “moravam uma parda de nome Iria, um preto de nome Manoel Francisco e um pardo alto conhecido como João Mujolo que puxava de uma perna devido a um ferimento na Guerra do Paraguai onde fora voluntário”[144].

Em outra casa morava um preto da Costa, Antonio Wanzeller, que aos domingos, segundo o autor, de calças brancas e enormes sapatos esmolava para a Irmandade Nossa Senhora do Parto. Sua mulher de nome Luiza era parteira. Já na antiga Praça da Matriz hoje Praça Marechal Floriano, no quarteirão que vai da Rua Voluntário Carpes até a Rua “Santo Antônio morava o carpinteiro pardo de nome Alípio, apelidado de bacalhau” [145].

Em direção ao Mar Grosso, não existiam muitas edificações, a partir do largo da carioca, do lado esquerdo residiam nas imediações, “o pardo de nome Jerônimo, conhecido de

---

[141] Ulyssea, 1943, p. 35.
[142] Livro ATA Sociedade Recreativa União Operária de 1924 a 1935, p. 4-5.
[143] Ulyssea, 1943, p. 43.
[144] Ulyssea, 1943, p. 54.
[145] Ulyssea, 1943, p. 56.

Jerônimo Violá carpinteiro construtor de navios e na outra, o preto Cipriano, pedreiro. Ambos muito trabalhadores e que todos estimavam por serem honestos” [146].

Após identificarmos esses personagens e seus lugares sociais no município de Laguna, cotejando as memórias de Saul Ulyssea, com o Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do Clube União Operária, e juntamente os anúncios no jornal *O Albor*, noticiando a composição das diretorias que estavam à frente do clube Cruz e Sousa. Por meio dessas fontes, alcançamos um quadro que nos possibilitou identificar onde esses homens e mulheres residiam, quais eram suas profissões, seu estado civil, bem como suas redes sociais.

Os fragmentos nos permitiram evidenciar ascensão social de alguns membros dessas sociedades recreativas, bem como desavenças, disputas de poder, atividades lúdicas e beneficentes nessas agremiações, além de ficar evidente a circulação existente entre os membros dessas duas sociedades recreativas, quando identificamos as mesmas pessoas fazendo parte do quadro social das diretorias, que compunham essas agremiações. Fato este que será aprofundando no terceiro capítulo.

A relação de profissões do Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária e a Ata de fundação do Clube Cruz e Sousa, constando as profissões como: ajustador, pedreiro, professor, militar, negociante, escriturário, marceneiro, carpinteiro, operários, ourives, chofer entre outras contrapõe uma dada bibliografia[147], que enfatizou a situação dos afrodescendentes no Brasil, sendo consequência única e exclusivamente herança da escravidão. Quinze anos depois da abolição da escravidão, era fundada uma sociedade recreativa em Laguna, que possuía em seu quadro, funcionários públicos, alfaiates, tipógrafos, carpinteiros, telegrafistas, professores, além de comerciantes. O quadro de profissões em anexo evidencia e contraria a visão de que os afrodescendentes saíram despreparados para o mercado de trabalho, com o fim da escravidão.

O quadro de profissões da Sociedade Recreativa União Operária expõe que, mesmo trabalhando em profissões como pedreiros, carpinteiros, sapateiros entre outras de maior importância social, seus associados conseguiram, em poucos anos, recursos financeiros para se projetarem como uma “elite negra” em Laguna, e em outras áreas do país tanto no meio rural quanto urbano. A integração dos afrodescendentes a sociedade de Laguna no pós-

---

[146] Ulyssea, 1943, p. 61.

[147] FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Dominus: Ed. Univ. S. Paulo, 1965. 2v.

escravidão não foi percebida no artigo de Eunice S. Nodari e Élio Serpa[148], os autores destacam somente os clubes frequentados pelos grupos abastados de Laguna, não mencionando a existência de dois clubes fundados por afrodescendentes na cidade. Os mesmos não consideraram que não só as elites ditavam suas normas de comportamento, àquelas pessoas que não eram consideradas influentes perante essas elites, também imprimiram seus modos de ser e estar o mundo, como podemos perceber no ofício endereçado ao senhor Francisco Rosa, responsável pelo Buffet na Sociedade Recreativa União Operária,

> De acordo com o nosso Estatuto não devem permittir em hypothese (sic) alguma que nos salões desta sociedade freqüentem pessoas que não estejam decentemente trajadas, qualquer que seja o dia, seja para simples palestras ou jogos. Deves mostrar este oficio a todos os que não estiverem dentro desta exigência.[149]

Para eles, a vestimenta, era algo essencial e para que essas pessoas se mantivessem adequadamente vestidas, ao que tudo indica, seguindo padrões de dignidade, a respeitabilidade como uma maneira de romper com estereótipos e ser percebidos positivamente perante os grupos dominantes e entre os seus. Outro indício que assinala atitudes de controle dos membros dessas sociedades está presente na lista de bibliografia que compõe a biblioteca[150] da agremiação. Entre os livros do seu acervo constava o Código de Posturas Municipais de Henrique Monteiro de Abreu, podemos supor que o conhecimento do teor desse código de posturas municipais, associado ao Estatuto dessa sociedade, surgiu às bases para o controle moral de seus membros.

Os autores destacam que Laguna possuía 17 sociedades recreativas e esportivas, citando entre elas, a Sociedade Musical União dos Artistas e a Banda Musical Carlos Gomes ambas compostas, também, por afrodescendentes, fato que não é mencionado como veremos,

> Existem em Laguna, nesta época, em torno de 17 sociedades recreativas e esportivas, destacando-se o Club Blondin e a Sociedade Recreativa Congresso Lagunense, além de sociedades musicais: Sociedade Musical União dos Artistas, Club Musical Lyra Commercial, Sociedade Musical Perseverança, e Banda Musical Carlos Gomes[..] cujas programações, de acordo com os jornais, eram as mais variadas[151].

Ao perceber os vários anúncios das sociedades recreativas nos jornais de Laguna, como esses autores não identificaram a existência de dois clubes construídos e frequentados

---

[148] NODARI, Eunice. S.; SERPA, Elio. C.; MERGENER, Flávia. DEL PRA NETTO, Cláudio Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. In: **Revista Catarinense de História nº 3**. 1995.

[149] **Oficio expedido a Francisco Rosa, em 22 de maio de 1939**.

[150] Livro ATA Sociedade Recreativa União Operária de 1924 a 1935, p. 30-32.

[151] NODARI, E. S.; SERPA, E. C.; MERGENER, F. DEL PRA N. C. **Laguna e Lages**: 1995, p. 12.

por homens e mulheres descendentes de africanos e que se localizavam no centro da cidade, tendo em vista que deram destaque somente aos clubes dos grupos dirigentes de Laguna.

Possivelmente, valendo-se de um olhar eurocêntrico tais autores não perceberam que estas populações também faziam parte da vida sociocultural que movimentava Laguna, em suas noites de festas, retretas, saraus e apresentações teatrais, como podemos perceber no anúncio publicado no jornal de maior circulação da cidade.

> Realizou-se a 30 do mez findo a annunciada festa do Club Cruz e Sousa. As 9 horas da noite teve começo a referida festa, que constou recitativo, poesias e discursos tendo terminado com animadíssimo baile. Ao Club Cruz e Sousa apresentamos parabéns pela sua bem organizada diversão.[152] (sic)

Por meio de anúncios de divulgação das atividades desenvolvidas pelos clubes, como bailes e festas carnavalescas percebe-se no Jornal ***O Albor***, que Laguna tinha uma vida sociocultural dinâmica, haja vista seu *status* de porto mais importante do Estado. Por conseguinte, entendo que as atividades portuárias intensificaram as atividades culturais que movimentavam a cidade por causa da circulação de pessoas que passavam por Laguna através do porto.

Preocupados em apontar como os grupos dirigentes definiram seus espaços de sociabilidade, seus modos vida, suas expectativas e aspirações os autores não se preocuparam em perceber como as camadas populares também se organizavam e compreenderam essas novas mudanças. Afinal, como nos explicita a história vista de outra perspectiva, e como enfatiza George Reid Andrews,

> Os dominados sempre participam do processo de criação, e não somente como vitimas e pessoas desamparada. Mesmo quando atuam de uma posição de fraqueza e desvantagem, suas ações e decisões desempenham um papel fundamental na determinação do curso da transformação histórica[153].

As populações de origem africana em Laguna, também construíram seus espaços na cidade, deixando evidentes seus projetos e aspirações. As evidências que indicam tais atitudes são as normas de conduta exposta em seus estatutos e quantidade de anúncios referente a eventos sociais que esses indivíduos tornavam públicos, divulgando seus projetos coletivos, suas atividades socioculturais por meio dos jornais. Além de expor suas ações que permitiam retirar da apatia os afrodescendentes, que faziam parte daquelas sociedades, como a construção de escolas próprias para seus associados.

---

[152] JORNAL O ALBOR. Laguna. 10 de outubro de 1916, Nº 722.
[153] ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru, SP: EDUSC, 1998, p, 40.

As associações recreativas não estavam preocupadas somente com lúdico, essas ações não são privilégios dessa agremiação, investigando a constituição desses clubes sociais, estabelecendo diálogo com outras pesquisas, verificou-se, que os fundadores dessas agremiações se destacaram em suas atividades e/ou conseguiram certa estabilidade, obtendo rendimentos econômicos para a construção e manutenção desses espaços. A esses homens e mulheres que conquistaram prestígio e ascenderam socialmente, podemos considerá-los como sendo uma “elite negra”.

Os espaços de sociabilidades dos afrodescendentes em Laguna são marcados pela presença de mulatos e pretos em cada um deles. Esses territórios possibilitaram a conquista de autonomia, de mobilidade social a esses homens e mulheres, o acesso aos bens culturais e materiais que a grande maioria de afrodescendentes não possuía naquele contexto. Nesse sentido, é que essas pessoas tornaram-se uma “elite negra” não como um grupo possuidor dos meios de produção e poder político (isso não significa ausência de influência política daqueles que possuíam maior prestígio social e representatividade nessas sociedades), mas à medida que os mesmos distinguiram-se da massa de afrodescendentes, não somente em termos culturais e econômicos mas também na maneira que se viam e percebiam o mundo.

CAPÍTULO III

MULATOS E PRETOS EM LAGUNA: IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES EM SOCIEDADES RECREATIVAS DE AFRODESCENDENTES NO SUL CATARINENSE

O terceiro capítulo pretende discutir a trajetória dos clubes União Operária e Cruz e Sousa desde as suas fundações no período que compreende 1903, até meados do século XX, especificamente, 1950. Nossas questões serão as seguintes: Por que estas associações foram fundadas? Como era sua organização? Quem eram seus frequentadores? E como se relacionavam com os outros clubes da cidade de Laguna? Com o objetivo de responder a estas questões serão utilizadas e investigadas as seguintes fontes: entrevistas, os Livros Atas, os Estatutos dos clubes e jornais.

Com o cruzamento das fontes, poderemos identificar de que modo essas sociedades recreativas eram organizadas, qual a imagem que possuíam de si mesmo e como, essas agremiações eram percebidas pela sociedade lagunense. Especificamente, neste capítulo teremos como discussão principal, as tensões entre mulatos e pretos, sujeitos com uma mesma ascendência africana, mas que não se identificavam como uma "raça". Nesse sentido, dialogaremos com autores que discutem a questão das múltiplas identidades e identificações como Stuart Hall e Michel Maffesoli, além de Eclea Bosi, Jacques Le Goff, Beatriz Sarlo e Marieta de Moraes Ferreira para debater sobre Memória.

As tensões geradas entre esses indivíduos nos permitirão abordar o mote de nosso trabalho, que é a desnaturalização da noção de "raça", permitindo-nos dessa forma, perceber que "afrodescendente" e "negro" não são sinônimos muito menos "termos isentos". Como aporte teórico para trabalhar com o conceito de "raça", utilizaremos Kwame Anthony Appiah, Stuart Hall, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, entre outros autores que discutem sobre este tema.

3.1 Nem brancos, nem pretos: a união operária e a identidade mulata de laguna

No dia 19 de novembro de 1903, a população de Laguna amanhecia com uma novidade, o jornal *O Albor* noticiava a fundação de mais uma sociedade recreativa. Mas, não

era uma sociedade qualquer, fundada em 9 de fevereiro de 1903[154], a Sociedade Recreativa União Operária, possuía suas particularidades enquanto um clube social. O mesmo foi fundado por pessoas que se classificavam como "mulatos" e, ainda hoje, são vistos como tal, segundo seu Antônio dos Reis.

Em entrevista com o senhor Antônio dos Reis, ex-maestro da Banda União dos Artistas e funcionário aposentado do porto de Laguna. Antigo sócio do clube, o senhor "Cacique", como era conhecido no município, salientou que, os sócios e frequentadores daquele espaço trabalhavam no comércio[155], eram pequenos comerciantes varejistas. Para participar daquela sociedade, conforme nos relatou senhor Antônio dos Reis, a escolaridade daqueles que pretendiam participar da agremiação era uma condição determinante para ser aceito como sócio.

Ele relata que o clube era uma sociedade "fechada", era permitida a entrada de não sócios somente com convite. E para associar-se era necessário ser proposto por um sócio mais velho, passar por uma comissão de sindicância, que aprovaria ou não a proposta da indicação, como percebemos no Capítulo II, Artigo 4º, parágrafo primeiro do estatuto da sociedade, "condiciona-se a admissão de sócios contribuintes ao preenchimento da respectiva proposta e aceitação pela Diretoria bem como o pagamento de jóias e mensalidades no prazo de trinta dias improrrogáveis"[156].

No depoimento do senhor Antônio dos Reis percebe-se que o *status*, o ofício, a escolarização, a existência de uma comissão de sindicância, deixam evidente a existência de uma seleção para compor o quadro de sócios daquela agremiação. Supomos que essas exigências seriam uma forma de construir uma sociedade recreativa que possuísse em seu quadro social homens trabalhadores, pessoas consideradas de boa índole perante a sociedade e, nesse cenário, construiriam a imagem de uma sociedade de trabalhadores, distanciando-se de estereótipos como, indolência e vadiagem, que eram as representações que se tinha de pessoas de ascendência africana naquele contexto (e ainda se tem na contemporaneidade).

Uma evidência pontual para a construção dessa imagem de homens trabalhadores é perceptível na composição do hino do clube, no qual o Trabalho era considerado "pendão" e por ele seriam vencedores, a Instrução era o "pharol" brilhante que elevaria o espírito e conduziria à luz e o Recreio, era destacado como a alma da vida, juntos, esta tríade como diz

---

[154] **Ata de Fundação da Sociedade Recreativa União Operária**, Cartório de Registro Civil de Laguna, 1965, p. 68.
[155] Reis, Antônio dos. Entrevista concedida a Julio Cesar da Rosa. Laguna, 22 de fevereiro de 2008. Entrevista.
[156] **Ata de Fundação da Sociedade Recreativa União Operária**, Cartório de Registro Civil de Laguna, 1965, p. 69.

o hino nos parece ser os elementos que manteriam o equilíbrio da sociedade como salientaremos no fragmento abaixo,

> Trabalho, - Instrução - e - Recreio,
> trilogia redimente d´um povo,
> ser-no-ão sempre vivo apanágio,
> dar-nos-ão um vigor sempre novo,
>
> Sacra flama nos inspire,
> e possa ser legendaria,
> pelo querer de seus filhos,
> a – União – Operária,[157]

Ainda referindo-me ao ofício dos sócios fundadores da agremiação, seu Antônio do Reis diz que os iniciadores eram comerciantes, mas tomando-se como fonte o livro de registro de matrícula dos sócios teremos como fundadores, um sapateiro como o João Augusto de Carvalho; Bonifácio Jesuino Alves, pedreiro; Sizino Antônio Machado, negociante; Nilo Pinto, operário; Adolpho Campos, funcionário público; José Pacheco, cozinheiro; Bonifácio Soares, funcionário público; Lucas Vianna, funcionário público. Os demais que faziam parte da primeira diretoria fundadora, e que foi reeleita em 1904, conforme a citação abaixo, não foram encontrados nos registros dos livros da sociedade.

Nos registros do SRUO, seu Antônio dos Reis, passa a fazer parte do quadro[158] de sócios a partir do ano de 1941, trinta e oito anos depois da fundação da associação. Compreendendo os embates e os problemas em relação à memória, podemos interpretar que as lembranças do senhor Antônio do Reis tenham se entrelaçado às memórias dos fundadores, quando ele afirma, que em seu quadro de sócios fundadores existiam somente comerciantes. A memória individual do nosso depoente consistiu em fortalecer a ideia de que, aquela agremiação desde o início se constituiu em um espaço para pessoas bem-sucedidas. Ou talvez sua intenção fosse afirmar que embora fosse um clube para um determinado grupo social, ele ainda tinha alcançado uma posição, que lhe permitiu participar daquele espaço, já que ele não era um comerciante.

E com relação à memória corroboramos com Michael Pollak quando ele afirma que "a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado[159]". Além de sua subjetividade a memória coletiva como saliente Ecléa Bosi "se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória que acrescenta,

---

[157] JORNAL O ALBOR. Laguna. 09 de fevereiro de 1907, Nº 225.
[158] Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária, 1938, p. 33.
[159] POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

unifica, diferencia, corrige e passa a limpo".[160] Continua ainda Bosi, "por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a quem tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum".[161]

E nessa perspectiva, o nosso depoente ao relembrar o que lhe foi transmitido ao longo dos anos sobre a fundação do SRUO, ao evocar suas memórias, o que ficou preso a ela, o que lhe foi transmitido na convivência familiar e nos espaços de sociabilidade, são enfatizados através da memória que, "grava", "recalca" ou "exclui", de forma consciente ou inconsciente, característicos do processo de elaboração e reelaboração da memória seja ela coletiva ou individual. Nosso depoente registrou o que mais significava para ele, ou seja, o lugar social dos membros daquela sociedade.

Sobre os motivos que levaram à fundação dessas sociedades recreativas temos alguns pontos de vista divergentes, conforme veremos nas citações abaixo.

> O Cruz e Sousa. Ah, eles foram fundados por causa da cor, né, da raça. Entendeu? Porque naquele, no meu tempo era assim. Tinha o Operária era de moreno, de moreno entende?!... o Sousa era de preto.[162]
>
> Na Operária, não tinha jeito que não entrava [preto]. Eles não deixavam. Era severo, era severo, não deixavam. Porque nós também... bom, os branco também não entravo no nosso. E nós também, que tinha amigo branco e tudo, mas agente não entrava no deles. Nem eles no da gente. Tudo por causa da, da, desse preconceito. Isso foi ó [estalar de
>
> dedos, foi vários.[163] (sic)

O senhor Antônio Paulo Bento, ex-presidente do clube União Operária, esclarece que a fundação das agremiações aconteceu por influência da cor, ou seja, o Cruz e Sousa e o União Operária nasceram da distinção que existia entre sujeitos de uma mesma ascendência, mas que se percebiam distintamente – pelo menos é o que nos parece num primeiro momento.

Além dos pretos não frequentarem o União Operária, aqueles que se declaravam como brancos também não lhe era permitida a entrada naquele espaço, não porque era um lugar somente de "negros", mas porque a esses também era vedada a possibilidade de frequentar o seu ambiente como podemos perceber no depoimento do senhor Antônio Paulo Bento. Ter

---

[160] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 12. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p, 411.
[161] BOSI, 2004, p, 411.
[162] BENTO, Antônio Paulo. Entrevista concedia a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.
[163] BENTO, Antônio Paulo. Entrevista concedia a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.

amigos “brancos”, que trabalham nos mesmos espaços, não significava a redução ou interrupção do preconceito que permeava a sociedade lagunense.

Pelo contrário, na fala da professora aposentada Marli Brum, de sessenta e nove anos, o contato com os membros da elite de Laguna se dava com a prestação de serviços oferecidos pelos afrodescendentes da cidade. O distanciamento nos espaços de lazer era cada vez mais acentuado, com a negação da participação das populações de origem africana nos clubes Blondin e Congresso Lagunense, sociedades recreativas das elites dirigentes de Laguna.

> Sim, existia separação toda a minha mocidade a separação, a minha irmã, minha irmã era costureira, então a gente se arrumava e então a gente se arrumava para ir pros bailes [no União Operária] e às vezes muitos dias eu ia entregar as costuras na casa das freguesas dela né, e as freguesas dela iam pro baile [da elite de Laguna] né a gente passava tava ali o Congresso o Blondin tinham festas e nós jamais chegávamos na porta.[164]

> E 99,9% dos nascidos no Magalhães naquela época não freqüentava o Congresso. Era o preconceito financeiro né, não era racial. Quem morava no Campo de Fora não freqüentava Blondin e nem o Congresso, mesmo sendo branco. Também era o preconceito financeiro e não racial. Então eu acho que os mulatos que fundaram a Operária e os pretos que fundaram o Cruz e Sousa o fizeram para ter uma coisa só deles. Aonde eles pudessem se reunir, aonde eles tivessem, não, não, não tivessem essa, não tivessem essa dependência, não precisavam de favor pra entrar aqui ou acolá. Aqui era deles. Eles formaram uma célula deles. Esse é o meu ponto de vista. É, é, é. Não era a questão de preconceito, não. Não era a questão racial, era questão de eles ter o local pra eles reunir a família deles.165

Para o jornalista, radialista e eurodescendente, de 78 anos, João Manoel Vicente, os clubes não foram fundados por causa do preconceito que existia em Laguna, sua argumentação baseia-se na ideia de que, como os brancos pobres não entravam nos clubes Blondin e Congresso, era natural que fosse também negada a entrada de afrodescendentes naquele espaço. Ele ainda destaca que a questão racial não foi determinante para que houvesse esse afrouxamento no contato entre eurodescendentes e afrodescendentes, para ele o que prevaleceu foi a vontade desses homens e mulheres em terem o seu próprio espaço de divertimento.

A constituição desses lugares devido à exclusão está posta, mas não foi o motivo determinante, haja vista que as populações de origem africana sempre foram excluídas e marginalizadas dos espaços frequentados por outros grupos sociais. Dessa forma, as constituições desses espaços não se deram somente em vias de resistência a exclusão, o

---

[164] BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista.
[165] VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

mesmo constitui-se em um local de solidariedade, sociabilidade e visibilidade, um lugar que esses agentes sociais pudessem frequentar, e viver da melhor maneira possível.

Foi desse modo que o racismo a brasileira se manifestou naquele momento, de forma não convencionada oficialmente, mas "consolidado pelos usos e costumes".[166] Tanto o preconceito racial quanto as condições financeiras foram determinantes para que não houvesse convivência entre afrodescendentes e eurodescendentes em Laguna, nos espaços de sociabilidade.

Apesar de não existir a segregação racial instituída por leis, essa prática foi recorrente até os anos de 1950, na região Sul e Sudeste do país, nos espaços de lazer. E nem a proeminência financeira era o suficiente para aqueles afrodescencendentes romperem com a barreira instituída pelo preconceito racial. E, ainda hoje, percebemos que mesmo alcançando patamares sociais elevados, o preconceito contra afrodescendentes não deixa de existir. Ele atua de forma camuflada em todas as esferas sociais, e quando notamos que determinados membros de origem africana ascendem socialmente de forma isolada, caímos na armadilha de que no Brasil, não existe preconceito, e que todos somos iguais e todos têm oportunidades iguais, não havendo a necessidade de correções às injustiças históricas que sofreram determinados grupos sociais.

Aqui me reporto à população de origem africana e às políticas de ações afirmativas, que são de máxima importância, para a construção de um país justo e igualitário, não cabe no presente momento infelizmente a abordagem de políticas públicas. Entretanto, entendemos que elas são essenciais para retificar as disparidades sociais existentes em nosso país. A Sociedade Recreativa União Operária teve sua primeira sede localizada na Rua 1º de Março[167]. Essa sociedade recreativa desde sua fundação utilizava o jornal da cidade de Laguna para divulgar suas ações, seus eventos seus projetos coletivos como iremos perceber nessas pistas deixadas por essa agremiação. No dia 13 de maio de 1904 era anunciada a eleição da primeira diretoria após fundação da agremiação.

---

[166] DOMINGUES, 2004, p. 136.
[167] JORNAL O ALBOR. Laguna. 31 de dezembro de 1904. Nº 25.

Figura 9 - Sociedade Recreativa União Operária
Fonte: ROSA, Júlio Cesar da Rosa, 2009.

> Toma posse hoje a nova directoria d´este club ultimamente eleita, composta dos srs:
>
> João Augusto; presidente reeleito; Bonifacio Soares, vice presidente reeleito; Adolpho Campos, 1 secretario reeleito; Nilo Pinto 2 secretário; Sizino Machando, thesoureiro, reeleito; Cypriano Victor Modesto, 1 procurador reeleito; Jose Pacheco, 2 procurador; Bonifacio Alves, 1 fiscal reeleito; Jose Thomaz de Oliveira, 2 fiscal; Lucas Vianna, bibliotecário, reeleito; Antão Veríssimo, zelador. À noite o Club abrira os seus salões para um esplendido baile.[168] (sic).

Como nos relatou o senhor Antônio dos Reis, que a escolaridade era uma condição para pertencer àquele universo. Essa citação corrobora com seu depoimento, quando temos entre os cargos compostos pela diretoria, um bibliotecário e, para além de um cargo de bibliotecário, essa sociedade estava preocupada em difundir a instrução entre os seus associados, conforme um ofício da mesma explicitando essas intenções.

> Do primeiro secretario d´esta associação sr, Adolpho Campos, recebemos delicado oficio communicando-nos a fundação n´esta cidade, em 09 de fevereiro da *Sociedade União Operária*, cujo o objetivo é difundir a instrucção entre seus

[168] JORNAL O ALBOR. Laguna. 13 de maio de 1904, Nº 83.

> associados e promover diversões. Grato pela amabilidade da participação anguramos a União Operária longa e profícua existência. [169] (sic)

Somente o cargo e uma biblioteca não resolveriam o problema do acesso ao mundo letrado, o letramento foi uma iniciativa desses homens e mulheres a partir da construção de uma escola que atendesse os seus anseios. Como percebemos nesta notícia do jornal da cidade; "Dos 30 alumnos matriculados nas aulas nocturnas do *Club União Operária* freqüentaram n´as durante a semana passada: na segunda-feira 21; na terça-feira 23; na quarta-feira 23; na quinta-feira 24; na sexta-feira 19; no sábado 17"[170]. (sic)

O fato de esses alunos estarem matriculados à noite pode nos indicar que, nem todos os associados eram letrados, o ingresso deles ao clube possibilitou-lhes o acesso a este mundo, o que também se supõem, por essas aulas serem à noite, é que esses alunos eram trabalhadores, e esse seria o único momento para se dedicar aos estudos. Essas ações autônomas, as propostas educacionais[171] de iniciativas de algumas sociedades recreativas incluindo o Club União Operária significaram ações de ruptura com a situação de abandono pelos poderes públicos aos afrodescendentes no pós-abolição.

As fontes que tivemos acesso, como os Livros Atas dos anos de 1922 a 1936 e 1939 a 1950 dessa sociedade, pôde-se verificar em um dos livros atas, que além da escola o clube possuía uma biblioteca, e como consta em Ata na reunião do dia cinco de setembro de 1938, o presidente João Boaventura da Fonseca apresentava o novo bibliotecário da agremiação, o senhor Osvaldo Candido[172], alfaiate, casado e residente no bairro Magalhães. A existência dessa biblioteca, que nesse período, supostamente ainda estava em atividade é confirmada em um anúncio no jornal destacando que, "esteve bem concorrida a sessão cívica levada a efeito no dia 1º de Maio corrente no salão principal da Sociedade R. União Operária, em honra a José do Patrocínio patrono da Bibliotheca daquella (sic) sociedade. Fizeram-se ouvir vários oradores"[173]. Nos documentos do clube não obtivemos dados referente às aulas, nem quem eram seus frequentadores, bem como as atividades que eram desenvolvidas, quem era o professor ou professores e por quanto tempo durou essa escola mantida pela sociedade.

Na mesma época em que surgirá o Clube União Operária é fundada no dia 15 de fevereiro de 1903, em Laguna, a "Escola Particular Mixta", por uma mulher afrodescendente

---

[169] JORNAL O ALBOR. Laguna. 19 de novembro de 1903, Nº 38.
[170] JORNAL O ALBOR, Laguna, 24 de setembro de 1903, N º102.
[171] Para saber sobre as propostas educacionais dos afrodescendentes ver LUCINDO, Willian Robson Soares. **Educação no pós-abolição:** um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931). 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina.
[172] Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária. 1938, p, 11.
[173] JORNAL O ALBOR. Laguna. 08 de maio de 1938. Nº 1743.

de nome Júlia Chrispina do Nascimento. “Nascida em Laguna, então província de Santa Catarina, no dia 16 de fevereiro de 1884, filha de Chrispina Luiza da Conceição, sendo o pai de identidade desconhecida” [174]. A professora Julia foi casada com um dos fundadores do União Operária, o carpinteiro, Pedro Jeronymo do Nascimento.

A dissertação de mestrado em educação denominada *A socialização do escravo em tempos de transição à Liberdade: Julia Chrispina do Nascimento, mulher negra e Professora (Laguna,SC - 1884/1947)*, aborda a trajetória da vida profissional e pessoal dessa mulher, quem foram seus alunos e sua relação com os mesmos e sua família. O que chama atenção, é que ela, não aparece nos registros dessa agremiação. Sendo esposa de um dos fundadores, professora, e proprietária de uma escola mista é intrigante como ela não aparece nos registros, das páginas onde constam os nomes somente das senhoras e senhoritas[175] que frequentavam o clube.

A falta de registro não significa que a professora Júlia não tenha participação nas atividades realizadas pelo clube. O que queremos destacar, é como uma pessoa naquela posição social, não esteja presente nas fontes que tivemos acesso, junto com outras mulheres que, possivelmente, não alcançaram o mesmo *status* profissional que ela obteve, mas estavam lá, relacionadas nos livros. Em 23 de fevereiro de 1947 morre a professora Júlia; a escola continua em funcionamento, tendo à frente suas filhas. Em 1969, quando uma de suas filhas Arminda Nascimento[176], conhecida como Dona Mimi se aposenta, a escola encerra suas atividades.

A falta de informações e tempo hábil, não nos possibilitou investigar o porquê, e se houve distanciamento entre a escola da professora Júlia e a escola mantida pela sociedade recreativa. A lacuna existente em relação às informações sobre a escola mantida pelo clube SRUO, não será possível ser respondida neste momento, todavia os poucos vestígios deixados nas atas respondem às críticas sofridas pelas sociedades recreativas no período de suas atividades.

Caso semelhante ao de Laguna é destacado por Márcio Mucedula Aguiar[177], investigando as organizações dos afrodescendentes em São Carlos, o autor enfatiza que por

---

[174] NASCIMENTO, Maria Augusta Geremias Do. A **Socialização do escravo em tempos de transição à Liberdade**: Julia Chrispina Do Nascimento, Mulher Negra E Professora (Laguna, SC - 1884/1947). Tubarão. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação).
[175] Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária. 1938, p. 7.
[176] NASCIMENTO, 2006, p. 104.
[177] AGUIAR, Márcio Mucedula. **As Organizações Negras em São Carlos**: Política e Identidade Cultural. São Carlos. Universidade Federal de São Carlos. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

meio do estatuto da Sociedade Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio existia uma nítida preocupação com as atividades socioeducativas

> Crear um curso escolar nocturno ou diurno se assim for possível para instrucções dos
>
> sócios e seus filhos menores até a edade de 12 annos, e podendo continuar desta edade em diante, porém sendo socios, e finalmente creando fundo de beneficiencia, auxiliando os seus associados em caso de doenças, processos que não sejam legaes, enterramentos o outros beneficios que a ocasião determinar.[178] (sic)

Conforme o autor a preocupação com a educação levou o Flor de Maio a construir uma escola de ensino primário. Em ata de 20/07/1934, o presidente da Assembleia registrou que as aulas no clube iriam começar no dia primeiro de outubro do mesmo ano. "Em uma ata de 24/01/1936 foi lido um ofício da prefeitura participando que havia nomeado um professor para o curso noturno que reiniciaria as aulas após o término das férias" [179]. O mesmo ainda destaca que "nas atas foram encontradas poucas alusões à escola, não foi possível saber com precisão a data do seu início e do seu fim e muito menos o porquê desse término" [180].

Aqui podemos compreender as críticas que as sociedades recreativas sofriam da imprensa negra paulista no início do Século XX, essas ações como, construções de escolas, bibliotecas foram em algumas sociedades ações efêmeras, mas que não perderam sua importância na medida em que tentavam solucionar o problema dos afrodescendentes por meio do auxílio mútuo. O fracasso dessas atuações se deu em função dos associados estarem na maioria das vezes, interessados nas atividades recreativas, como as festas, bailes etc.

Voltada para instrução e recreação, conforme o segundo artigo do estatuto encontramos registros de peças teatrais desenvolvida pelas mulheres dos sócios. Como já afirmamos, a lacuna existente sobre como funcionava e escola, e por que do encerramento de suas atividades não constam nas atas das reuniões, o que podemos deduzir é que, as atividades culturais foram registradas com maior frequência por esses agentes sociais, como observamos nas correspondências emitidas e nas reuniões organizadas naquele espaço.

Na reunião do dia 14 de abril de 1939, o senhor Hermínio Souza, diarista e frequentador da sociedade desde 1935, solicitou à mesa, o empréstimo do palco para que sua esposa organizasse uma apresentação teatral. O clube não dispondo de verbas no momento para organizar essa atividade enviou um ofício para o senhor Hermínio Souza explicando que,

---

[178] Estatutos do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, aprovado em Assembléia geral extraordinária, em 04
de maio de 1932, p. 3, Apud. AGUIAR, 1998, p. 53.
[179] AGUIAR, 1998, p. 53.
[180] AGUIAR, 1998, p. 53.

> A sociedade não tem fundos suficientes para adquirir materiais afim de installar um palco necessário às representações theatrais, motivo pelo qual não podemos, infelizmente, satisfazer vosso pedido. No Entretanto se o consocio quizer fazer as despezas por conta própria, desde já o salão da Sociedade está às ordens e, neste caso, a Sociedade ficará desinteressada da renda dos espetáculos[181]. (sic)

Como apontado anteriormente, as atividades culturais foram constantes nessa sociedade recreativa como destacaremos nesta outra citação,

> Oscar Barreiros pedindo uma licença, a qual foi concedida. Usou então da palavra o senhor Procurador que após algumas considerações sobre o serviço de seu cargo, reiterou a mesa o pedido para que fosse concretizada por escripto a permissão para sua esposa organizar alguma sessões teatraes nos salões desta sociedade bem como o reconhecimento pela diretoria dos seus direitos ao material que foi empregado no palco, o que foi concedido.[182] (sic)

Além dos registros em atas solicitados pelos seus maridos, para utilizarem o palco e o clube para realizar suas peças teatrais, o pedido das esposas desses dois homens Hermínio Souza e Oscar Barreiros oferece maior legitimada à afirmativa de que as atividades culturais eram uma constante nessa sociedade quando cotejamos estas evidências a outras que apontam para algo verossímil como esta citação, "sabbado passado esta sociedade recreativa, realizou em seu pequeno palco constando de um bello drama em um acto, comedias e cançonetas, tendo o seu desempenho agradado os espectadores" [183]. (sic)

Cotejando essas fontes com as memórias de Marli Brum, as senhoras Petronilha Alano, Normélia Costa, Nair e Claudia[184] eram as responsáveis por organizar festas e atividades culturais naquele espaço. Mesmo não tendo participado naquele momento da vida social do clube, a professora Marli, enfatiza como foram importantes aquelas mulheres para o clube União Operária. As lembranças da mãe de nossa depoente passaram também a fazer parte do seu passado, assinalando que "muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós"[185].

> Assim, aqui tinha mulher do seu Cacique a dona Petronilha que organizava baile, que organizava blocos né, a dona Cláudia, a dona Cláudia também que organizava os blocos, ela também que organizava que convidava as moças, mandava fazer fantasias... tinha também a Normélia, a dona Nair, a minha mãe porque a União Operária tinha um palco que organizavam teatro, peças de teatro, peças de dança a dona Nair e dona Normélia elas deveriam ter assim, elas deveriam ter muita, muita

---

[181] Oficio expedido a Hermínio Souza em 15 de abril de 1939.
[182] Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária. 1938, p, 21-22.
[183] JORNAL O ALBOR. Laguna. 12 de julho de 1925, Nº 1.114.
[184] Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária. 1938, p. 7.
[185] BOSI, 1994, p. 407.

> coisa escrita! Mas a dona Nair e Normélia tinha uma nora ... era ignorante! Queimaram tudo e botaram fora, a gente guarda essas coisas né e elas poram fogo e destruíram, mas a dona Nair e a dona Normélia eram duas figuras muito importantes no União Operária elas diziam que, minha mãe dizia, desde o tempo da minha mãe elas já eram mais velhas que minha mãe eram elas que organizavam as festas, que organizavam, que mantinham os grêmios e organizavam festas e peças de teatro.[186] (sic)

Ademais das atividades lúdicas e instrutivas essa sociedade era regida por um estatuto, no qual os seus sócios eram submetidos às normas de conduta, fiscalização das ações internas e externas ao clube com o intuito de valorizar aquele espaço. As informações que constam no livro de matrícula dos sócios contribuintes, ao lado dos registros nos livros atas foram vislumbradas como a associação se organizava.

Os dados nesses documentos informam quem e em que condições aquelas pessoas poderiam entrar naquele ambiente. O que mais é destacado nessas fontes é a eliminação de sócios por falta de pagamento de mensalidade, há outros casos como divergências entre sócios e presidente, gerando o afastamento do sócio por desrespeitar o presidente[187]. Não há evidências que indiquem quais os motivos da desavença entre ambos.

Há outros casos que gostaríamos de enfatizar, por estar ligados à imagem da sociedade perante Laguna, e entre seus próprios membros. O primeiro caso envolve o sócio Antônio Ramos, solteiro, profissão telegrafista, residente na área central do município, o mesmo foi eliminado do quadro da sociedade por comporta-se mal em uma festa como está registrado em ata,

> O Sr Presidente levou ao conhecimento dos demais membros da Directoria que tinha eliminado o Sr Antônio Ramos, 1º Secretário deste Club, conforme determina os estatutos artigo 18-letra-C, por promover desordem no soirée inaugural do Grêmio Corbeille das Flores, tornando-se desta forma indigno de continuar a pertencer a sociedade.[188] (sic)

O outro caso em questão extrapola o ambiente do clube, a convocação de uma reunião extraordinária reflete a importância que teve essas desavenças

> Apesar de estar marcado a próxima reunião para o dia 17 de maio, foi pelo ser presidente convocado uma antes, que foi 28 de abril, tratar da eliminação dos srs. Almiro e Luiz Pacheco dos Reis. Ambos eliminados por faltarem com respeito e por brigarem dentro deste recinto social em uma domingueira realizada no dia 26 de abril, tendo o caso terminado na delegacia policial. Sendo assim ficaram os dois

---

[186] BRUM, Marli. Entrevista concedia a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista.
[187] Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária. 1922, p. 16.
[188] Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária. 1930, p. 22.

> impossibilitados de freqüentar este clube e não mais podendo serem proposto novamente de acordo com art. 18 letra c dos estatutos deste clube.[189]

Os ofícios emitidos para os ex-sócios, culpando-os pelo ocorrido e comunicando a sua eliminação será aqui citada na integra[190] para percebermos como as normas de conduta e construção de uma imagem positiva da sociedade recreativa eram elementos indissociáveis e que juntos, romperiam com estereótipos que marcavam as populações de origem africana. No dia 28 de abril de 1942, eram expedidos os ofícios com o seguinte teor,

> Ilmo Snr Almiro Pacheco dos Reis
>
> Sendo V.S culpado pelo escandaloso pugilato ocorrido na sede desta sociedade em noite de domingo dia 26 deste, fato este que foi levado ao conhecimento das autoridades policiais, e como a S. R União Operária não tem por habito passar por estas decepções, obrigo-me a levar ao vosso conhecimento a vossa eliminação feita pela Directoria no dia 28 deste de acordo com o art. 18, letra c dos estatutos desta que diz o seguinte: (sic)
>
> Art. 18 – Será eliminado perdendo todos os seus direitos de sócios, não mais podendo ser proposto.
>
> Letra c – O que pelo seu mau comportamento como sócio e cidadão se tornar indigno de continuar a pertencer à sociedade.[191]

Em desacordo com as normas do clube esses homens transgrediram as leis daquele espaço, maculando a imagem da sociedade, e a deles também. O que distingue os dois casos, no nosso ponto de vista, é que o senhor Antônio Ramos, no momento do deslize dele era o primeiro secretário do clube, foi punido internamente pelo presidente, que considerou indigno e suas atitudes não condiziam com as normas estabelecidas por aquela agremiação. Já o caso dos sócios Almiro e Luiz Pacheco do Reis, contrariou o Art. 7 letra "f", que menciona em não divulgar "qualquer resenha ou outros fatos" que ocorram no "recinto da sociedade".

Como o caso acabou indo parar na polícia, fugindo ao controle do recinto social, entende-se que a expulsão e convocação de uma reunião extraordinária evidenciam a preocupação em manter a respeitabilidade[192], dignidade e imagem positiva da sociedade

---

[189] Livro Ata da Sociedade Recreativa União Operária. 1942, p. 36.

[190] Por ser tratar de dois ofícios com o mesmo conteúdo, optamos por um deles sem qualquer distinção ou julgamento de valor.

[191] Oficio expedido à Almiro Pacheco dos Reis em 28 de abril de 1942.

[192] Para saber mais sobre as normas de conduta, respeitabilidade ver. AGUIAR, Márcio Mucedula. **As Organizações Negras em São Carlos**: Política e Identidade Cultural. São Carlos. Universidade Federal de São Carlos. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais): UFSCAR, p. 55. CARDOSO, Paulino de Jesus. **A Luta contra a apatia**: estudo da instituição do movimento negro anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931). São Paulo. 1993. Dissertação (Mestrado em História): PUC/SP, p. 78-87. MARIA, Maria das Graças. **Imagens invisíveis de Áfricas presentes:** experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940)**.** Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). UFSC. 1997, p. 152.

recreativa e de seus membros, uma vez que, os desacordos naquele espaço, escaparam ao controle privado da sociedade tornando-se um caso público a toda Laguna.

Assim posto, compreendemos os motivos que levaram a criação das comissões de sindicância, cada vez que algum sócio propunha um novo membro à sociedade, preocupava-se em admitir pessoas dispostas a respeitar as normas estabelecidas, sendo frequentadores sócios contribuintes ou convidados. Isto é, com essas exigências não estavam em jogo somente o comportamento, e sim era o que se alcançaria as seguindo.

Das regras para frequentar a sociedade recreativa como sócios ou convidados, a exigência em ser somente comerciantes como nos afirmou nosso depoente Antônio dos Reis, não é confirmada com a relação do quadro de profissões em anexo. Mas, a partir do livro de registro de matrículas dos sócios, no qual consta a profissão de cada sócio e convidado, percebemos neste quadro é a mobilidade social de alguns sócios do clube e a sua importância naquela sociedade.

Os sócios e convidados da agremiação exerciam as mais diversas profissões como, Adolpho Campos que era funcionário público; Aldo Jerônimo do Nascimento, funcionário federal; Almiro Pacheco do Reis, funcionário federal; Antônio Souza Neto em 1940 era um foguista, em 1946 está no registrado no livro do clube como funcionário federal; Antônio Ramos, telegrafista; Ataliba Pacheco de sapateiro passa a negociante; Bento Brum, consta como carroceiro 1926, em 1946 já era funcionário federal; Bonifacio Gil de cozinheiro a negociante; Cid Natividade, caixeiro em 1921, comerciante em 1926; Emmanuel Alano, de agente passa a conferente e, por último, funcionário federal; Francisco Rosa, de diarista a comerciante; Ismael Souza, funcionário público; João Ferreira, enfermeiro; João Francisco Rosa, alfaiate; João Sérgio, de cozinheiro a Sapateiro; Jorge Savas, hoteleiro; Olavo Alano, comerciante; Sizino Antônio Machado Filho, de caixeiro á negociante.

Esses homens afrodescendentes que ascenderam socialmente serão destacados para contrapor a ideia de que as populações de origem africana no pós-abolição, estavam desprovidas material e moralmente, e sem condições de se "integrarem a nova ordem social competitiva"[193]. Com base nos depoimentos dos entrevistados, corroborando com as demais fontes, foi possível perceber, a mobilidade social daqueles que integravam a sociedade SRUO. Em depoimento o jornalista Paulo Sérgio da Silva, bisneto do comerciante Sizino Antônio Machado, um dos fundadores do clube União Operária relata que:

---

[193] FERNANDES, Florestan. **A integração do negro da sociedade de classe**: 3 Ed. São Paulo. Ática. 1978, p. 43-60.

> O meu bisavô, ele... Vou partir do começo né. Ele foi criado na família dos Viana, ele já nasceu, era um escravo né. Aí, a partir de ele ter conseguido a liberdade dele, mas mesmo assim ele permaneceu junto com a família dos Viana. Aí ele começô a vida com um carrinho de mão né, trabalhava num carrinho de mão fazendo carreto nos mercados. Mas era um cara que tinha um tino para comércio. Muito bom. E devagarinho começou a juntar dinheiro. Começô a juntar dinheiro até que casou com uma mulher que também era muito dada a fazer economia, que era a dona Infância. E ele através daquilo ali, montou uma lojinha pequenininha . [...] Depois veio o advento da guerra né, Primeira Guerra Mundial mais ou menos, e aí nessa fase foi, foi onde que com a esperteza dele começou a se dá bem. Aí ele já começô a ampliá o negócio dele, começô a fornecer, é, alimentação pras tropas que tavam envolvidas na guerra e... Sei que o homem ganhou, começou a receber pagamentos em terras do governo, recebeu terras em Paulo Lopes, em, na época era Araranguá, Praia Grande. Eu tive lá uma vez olhando lá e... Um monte de coisa aí. Paulo Lopes, Praia Grande, Jacinto. E daí ele começava a fazê o dinheiro girá. Tanto que em Laguna ele chegou num ponto de ter cento e dezoito imóveis, dentro da Laguna. Fora o que ele tem de, tinha de terrenos aqui. E nessa brincadeira ele conseguiu fazer um pequeno império, camarada que saiu do nada. [...] Mas depois, ele que era do secos e molhados, influenciado por um comerciante aí da região, um tal de Sanguinete, ele mudou de ramo, saiu do secos e molhados e foi vender tecidos e confecções. Não se deu bem, parou com os negócios e começô a viver só de aluguéis, de venda né, como de resto também a família toda depois passou a ser, vamos dizer assim, vivendo dessa renda, dessas condições. Os filhos alugavam casa e assim foi, até que naturalmente, o todo vai se diluindo né. Cada um havia ficando com um pouquinho aqui, os outros ficam com um pouquinho lá. Ainda sobrou pro netos (risos).[194] (sic)

Segundo o radialista João Manoel Vicente, os mulatos do clube União Operária, que se destacaram nas mais diversas profissões, alcançaram importância no meio social que circulavam, aqueles profissionais que começaram a se destacar tinham mais oportunidade de trabalho, evidentemente formaram uma elite dentre eles assegura nosso depoente,

> Aqueles mulatos que se destacaram mais profissionalmente, nesta ou naquela profissão, começaram a ter uma condição de vida melhor, financeira e economicamente falando, e que começaram também a ter melhores condições de estudo, na área educacional é que começou a formar esta estirpe, essa elite. Os mulatos ficam agregados e se reuniam na sociedade recreativa União Operária.[195]

A professora Marli Brum, filha do antigo sócio Bento Brum, funcionário público, relata que, as condições financeiras de sua família proporcionaram uma vida um pouco melhor que a maioria do afrodescendentes de Laguna possuíam,

> A minha família, por exemplo, o meu pai era funcionário público, né a minha mãe trabalhava só em casa, a minha tia né que freqüentava lá, e tudo a minha avó, já era costureira, então já era mais ou menos melhorzinhos né. [...] nós tínhamos duas

---

[194] SILVA, Paulo Sérgio. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.
[195] VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio Cesar da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

> casas ali [no Magalhães], né porque nós, nós tínhamos o poder aquisitivo mais ou menos, mais ou menos né, [196] (sic)

O também funcionário público Adolpho Campos, é lembrado pelo ser João Manoel Vicente, "Era um mulato também que trabalhava na Prefeitura". Esse sujeito além de ser orador de SRUO, atuava como secretário da agremiação. Os livros da sociedade recreativa registram sua presença em quase todas as gestões. Possivelmente era uma pessoa influente no meio social de Laguna, por causa do seu cargo na prefeitura. Segundo a ata de reunião, a sociedade recreativa confessava que possuía uma dívida com Adolpho Campos, por este ter cancelado os impostos em atraso que a agremiação possuía na prefeitura[197], e com isso, a dívida de Adolpho Campos é desconsiderada por sua intervenção para saldar as pendências da agremiação no poder público.

Detinham em seu quadro funcionários públicos, comerciantes, pescadores, operários, carpinteiros, pedreiros, pintores, diaristas, alfaiates, sapateiros entre outras profissões. Forjou-se a imagem do clube União Operária como o clube da elite "negra" de Laguna. A memória dos entrevistados reflete a ideia de um grupo social distinto de pessoas com certo poder aquisitivo, que se destacavam dos demais afrodescendentes lagunenses por estar inseridos em um ambiente que lhes conferia *status* e dignidade.

No quadro de profissões como podemos analisar existem muitos profissionais com trabalhos temporários como pedreiros, carpinteiros, pintores, estivadores, portuários etc. As lembranças de nossos depoentes afirmam que, entre as populações de origem africana de Laguna, houve sim um grupo que se destacou economicamente, na fala dos três entrevistados, assinala que, a mobilidade e ascensão social permitiram a esses indivíduos melhores condições matérias, abrindo-lhes a possibilidade de frequentar esse espaço de sociabilidade e lazer.

> Que é um clube que, cá pra nóis, sempre foi um clube da elite negra da Laguna, a verdade é essa. Esse é um detalhe que ás vezes as pessoas não gostam de falar muito, mas não era qualquer negro que entrava no Operária. Eles tinham assim aquela pompa, e baile, e o pessoal gostava.[198] (sic)
>
> Agora o União Operária já era diferente o União Operária as pessoas além de serem um pouquinho mais abastados né, assim numa melhor situação financeira eram mais claros então se julgavam superiores aos outros, coisa triste né, mais fazer o que?[199]
>
> A Operária começou a fazer uma elite de mulatos. A Operária era mais freqüentada pelos mulatos claros, mais pardos. Não os pretos mais fechados. Evidentemente que nem todos, além da cor, nem todos tinham as condições financeiras de freqüentar o

---

[196] BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista.
[197] Livro ATA da Sociedade Recreativa União Operária de 1943, p. 37-38.
[198] SILVA, Paulo Sérgio. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.
[199] BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista.

> Operária. É que geralmente, o pobre mais, o preto mais pobre era aquele que morava na periferia. Eram pintores, carpinteiros, não podiam freqüentar uma sociedade, financeiramente falando.[200]

Os três são categóricos em afirmar que a SRUO, "sempre foi um clube da elite negra de Laguna, que "as pessoas além de serem um pouco mais abastadas", "eram mais claras e se julgavam superiores". "Além da cor, nem todos tinham as condições financeiras de freqüentar o Operária", o "preto mais pobre", àquele que morava na periferia "não era permitida a entrada no clube". Esses "eram carpinteiros, pintores", que não poderiam frequentar esta agremiação.

As memórias dos nossos depoentes contribuíram para romper com a historiografia que afirmava a suposta incapacidade dos afrodescendentes de organização, de mobilização em prol do soerguimento socioeconômico. Mesmo havendo contradições nas memórias como indicam as lembranças de João Manuel Vicente, que pintores, carpinteiros não poderiam entrar naquela agremiação, pode-se apreender que os sócios dessa sociedade estavam presentes nas mais diversas profissões naquele município. E que essa multiplicidade de profissões, entre a de maior prestígio e segurança financeira, como ser um funcionário público, ou a de caráter temporário, como um pintor, não foram impedimentos para que esses agentes sociais garantissem seu espaço na sociedade.

É evidente que a memória é um campo contraditório e de conflitos, as lembranças que foram passadas aos nossos entrevistados estão distantes daquela experimentada por nossos atores. Os discursos da memória como enfatiza Beatriz Sarlo "tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade"[201].

As disputas pela memória no tempo presente, a "autodefesa", a constante afirmação de que os mulatos do União Operária eram a elite de afrodescendente de Laguna, faz parte dos embates da memória. Estes entrevistados, sendo filhos, bisnetos e frequentadores daquela agremiação, talvez estivessem querendo manter, "ocultando intencionalmente", "inventando" e/ou "modificando" suas lembranças, como forma de legitimar o *status*, conferindo a seus pais e a eles próprios. E, nesse sentido, essas memórias legitimariam a existência de um clube de mulatos abastados em Laguna, apagando a existência de outra sociedade recreativa frequentada por pretos, também existente naquela cidade.

---

[200] VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio Cesar da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

[201] SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51.

3.2 Cruz e Sousa: a identidade dos pretos de Laguna

Em 29 de junho de 1906 é inaugurado o clube Cruz e Sousa, e noticiado pelo jornal *O ALBOR* em 5 de agosto de 1906. No dia 19 de agosto de 1906, Pedro Victorino dos Santos "vulgo Pedro Corvo" comerciante e residente na cidade, se desliga da SRUO, sem pagar a mensalidade e as despesas do bazar como foi anunciado no jornal[202].

Em 24 de agosto de 1906, o Senhor Pedro Victorino dos Santos dá a sua resposta à União Operária, e a sociedade lagunense, explicando os motivos que o levaram a se retirar daquela sociedade e o porquê da fundação de outra sociedade recreativa. Reproduziremos parcialmente esse artigo, analisando os fragmentos que nos interessam para compreender este conflito entre sócio e sociedade recreativa. Segundo o artigo, por esse antigo associado, a sua dívida com a sociedade era de 13 mil réis e segundo ele, quando anunciou seu desligamento da agremiação, e foi quitar seu débito, a quantia que lhe estavam cobrando era de 17 mil réis, valor que ele se negou a pagar. Dando início, assim, ao conflito como veremos,

> Deparando na 3 pagina do conceituado orgam, denominado Albor que se publica nessa cidade, com um artiguete, que mais se assemelhava a um annuncio e ao decorrer dessas linhas deparei que se tratava, da minha individualidade; [...] eis a razão que venho, por estas humildes linhas, explicar, aos numerosos leitores d´este conceituado orgam, o ocorrido; de fato sim fui sócio contribuinte (infelizmente d´esta sociedade que desgraçadamente se denomina - União Operária – o que posso afirmar – melhor seria que se denomina Desunião Operária; porque o público saberá bem patente, bem claro a rasão da fundação da Sociedade Cruz e Souza e com o artiguete que fui alvo das suas paixões. Desunião ou União Operária. Logo fiz o que qualquer cidadão faria, este e aquele que ganha honradamente [seu dinheiro], aquelle que não faz parte de sociedades de encantos como publico bem deve estar sciente que estas sociedades, memdram só no calor do enthusiamo, para fenecer, nas mãos de proprietário que ocupam; logo neguei a pagar semelhante quantia [...] mandei que podiam collocar meu nome no quadro negro; que equivalia dizer-lhe que gravasse meu nome nas suas consciências negras e pútridas, no farejar do álcool na esperança dos meus magros cobres. Eis meus caros leitores tudo o quanto houve.[203] (sic)

Este artigo publicado pelo ex-sócio explicita os motivos da fundação do Clube Cruz e Sousa, em que o senhor Pedro Victorino exterioriza toda sua mágoa e ressentimento, evidenciando que o clube possuía sim regras de comportamento e integração rígidas e aqueles que não se identificavam ou sentiam-se excluídos com o União Operária encontrariam lugar no Cruz e Sousa. Constituindo-se, assim, em campo de sociabilidade distinto, que geraram disputas acirradas, refletindo na identificação do indivíduo como preto ou mulato. Além de uma cobrança supostamente indevida, o artigo sugere que esse sócio estava percebendo a

[202] JORNAL O ALBOR. Laguna, 19 de agosto de 1906. N. 200.
[203] JORNAL O ALBOR. Laguna, 24 de agosto de 1906, N. 205.

utilização dos recursos financeiros da agremiação para fins pessoais de alguns membros. Esta interpretação de apropriação indevida supostamente pode ter gerado o descontentamento de alguns indivíduos, o que originou a fundação de outra sociedade recreativa em Laguna, também formada por afrodescendentes.

É interessante assinalar que analisando o livro de registro de sócios e atas de fundação das duas sociedades, encontramos alguns mulatos que circulavam pelo Cruz e Souza, todavia o contrário não ocorria, ou seja, os pretos eram impedidos de transitar no União Operária Após estas constatações, nossas pistas indicam que talvez não somente aquele conflito tenha gerado a separação entre os nossos protagonistas em Laguna. Presumimos que a gradação entre aqueles que se identificavam como pretos, e aqueles que se identificavam como mulatos foi determinante para a divisão e surgimento de outra sociedade recreativa devido ao quadro exposto por nossos depoentes, a cor da pele influenciou a construção dessas duas sociedades recreativas, e esse quadro até nos parece compreensível no contexto em que essas agremiações foram fundadas. Esses indivíduos que possuem a mesma ascendência, mas que não eram iguais estavam imersos em um mundo com uma mentalidade colonial, onde ser descendente de africano era sinônimo de ex cativo, e fugir desses estigmas e estereótipos era a melhor maneira de ser percebido como cidadão. Daí a aproximação de um grupo de não brancos de pele mais clara e o seu afastamento de um grupo de não brancos de pele mais escura.

Somente as memórias de nossos entrevistados afirmam que pretos frequentavam o Cruz e Sousa, e os mulatos o União Operária. Como nos indicam Marli Brum e João Manoel Vicente,

> O União Operária eram mulatos, geralmente mulatos claros era o caso da minha mãe né, e o Souza freqüentava os mais escuros pretos negros mesmo, então os negros pretos sonhavam um dia botar os pés na Operária sabe, isso contado pela minha mãe.[204]
>
> E você vê a fala que me interessou: Cruz e Sousa. Arcelino Gonzaga. Eu não conheci. Afonso Sabino, esse eu conheci. Afonso Sabino morava ali na Praça Cesar França de Magalhães. Era um mulato gordo, músico né. Adolfo Campos. Era um mulato também que trabalhava na Prefeitura né. [205] (sic)

Se as memórias desses depoentes afirmam que havia um clube para pretos e outro para mulatos, como explicar somente os mulatos transitando em ambas as agremiações? Como era

[204] BRUM, Marli. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 29 de janeiro de 2010. Entrevista.
[205] VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio César da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

feita essa classificação entre esses agentes sociais? E como eles classificavam quem era preto e quem era mulato?

Transcrevemos abaixo, a primeira diretoria do Cruz e Sousa anunciada no jornal, o então presidente José Thomaz de Oliveira, segundo fiscal na diretoria de 1904, e o tesoureiro Affonso Sabino, ambos faziam parte do quadro de sócios da Sociedade Recreativa União Operária,

> Presidente: José Thomaz de Oliveira
> Vice-presidente: José Antônio de Oliveira
> Thesoureiro: Affonso Sabino
> 1 e 2 secretários: João José de Souza e Antônio Sabino
> 1 e 2 procuradores: Algamil Luiz da Silva e Antônio Cardoso e
> 1 e 2 Fiscaes: Antônio Cabral e Antônio João Ventura[206]
> (sic)

Figura 10 - Primeira Sede da Sociedade Literária Cruz e Sousa
Fonte: ROSA, Júlio César da, 2009.

O Clube Literário Cruz e Sousa teve sua primeira sede na Rua Voluntário João Firmiano[207]. No dia 14 de outubro de 1906, sua nova sede fora inaugurada na Rua

[206] JORNAL O ALBOR. Laguna, 31 de maio de 1908. N. 291

Conselheiro Mafra[208]. No entanto, não conseguimos identificar qual casario daquele espaço era a sede do clube. E, no último endereço constava Rua Osvaldo Aranha, porém não encontramos registros que nos fornecessem a data da transferência para este último endereço, mas percebemos que todos os espaços ocupados pela agremiação ficavam localizados na região central de Laguna, assim como o clube União Operária.

Figura 11 - Terceira Sede da Sociedade Literária Cruz e Sousa, Localizava-se na Rua Osvaldo Aranha.
Fonte: MAREGA, Antônio Carlos.

No jornal Albor de 22 de agosto de 1915 havia quatro membros do União Operária que faziam parte também do Cruz e Sousa: o presidente José Thomaz de Oliveira, o vice-

[207] JORNAL O ALBOR. Laguna. 06 de agosto de 1906. N. 198.
[208] JORNAL O ALBOR. Laguna. 14 de outubro de 1906. N. 208.

presidente Antônio Felisberto da Rosa, negociante na cidade, Philastro C. da Cruz, profissão diarista, e o funcionário público Adolpho Campos. Em 13 de maio de 1917, o presidente em exercício era Affonso Sabino, vice-presidente era, José Thomaz de Oliveira, o orador oficial era Levy Limas, profissão carpinteiro e João Domingos profissão pintor e zelador do clube na nova diretoria do Cruz e Sousa, todos eram sócios também do União Operária.

Com estas evidências podemos perceber que as fronteiras desses espaços de sociabilidade e lazer eram rígidas como nos afirmaram nossos entrevistados. É o que aponta a existência de uma diretoria do Cruz e Sousa[209] composta em sua maioria por sócios do União Operária, e dessa vez, não encontramos somente três ou quatro membros e sim sete (presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretário, tesoureiro, orador, primeiro e segundo fiscal, faltando no anúncio os cargos de primeiro e segundo procurador e zelador) pessoas, sendo somente o primeiro fiscal, Prudêncio Martins que não fazia parte dos registros do União Operária, mas isso não significa que ele também não fosse membro daquela agremiação.

Essa negação ao acesso não ocorriam em ambos os clubes, conforme apontam as fontes somente os membros do União Operária faziam parte da diretoria e frequentavam o Cruz e Sousa, o inverso não acontecia. Desse modo, a rigidez dessas fronteiras nos espaços de sociabilidade nos possibilitou perceber que esses homens e mulheres não travavam constantes disputas. Seu Antônio Paulo Bento, afirma que possuía muitos amigos pretos, o que lhe possibilitava a entrada no Cruz e Sousa, além de ter amigos que eram sócios do clube, nosso entrevistado também contava com a figura do pai para facilitar sua autorização naquela agremiação, já que ele era uma pessoa muito conhecida em Laguna.

> Quer dizer, quem dançava lá no de preto não dançava cá, na Operária que, que era dos moreno tá!? Então era onde que eu, pra eu, tinha muito amigo naquela época, né, que também era preto, então não vinha no meu, que era no Operária. Eu então também não pudia ir no deles mas, custava, ás vezes, e dava uma escapada eu, e eu entrava né. Quer dizer, na hora h eles me conheciam também muito o meu pai, que eu sou filho do Manuel Bento, então. Aí naquele tempo o apelido do meu pai era Mané Bento, e era muito conhecido também aqui na laguna. Então eles diziam, ó esse aqui é filho do Mané Bento, deixa ir. Então agente... Eu ficava ali no meio dos pretinhos. Mas quando eles fosse lá no meu, na Operária, não tinha jeito que não entrava.210 (sic)

Não só a amizade com os pretos ou a figura popular do seu pai possibilitou a entrada do nosso entrevistado como ele enfatiza. A sua inserção naquele espaço se dava também pelo

---

[209] JORNAL O ALBOR. Laguna, 28 de abril de 1932, N. 1143.
[210] BENTO, Antônio Paulo. Entrevista concedia a Júlio César da Rosa. Laguna, 27 de janeiro de 2010. Entrevista.

fato do seu pai estar presente como segundo fiscal na diretoria da sociedade Cruz e Sousa formada no ano de 1932[211]. Seu depoimento deixa evidente que as relações entre pretos e mulatos, nada tinham de harmoniosas e sim eram permeadas de constantes disputas nos espaços proibidos.

Diferente do senhor Antônio Paulo Bento, o senhor Bento João Antônio, 75 anos aposentado da Eletrosul, destaca que tinha amigos mulatos, mas não frequentava aquele espaço,

> Não, eram meus amigos, mas nós não íamos, onde eles iam nós não íamos! Às vezes passavam por aqui e chamavam nós de macacos, nós éramos amigos, grandes amigos. Mas que eu me lembre não, os que eram da União Operária tinham cabelo bom, e não davam bola mesmo! Não davam bola. Todo mundo, eu, por exemplo, fui chamado de nego preto, [...]. Não preciso nem dizer para ti, mas eu andei bem vestido toda a vida, não tinha inveja de nem muito branco e nem muito de mulato, eu me dava bem com os mulatos tinha amigos meus aquela coisa toda, mas lá eu não ia, eles sabiam que eu não ia[212.]

Nosso entrevistado era achincalhado com termos pejorativos por amigos que ele identificava como mulatos, e aqueles o classificavam como preto. Contudo ele fez questão de enfatizar que um dos presidentes da Sociedade R. União Operária, o funcionário público Bento Brum, não existia essa separação entre pretos e mulatos "com o Bento Brum não tinha essa palhaçada, era um homem forte que trabalhava na estrada de ferro"[213]. E quando acontecia os bailes no União Operária, o próprio presidente em exercício, conforme nosso entrevistado, fazia questão de convidá-lo por meio de seu pai para que participasse das festas.

Segundo o depoimento do senhor Bento João Antônio parece-nos que esta divisão entre os clubes dependia muito mais do presidente que estava à frente da agremiação e não da maioria dos sócios que frequentavam estas sociedades recreativas. E conforme Maria Viana da Silva, dona de casa com 98 anos, viúva e residente em Laguna, existiam duas festas que eram organizadas por essas sociedades recreativas: a festa de Nossa Senhora do Parto e Nossa Senhora da Conceição. Salienta a nossa entrevistada, que os afrodescendentes de laguna possuíam cada um o seu espaço e sua festa específica

> Cada um tinha o seu clube né. Tinha o Cruz e Souza e a União Operária! A União Operária era dos mulatos. Mulatos! Da minha cor né?! E o Cruz e Souza era dos nego preto! Bem preto! e também tinha a festa da Nossa Senhora do Parto! Que era

---

[211] JORNAL O ALBOR. Laguna, 28 de abril de 1932, N. 1143.
[212] ANTÔNIO, Bento João. Entrevista concedia a Júlio César da Rosa. Laguna, 21 de janeiro de 2010. Entrevista.
[213] ANTÔNIO, Bento João. Entrevista concedia a Júlio César da Rosa. Laguna, 21 de janeiro de 2010. Entrevista.

> os mulatos que tomava conta. Os pretos! Os pretos tinham a Nossa Senhora da Conceição, que era a festa deles![214] (sic)

Identificando-se como mulata, a nossa entrevistada reforça que as festas organizadas pela Sociedade Recreativa Cruz e Sousa eram melhores, e ainda nos relata as tensões geradas pela retirada da santa, que os pretos homenageavam em sua festa

> É! Nós fazia uns baile muito animado! os baile dos pretos sempre diziam que era mais animado do que os da União Operária. Mais animado era dos pretos! Era! o mais animado! O Cruz e Sousa do que o baile da União Operária. É Nossa Senhora da Conceição era dos pretos. E a Nossa Senhora do Parto, era dos mulatos! Ai teve uma ocasião que o padre, queria tirar dos pretos, a santa! Ficar pra eles. Queria vender, pra outro lugar! é, pra tirar dos pretos. E mandar pra um lugar. Ai já tava no caixote já encaixotado, que era pra ir não sei pra onde é. Ai o, fizeram uma briga os nego, me lembro da falecido Afonso, que morava no Magalhães. Nós saímos do colégio, ai todo mundo foi ver aquela brigassada que queriam que o padre queria tirar a santa é, pra tirar dos pretos. E mandar pra um lugar encaixotaram, e iam mandar pro estrangeiro, não sei o que era! Vendida! No navio! Naquele tempo era! Ai os nego descobriram, ai vieram na igreja. Seu Afonso tava de manga de camisa, brigando pra tirar assim que o padre, pra tirar de dentro do caixote e botar no altar, ai os nego aqui tomava a conta da santa no altar e que não era pra tirar a santa e mandar pro estrangeiro, conseguiram. Fizeram uma brigassada na igreja, ai a gente saio do colégio pra ver! Encheu toda igreja! O seu Afonso era um nego preto! Suava que só vendo!, ai tiraram mesmo! Tiraram e colocaram como ele queria! (sic)

Conforme nossa entrevistada, os pretos cuidavam da santa no altar e organizavam a festa em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Suponhamos que no momento em que ocorria a festa dos pretos em homenagem a essa santa, houvesse manifestações culturais das populações de origem africana, que desagradavam tanto o padre quanto as elites locais, culminando na venda da santa para que a festa dos pretos fosse encerrada. Essa é somente uma hipótese, porque não temos vestígios suficientes para responder, quais motivos levariam o sacerdote a vender a santa, deixando seus fiéis sem sua referência devocional.

Porém, a nossa entrevistada nos fornece indícios de que as classificações dos afrodescendentes no Brasil é algo impreciso. Para Maria Viana da Silva, o senhor Afonso era um “nego preto” como ela afirma na citação acima e, confrontando seu depoimento com de outro entrevistado, o radialista João Manoel Vicente, aquele era um mulato, como ele afirma, “Affonso Sabino, esse eu conheci. Affonso Sabino morava ali na Praça César França de Magalhães. Era um mulato gordo, músico né”[215]. A nossa depoente não especifica o sobrenome do nosso personagem que enfrentou o padre, conquistando o direito de ter a santa

---

[214] SILVA, Maria Viana da. Entrevista concedia a Marilise Luiza Martins dos Reis. Laguna, dezembro, 2010. Entrevista.

[215] VICENTE, João Manoel. Entrevista concedida a Júlio Cesar da Rosa. Laguna, 28 de janeiro de 2010. Entrevista.

novamente no altar da Igreja Santo Antônio dos Anjos. É possível que seja a mesma pessoa e ambos classificam esse homem com categorias distintas.

Provavelmente ele estava sendo classificado por ambos, valendo-se de suas próprias referências e identificações, ela se classifica como mulata, e vê esse sujeito como preto e o outro por ser eurodescendente identifica-o como mulato. O mesmo sujeito fazia parte das duas sociedades recreativas, como apontam nossas fontes. Talvez para esse cidadão afrodescendente de Laguna, as nuanças da pele não fizeram diferença, não impediram sua circulação em ambas as agremiações. E como afirma Lilia Moritz Schwarcz "afinal, estabelecer uma 'linha de cor' no Brasil é ato temerário, já que essa é capaz de variar de acordo com a condição social do indivíduo, o local e mesmo a situação" [216].

De acordo Maria Viana da Silva, o clube União Operária era frequentado por pretos que tinham certo poder aquisitivo, confirmando a afirmação de Schwarcz, que a situação financeira permitia a entrada de pretos na sociedade, como nos relata nossa entrevistada "mas tinha preto também na União Operária!, tinha uns preto pouzudo, de classe média! É, mais preto que também era dali! [da União Operária] mas preto, mas desde que tivesse assim, uma vendinha, ai podia ir pra União Operária, é uma coisa assim"[217]. (sic)

Ademais de temerária a identificação racial no Brasil sempre foi, e é um fato mal resolvido, como assinala Ilka Boaventura Leite, "retirados de sua categoria de conceito, os termos usados para nomear os povos estudados foram utilizados como senão tivessem uma carga simbólica, como se fossem 'neutros'"[218]. Além de não serem neutros esses termos carregam em sim uma carga subjetiva como afirma a autora, e pensar estas categorias como, negro, preto, mulato e pardo, tomando-se por base a "uniformização elaborada pelos sistemas racionalistas do século XIX"[219], corre-se o risco de cometer anacronismos, olhando para o passado com os olhos do presente e não com "os olhos de quem viveu", não para captar "somente todo sofrimento e ruínas", porém para entender como esses agentes históricos se percebiam e viam o mundo em que viveram.

Portanto, essa pesquisa, compreende em perceber esses agentes sociais em seu contexto, e qual era o sentido de preto e mulato para esses indivíduos. Ao longo dos séculos

---

[216] Schwarcz, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na intimidade. In: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo. Companhia da Letras. 1998, p. 182.

[217] SILVA, Maria Viana da. Entrevista concedia a Marilise Luiza Martins dos Reis. Laguna, dezembro. Entrevista

[218] LEITE, Ilka Boaventura. **Ser "negro":** os sentidos da cor e as impurezas do nome. Trabalho apresentado para o concurso de professor adjunto a Cadeira de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais na UFSC. 1987, p. 6.

[219] MAFESOLI, 2005, p. 62.

tais termos tiveram determinados significados. No entendimento de Hebe Maria Mattos[220] e Paulino de Jesus F. Cardoso[221]: mulato era a pessoa de origem africana de pele clara; o termo pardo significava o escravo descendente de homem livre (branco) ou nascido livre, mas com as marcas da ascendência africana; preto designava a origem africana do escravo; crioulo era o escravo nascido no Brasil. "Já a palavra 'negro' designava sempre a condição cativa do indivíduo" [222]. E após a escravidão no Brasil,

> 'Negro', tornou-se primeiramente sinônimo de escravo. Sobretudo após a Abolição, o termo passou a designar: ' malandro', 'marginal', e outros sentidos desqualificadores. Tornada 'cidadã de segunda categoria' a população de origem africana sempre carregou consigo o fardo desse nome. Sua origem lhe foi negada e sua identidade quer seja social, 'racial' ou 'étnica', está vinculada até hoje a adjetivos. [223]

O termo mulato em meado do século XIX, como verificou Hebe Maria Mattos nos processos civis e criminais é interpretado da seguinte maneira "apenas quando qualificava forros e escravos o termo 'pardo' se reduzia ao sentido de mulato ou mestiço, que freqüentemente lhe era atribuído" [224]. Nossos entrevistados em momento algum se identificaram como "negros", eles sempre afirmavam que foram sócios e frequentadores do clube de pretos e do clube dos mulatos, indo ao encontro da interpretação de Cardoso que,

> Dificilmente um africano ou afrodescendente reivindicaria uma identidade negra. Pois, este termo, antes de tudo era sinônimo de escravo, expressava a condição jurídica de determinados indivíduos, e quem sabe, expectativas de comportamento de libertos e cativos por parte dos membros da classe senhorial.[225]

No caso das populações de origem africana, a utilização do termo negro é ainda um problema; como enfatiza Paulino Cardoso, em *A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX*, o termo negro constitui uma noção problemática na medida em que tende a naturalizar uma visão racializada

---

[220] MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do Silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.30.
[221] CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: as experiências das populações de Desterro na segunda metade o século XIX. Tese de Doutorado, PUC/SP, 2004.
[222] CARDOSO, 2005, p.203.
[223] LEITE, 1988, p. 8.
[224] CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **A cor inexistente**: relações raciais e trabalho rural no Rio de Janeiro pós-escravidão. Estudos afro-asiáticos (28); 101-127, outubro de 1995.
[225] CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Para além do racismo e da negritude:** pensando as experiências das populações de origem africana em Florianópolis no século XIX. Mimeo.

do mundo[226]. A carga simbólica que o termo negro traz no imaginário coletivo não é tão autônoma da categoria "raça" como destaca D´Adesky. O termo negro carrega todos os problemas ideológicos, que justificaram a escravização de seres humanos e as práticas racistas contemporâneas.

O sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães responde à pergunta que nós fazemos quando pensamos em identificar os grupos sociais, deslocando da ideia de raça. O autor destaca, que a partir do momento em que deixarmos de identificar os grupos sociais direta ou indiretamente com marcadores raciais, e "quando as desigualdades, as discriminações e hierarquias sociais não corresponderem a esses marcadores", talvez possamos contrapor as ideias essencialistas, para pensar em identidades diferenciadas, fugidias, contraditórias.

É nessa perspectiva, que pensamos nos conflitos e na construção de duas sociedades recreativas formadas por afrodescendentes. Não consideramos esses sujeitos como um grupo homogêneo, como um bloco monolítico, e sim como seres humanos que constroem alianças, pautadas em afinidades, subjetivas, interesses econômicos, amorosos e políticos, visando viver da melhor maneira possível de acordo com seus interesses. Não participamos da representação de que esses homens e mulheres por possuírem características fenotípicas comuns estejam isentos de conflitos, contradições, disputas que levam a hierarquização dessas categorias.

A relação que essas sociedades recreativas estabeleciam com outras agremiações da cidade de Laguna, se intensificava somente no carnaval, esse era o momento em que ambas sociedades recreativas de afrodescendentes e eurodescendentes partilhavam do mesmo espaço. No carnaval todos os clubes faziam apresentações de seus blocos de carnaval, desfilando suas fantasias, na passagem nas agremiações da cidade. Momento a meu ver de maior proximidade entre esses sujeitos nos mesmos espaços de sociabilidade e lazer, mas não foi suficiente para diminuir o preconceito, a exclusão e discriminação nesses ambientes.

O clube Cruz e Sousa, de Laguna conhecido como clube dos pretos, teve suas atividades encerradas em meados de 1950. Esta agremiação também utilizou das mesmas ferramentas que o Clube União Operária para divulgar suas ações, como: festas, peças teatrais, eleições de diretorias, que nos possibilitaram através desses registros deixados por essa sociedade responder algumas perguntas feitas no início do capítulo.

---

[226] CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A vida na escola e a escola da vida**: experiências educativas de Afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÂO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (coleção educação para todos). P. 172-3.

Infelizmente, os registros deixados pela agremiação não foram suficientes para apreender o cotidiano dela, os registros dessa sociedade como as Atas de Reuniões, entre outros documentos, que pudessem dar mais sustentação para nossa pesquisa não foram encontrados. Com o encerramento das suas atividades, os documentos existentes se perderam, restando apenas a Ata de fundação localizada no Cartório de Registro Civil de Laguna, os anúncios feitos no jornal ***O Albor***, além das poucas pessoas vivas, que conheciam a sua história e concordavam em contá-la.

Essas dificuldades encontradas, sobretudo a de conseguir quem conhecesse a história do Clube Cruz e Sousa foi um dos grandes impedimentos para que eu avançasse a pesquisa em alguns aspectos. Aqueles que poderiam me ajudar nesse sentido, os afrodescendentes mais velhos de Laguna, não estão mais presentes entre nós, mudaram-se da região, ou já não tinham saúde o suficiente e lucidez para responder meus questionamentos.

Mesmo diante dessas dificuldades, e com os vestígios deixados por essa agremiação foi possível registrar e tirar do esquecimento, esses sujeitos que vivenciaram diversas histórias na cidade de Laguna. Como o senhor Affonso Sabino, que brigou com o padre para que a santa de devoção dos pretos não saísse do altar da Igreja, do senhor Bento João Antônio, vulgo “Bentinho”, um senhor muito simpático e atencioso que se autoclassificou como preto e se dispôs a contar a sua participação nessa sociedade como frequentador, e um exímio bailarino. E o senhor Pedro Victorino dos Santos, que não se calou diante das “paixões” do Clube União Operária em ver seu nome no jornal, indicando-o como um devedor e solicitando ao público que fizesse seu julgamento.

Como afirmamos no decorrer da pesquisa, os indícios de que as agremiações foram fundadas com base na distinção de “cor” não foram o suficiente para tal resposta, embora não invalidam tal hipótese porque essas categorias como destacou, Leite, Cardoso e Viana, não são termos isentos de significados, bem como os seus diferentes usos e sentidos não deixam de ser carregados de conteúdos hierarquizantes. A falta de tempo também impossibilitou o aprofundamento dessas questões, mas o amadurecimento no decorrer da pesquisa me fez perceber os caminhos que podem ser percorridos para responder as lacunas deixadas no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa compreendeu em apresentar os estudos sobre as sociedades recreativas, especificamente o “União Operária” e “Cruz e Sousa”, espaços autônomos de sociabilidade, lazer e visibilidade construídos em Laguna, Santa Catarina, no pós-Abolição. Esstas sociedades recreativas e beneficentes surgem em alguns Estados do país, com a intenção de instruir, capacitar e auxiliar os afrodescendentes. Muitas vezes foram ações efêmeras, mas que possibilitaram a essas pessoas acesso a bens materiais a culturais, sem deixar de festejar a vida.

Consideradas como espaços beneficentes e culturais por alguns estudiosos, esses espaços de lazer, onde o lúdico muitas vezes teve espaço privilegiado, pode-se concluir que essas agremiações não eram única e exclusivamente sociedades dançantes. Esses territórios foram locais de intervenção de uma parcela das populações de origem africana que, uma vez inseridas nesses ambientes, tinha a possibilidade de estudar, se profissionalizar, estabelecer laços de solidariedade relações de compadrio sempre respeitando as convenções sociais e os rígidos códigos de conduta.

Dessa forma, pensar essas instituições sociais como apenas sociedades dançantes, é perder de vista as formas autônomas que esses sujeitos organizavam e pensavam suas vidas e como essas redes de relações foram duráveis e úteis para que esses indivíduos tivessem acesso a benefícios sociais e simbólicos.

Além de ser pensada como espaço somente de divertimento um das principais características desses estudos foi perceber essas agremiações como um local de construção de identidade negra, perspectiva que discordo por perceber esses sujeitos na sua pluralidade. A insistência em atribuir aos afrodescendentes uma identidade negra, acaba-se por reforçar a noção de “raça” fortalecendo os essencialismos e racializando as populações de origem africana. Identificando-los como um grupo homogêneo, afirmando que eles formam alianças simplesmente por partilharem certos traços físicos comum é uma interpretação frágil, que não explica a múltiplas vivências e experiências dessas populações.

As sociedades recreativas Cruz e Sousa e União Operária são espaços autônomos, onde os frequentadores homens e mulheres procuraram viver e se relacionar de acordo com seus interesses. Os clubes não estavam isentos de conflitos, contradições e uniões. A existência de dois clubes na cidade construídos por afrodescendentes na perspectiva racialista isso seria racismo entre os afrodescendentes. No entanto, as fontes nos indicaram o contrário,

existia uma circulação de pessoas, homens que eram sócios do União Operária e faziam parte da diretoria do Cruz e Sousa. Como não tivemos acesso aos documentos do Clube Cruz e Sousa, não foi possível identificar o caminho inverso, porém isso não significa que não ocorresse o contrário. A escassez de fontes sobre o clube dos pretos não possibilitou os avanços nesse sentido, mas compreender que estes termos pretos e mulatos carregaram diferentes sentidos e significados em contextos históricos distintos, permitindo que a compreensão de como a classificação racial no Brasil foi e é ambígua e complexa, e a utilização de termos como "raça", "negro", e "identidade negra" dificultam compreender as populações de origem africana em sua pluralidade, uma vez que a utilização desses termos acaba negando a sua diversidade.

Além dos conflitos existentes entre esses sujeitos esses locais foram de grande importância para as populações de origem africana dessas regiões, pois nesses espaços os mesmo construíram sua autoestima, formaram famílias, ascenderam socialmente, lutaram por cidadania, visibilidade e respeitabilidade.

O tempo exíguo e a ausência de algumas fontes não permitiram preencher algumas lacunas como, por exemplo, quem foram os professores que lecionaram na escola do clube União Operária; e quais os conteúdos ministrados, também não foi possível traçar a trajetória pessoal e profissional de alguns membros do Cruz e Sousa que, possivelmente, eram pessoas influentes entre os pretos, haja vista a constante permanência de alguns personagens, figurando nos anúncios do jornal ***O Albor*** entre os membros da diretoria do clube, entretanto a falta de registros nos impossibilitou, ficando o desafio em encontrar fontes para pesquisas futuras.

Contudo, mesmo com algumas lacunas e perguntas pertinentes que se estendem, como já dito a novos estudos. O desenvolvimento desta dissertação de mestrado é resultado dos nossos esforços para documentar a presença de afrodescendentes no sul do Estado, com a intenção de tornar evidente a importância desses lugares como pontos estratégicos para seus frequentadores inserirem-se na sociedade.

REFERÊNCIAS

A; GILL, L. A. **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

AGUIAR, Márcio Mucedula. **As Organizações Negras em São Carlos**: Política e Identidade Cultural. São Carlos. Universidade Federal de São Carlos. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

AGUIAR, Márcio Mucedula. **Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro:** a história do grêmio recreativo e familiar flor de maio em São Carlos – SP. Interações - Cultura e Comunidade / v. 2. N. 2 / p. 91-105 / 2007.

ALBERTI, Verena. **Tradição Oral e História Oral**: proximidades e fronteiras. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral, vol.08, n.1, janeiro a Junho de 2005.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru, SP: EDUSC, 1998. p, 40.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 302p.

ARAUJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral:** reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira Republica**.** São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Beatriz Ana. **Negros:** Organizações e Lutas em Pelotas. Disponível em <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/Beatriz_Loner_Volume_05.pdf>Acesso em: 27 abr. 2010. LONER. B.

BERNALDO, Pedro Paulo. **Sociedade recreativa União Operária:** Um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra criciumense (1950-1970) 2005. Monografia Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina.

BILÉSSIMO, Ângelo. **Entre a praça e o porto:** grandes fortunas nos inventários post mortem em Desterro (1860-1880). Itajaí: Casa Aberta: UDESC, 2008.

BITENCOURT, João Batista. **Clio positivada:** a artesania da cidade histórica de Laguna. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

BITENCOURT, João Batista. **Da cultura política do estado novo**: o condicionamento cívico. Revista Esboços n° 14 – UFSC.

BITENCOURT, João Batista. **Da salubridade à eugenia**: cidade e população no Estado Novo. Espaço plural, Ano VIII, nº 17, 2° semestre 2007, p. 55-64.

BITTENCOURT, Iosvaldyr. A Esquina do Zaire. *In*: LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil. Florianópolis**: Letras Contemporânea, 1996, p. 221.

BOHRER. Felipe Rodrigues. **Os meios formais-institucionais de organização negra em Pelotas na década de 1880: o caso das sociedades beneficentes.**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 12. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 411.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia**: uma construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRITTO, Ieda M. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930**): um exercício de resistência cultural. São Paulo. 1986. Dissertação em Ciências Sociais. Universidade de São Paulo-USP. São Paulo.

BURKE**,** Peter**. A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CABRAL, Oswaldo R. **Laguna e outros ensaios.** Florianópolis: IOESC, 1939.

CAMPOS, Gizely Cesconetto De. **Patrimônio edificado de Laguna**: conhecer, interpretar e preservar. Tubarão 2007. Dissertação (Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL, p. 41.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis***:* Relações sociais e econômicas. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis:** aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional. São Paulo Ed. Nacional, 1960.

CARDOSO, Mirian P. **Identidade** - os diferentes olhares: (re) construções e representações. In: *Tempos Acadêmicos*, n. 3, 2005. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2005.

CARDOSO, Paulino de Jesus F. **A luta contra a apatia.** Estudos sobre a Instituição do Movimento Negro Anti-racista na cidade de São Paulo (1915-1931). Dissertação de Mestrado em História, PUC/SÃO PAULO, 1993.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX.** In: ROMÃO, Jeruse. História da educação do Negro e outras histórias. Brasília: SECAD. 2005.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: as experiências das populações de Desterro na segunda metade o século XIX. Tese de Doutorado, PUC/SP, 2004.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Para além do racismo e da negritude:** pensando as experiências das populações de origem africana em Florianópolis no século XIX. Mimeo.

CARDOSO. Fernando Henrique**. Negros em Florianópolis**: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000, p. 125-126.

CARUSO, Marilea Martins Leal; CARUSO, Raimundo C. **Índios, baleeiros e imigrantes:** a aventura histórica catarinense. Tubarão: Unisul, 2000, p. 81.

CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido. **Negros de Lages:** memória e experiência de afrodescendentes no planalto serrano. Florianópolis. Universidade do Estado de Santa Catarina. Trabalho de conclusão de Curso (graduação história). 2001.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república.** São Paulo: Brasiliense, c 1989.p. 54-80.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **A cor inexistente**: relações raciais e trabalho rural no Rio de Janeiro pós-escravidão. Estudos afro-asiáticos (28); 101-127, outubro de 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.202.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril:** cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 19.

COSTA, Sergio**. A Construção Sociológica da Raça no Brasil.** Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 1, 2002, p. 35-61

CRISPIM, Cristine Santiago. **Memórias e olhares**: Um estudo sobre as experiências de normalistas afrodescendentes de Criciuma. 2002. 74 f. Monografia - Universidade do Estado de Santa Catarina.

CUTI. LEITE, José Correia (org.). **E disse o velho militante Jose Correia Leite: depoimentos e artigos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DALL ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880:** documentário**.** Florianópolis: Lunardelli: UDESC, 1979.

DAUWE, Fabiano. **Estratégias Institucionais de Liberdade**: um estudo acerca do Fundo de Emancipação dos Escravos em Nossa Senhora do Desterro 1872-1888. Trabalho de Conclusão de Curso em História, UDESC, Florianópolis, 2001.

DAVIES, Frank Andrews. **A Vida Associativa do Negro no Rio de Janeiro (1940-1950):** uma interpretação a partir das obras de Costa Pinto e Sonia Giacomini. Revista Habitus. Vol 5 – ano 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea**. Projeto História. São Paulo, n.17, p. 223-258, Nov.1998.

DOMINGUES Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**.

DOMINGUES, Petrônio José. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada:** negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

ESCOBAR, Giane Vargas **Clubes Sociais Negros:** lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. Universidade Federal de Santa Maria. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Santa Maria.

ESCOBAR, Giane Vargas; MARTINS, João Carlos**. Levantamento dos Clubes Sociais Negros do Brasil como Lugares de Memória**: Cidadania, Inclusão e Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial Afro-Brasileiro. Santa Maria-RS. 2009.

Eunice. S.; SERPA, Elio. C.; MERGENER, Flávia. DEL PRA NETTO, Cláudio. **Laguna e Lages**: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. In: Revista Catarinense de História nº 3. 1995.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Dominus: Ed. Univ. S. Paulo, 1965. 2 V.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos & abusos da historia oral.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente:** identidade em construção. 1. Ed Rio de Janeiro: FAPESP, 2004.

FERREIRA. Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. In: Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp314-332. Disponível em: <em:http:/ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>

FONSECA, Marcus Vinícius. **A Educação dos Negros**: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002.

FONSECA. Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Frederick Cooper, Thomas C. Holt e Rebecca J. Scott. **Além da Escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-abolição**. RJ: Civilização Brasileira, 2005.

GEERTZ, C. **Uma Descrição Densa**: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

GIACOMINI**,** Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube (Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006).

GIACOMINI, Sonia Maria. **Elite Negra e o Drama de ser Dois**: Sociabilidade num Grupo de Negros no Rio de Janeiro.

GILROU, Paul. **O Atlântico negro:** modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.

GOULART FILHO, Alcides. **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade futura, 2004.

GUEDES JUNIOR, Valmir. **Porto da Laguna:** a luta de um povo traído**.** Florianópolis: [s. n.], 1994, p. 13.

GUIMARAES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed.34, 2002.

GUIMARAES, Antônio Sérgio Alfredo. **Combatendo o racismo**: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. Rev. bras. Ci. Soc. São Paulo, v. 14, n. 39, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acessado em: 11 out. 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Como trabalhar com "raça" em sociologia.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HABERMAS, Jurgen. **A inclusão do outro:** estudos de teoria política. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 404 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUYSSEN, Andréas. **Passados presentes**: mídia, política amnésia. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, momentos, mídia. Tradução de Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IOKOI, Zilda Maria Grícoli (Coord.). **Negro e Negritude**. 2ª ed. SP: Loyola, 1997.

JESUS, Nara Regina Dubois de. **Clubes sociais negros em Porto Alegre - RS**: A análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite, Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial. 2005. Dissertação (mestrado em sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), Rio Grande do Sul.

JUVENAL, Ildefonso. **Laguna engrandecedora da historia catarinense.** Florianópolis: [s.n.], 1944.

LAGUNA: **Três séculos de brasilidade**: dados e informações sobre o município. Laguna: Prefeitura Municipal, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LEITE, Boaventura Ilka (org.). **Negros no sul do Brasil:** invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEITE, Ilka Boaventura. **Ser "negro":** os sentidos da cor e as impurezas do nome**.**.Trabalho apresentado para o concurso de professor adjunto a Cadeira de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais na UFSC. 1987, p. 6.

LONER. B. A; GILL, L. A. **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas.** Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

LONNER, Beatriz Ana. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. 1999. Tese. (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Porto Alegre.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna:** de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LUCINDO, Willian Robson Soares. **Educação no pós-Abolição**: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931). 2010. Dissertação (mestrado em história). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC), Florianópolis.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político:** a tribalização do mundo pós-moderno. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005. 230 p.

MARIA, Maria das Graças. **"Imagens Invisíveis de Áfricas Presentes"**: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis – 1930 a 1940. Dissertação de mestrado em História, UFSC, Florianópolis, 1997.

MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silencio**: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XIX. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1998.

MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas**. **Revista TOPOI**, vol. 5, n. 8, jan/jun 2004, p.170-198.

MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1988. PINTO, L A Costa. **O Negro no Rio de Janeiro:** relações de raças numa sociedade em mudança**.** São Paulo (SP): Companhia Editora Nacional, 1953.

NASCIMENTO, Maria Augusta Geremias Do. A **Socialização do escravo em tempos de transição à Liberdade**: Julia Chrispina Do Nascimento, Mulher Negra E Professora (Laguna, Sc - 1884/1947). Tubarão. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação).

NOGUEIRA, João Carlos. (Coord.) **Multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular**. Florianópolis: Atilende, 2002. 169 p. (Série Pensamento Negro em Educação).
OLIVEIRA, Laiana Lannes de**. A Frente Negra Brasileira:** Política e Questão Racial nos anos 1930". Mestrado em História Política 2002.

ORSI, Bernadete. **Clube 13 de Maio:** um estudo sobre um território negro na área urbana de Tijucas. 1999. Monografia (especialização) Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

ORSI**,** Bernardete. **Clube 13 de Maio:** um estudo sobre um território negro na área urbana de Tijucas. 1999. Monografia (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

PESSANHA, Andréia Santos**. Da abolição da escravatura à abolição da miséria**: a vida e as idéias de André Rebouças. RJ: Quartet; Belford Roxo, RJ: UNIABEU, 2005.

POLLAK Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RASCKE, Karla Leandro. **Resolveo a mesa que pelo menos houvesse huma missa Resada:** festas, procissões e celebração da morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos em Desterro/SC - 1860 a 1890. 2009. Monografia (graduação) - Universidade *d*o Estado de Santa Catarina Florianópolis.

REIS, Aloísio. **Brinca quem pode**: territorialidade e (in) visibilidade negra em Laguna Santa Catarina. Florianópolis. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Estado de Santa Catarina-UFSC, p. 42.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Vozes e Políticas da Diáspora na América Latina e Caribe**: a red de mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora como movimento transnacional afrodiaspórico. Mimeo. 2010. p. 12.

REMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe. **Questões para a História do presente**. Bauru: Edusc, 1999.

RÉMOND. René. Porque a história política? **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p.7-19. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/130.pdf>. Acesso em: 3 out. 2008.

RIOS, Ana Lugão. MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do Cativeiro**: família, trabalho e cidadania no pós-Abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RIOS, Ana Lugão**. Migração de negros no pós-abolição: duas fontes para um problema.** Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 3 de outubro de 2008.

ROSA, Júlio César da. **União Operária**: Resistência e Manifestação Cultural Negra em Criciúma na Década de 30, 2006. Monografia – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

SÁ, Antonio Fernando de Araujo**.** A história do tempo presente como tempo da memória**. p.1** Disponível em: <http://www.semina.clio.pro.br/4-1-2006>**.** Acesso em: 3 out. 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 129 p.

SAUL, Ulyssea. Laguna de 1880. Florianópolis: IOFSC. 1943, p. 16.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na intimidade. In: História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo. Companhia da Letras. 1998, p. 182.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ,

SILVA, Antonio Ozaí da A. **A representação do negro na política brasileira**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/040/40pol.htm>. Acesso em: 3 out. 2008.

SILVA, Joselina. **A União dos Homens de Cor**: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Estudos Afro-Asiáticos***,** Ano 25, no 2, 2003, pp. 215-235

SILVA, Joselina. **Renascença, Lugar de negros no plural**: construções identitárias em um clube social de negros do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro.2000.

SILVA, Mariana Albuquerque Laiola da Silva. **O outro lado da história: o negro na sociedade de Londrina.**

SILVA, Selma Maria da. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos**: práxis de africanidade. Rio de Janeiro: Quartet: Universidade do Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. (Cadernos Sempre Negro), 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estados culturais. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 133 p.

SILVEIRA, Janaina Nailde da. **Nos Bailes da Vida**: Sociedade Sebastião Lucas – Espaço de sociabilidade dos afro-descendentes em Itajaí. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em história). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí.

SIMÃO, Maristela dos Santos. **Lá vem o dia a dia, lá vem a virge Maria agora e na hora de nossa morte:** a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em Desterro (1860-1880). Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina. 2006.

SIMIANO, Mariléia. **A Sociedade Recreativa União Operária**: Um estudo sobre um território negro na cidade de Criciúma. 2002. Monografia - Universidade do Estado de Santa Catarina.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

THOMPSON, E.P. **O termo ausente**: experiência. In.: A Miséria da Teoria, 1981.

ULYSSÉA, Ruben. **Laguna:** memória histórica. Brasília: Letrativa.

UNGARETTI, Noberto Ulysséa. **Laguna:** um pouco do passado. Florianópolis: Ed. do Autor, 2002.

VALENTE, Ana Lúcia. **Ser negro no Brasil hoje.** 14 ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

VIEIRA, Maria Regina Chagas de Sousa. **Linguagem discriminatória no trato social com o negro.** Criciúma, SC: FUCRI/UNESC, 1996.

VIANA, Larissa**. O idioma da mestiçagem**: as irmandades de pardos na América Portuguesa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 2007.

ZUBARAN, Maria Angélica. **Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas.** Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 161-187, jul. 2008.

FONTES

Jornal O Albor 1900 a 1950

Censos populacionais dos anos de 1900 a 1950, IBGE

Mapas do perímetro urbano e imagens da cidade do inicio do Século XX, IPHAN

Entrevistas

Livros Atas da Sociedade Recreativa União Operária, 1919 à 1952

Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária 1919 à 1952.

Estatutos das Sociedades Recreativas União Operária, 1965.

Estatuto da Sociedade Literária Cruz e Sousa, 1948.

ANEXOS

nião Operaria

passagem do 4º anniversa-
o, a Sociedade Recreativa
aliza hoje, nos salões do
á rua Tenente Bessa, or-
a e externamente com re-
capricho, um baile que
ndido e ao qual dará ini-
da sociedade, executado
dos Artistas e cantado
enhoritas.
te hymno, cuja lettra pu-
tro logar d'esta folha,
o do nosso apreciado colla-
foi composta por um dis-
o sr. dr. Moreira Gomes.
rém, ensaiada conveniente-
lta de tempo, será substi-
ligeiro arranjo do sr. Pe-

memorando a mesma data,
eio dia uma sessão solem-
anda musical *União dos*
attrahente retreta.
ssos calorosos parabens á
ariante, agradecemos-lhe a
e que nos enviou e alme-
prosperidades e uma bri-

olhinha

von Frankenberg-Lu-
o commerciante impor-
or d'esta praça, proprie-
nte serraria situada em
nte da Companhia de
o da Barra e Campos e
x» e «Meta», distinguio-
a de uma folhinha de
em bellissimo e artis-
penhorados agradece-

arnaval

este anno nos bailes de di-
e no *Zé Pereira* que a S.
RANY pretende fazer sahir
a-feira, as festas do Carna-
:
izar-se-ão da fórma seguin-
alões do CLUB BLONDIN;
CONGRESSO LAGUNENSE e
BRO; segunda-feira, nos
NITA GARIBALDI e 12 DE
-feira, nos do CONGRESSO
S BLONDIN, SETE DE SETEM-
ZA.

Merim

a que gentilmente nos foi
s ter sido inaugurada em
a estação telegraphica d'a-
unense.

Hymno da S. R. União Operaria

— União — é a nossa divisa,
o — Trabalho — o nosso pendão;
é por ella que tudo vencemos,
é por elle que temos acção.

Sacra flamma nos inspire,
e possa ser legendaria
a liga de sentimentos
da — União Operaria —.

— Instrucção — é o nosso pharol,
que, brilhante, nos guia e conduz;
será ella que nos erga o espirito
e nos leve ás paragens da luz.

Sacra flamma nos inspire,
e possa ser legendaria
a liga de sentimentos
da — União Operaria —.

O — Recreio, — que é a alma da vida,
e é da vida silente orvalho,
o — Recreio — é uma outra divisa
que pozemos a par do — Trabalho —.

Sacra flamma nos inspire,
e possa ser legendaria
a liga de sentimentos
da — União Operaria —.

E — Trabalho, — Instrucção — e — Recreio,
trilogia redimente d'um povo,
ser-nos-ão sempre vivo apanagio,
dar-nos-ão um vigor sempre novo.

Sacra flamma nos inspire,
e possa ser legendaria,
pelo querer de seus filhos,
a — União Operaria —.

Laguna, 17 — 1 — 1907.

EZEQUIEL.

«Arauto»

Com a auspiciosa entrada do Anno Novo, o nosso distincto collega ARAUTO,

D. I

Regressa
fôra visitar o
chegou no dia
afim de despe
ses, s. ex. revo
mente transfe
que pertence
temente dirigi
O illustre
ram tributada
de respeito e
quer em Flor
para onde seg
missa pontifi
tas.
Acompan
trado coestad
Oliveira, seu
Cumprin
O ALBOR faz
de.

Imp

A thes
dendo á col
nuação de
no corrente

Com des
percorrerá u
Santa Marth
e o *Primeir*
Rio Grande,
força da nos
compõe dos
caça-torpede
e *Pedro Aff*
Constant, Ta
rebocador *A*
A bordo
colas pratica
dos, de artil
tas, assim co
aspirantes m
2os. tenentes
já bastante
foram, em to
jovens offici
bordo unica
formados.
Esta fo
mezes que d
exercicios pr
no conhecim
soal no man
ção de todas

Do i
estabelecim
SOUZA SOA

Relação de Profissão dos sócios contribuintes União Operária.

Profissão	**Número de profissionais**
Açougueiro	1
Agente	13
Ajustador	1
Alfaiate	7
Artista	6
Caixeiro	4
Carpinteiro	20
Carroceiro	9
Chofer	8
Comerciante	8
Comércio	3
Confeiteiro	1
Conferente	1
Copeiro	1
Cozinheiro	12
Diarista	41
Empregado	6
Empregado Público	5
Encanador	1
Enfermeiro	1
Engraxate	1
Escriturário	2
Estivador	12
Ferreiro	9
Fogueteiro	5
Foguista	3
Funcionário Federal	9
Funcionário Municipal	2
Garçom	1
Hoteleiro	1
Maquinista	2
Marceneiro	1
Mecânico	1
Militar	1
Negociante	13
Operário	64
Ourives	1
Padeiro	3
Pedreiro	19
Pescador	2
Pintor	18
Portuário	4
Professor	1
Sapateiro	7
Servente	10
Telegrafista	5
Tipógrafo	4